

Diário de Lisboa

ANO 69 N.º 22 977

Terça-feira, 30 de Maio de 1989

Preço 50\$00

Redução de mísseis e forças convencionais na Europa

DESARMAMENTO DESEMBUSHA

Contragolpe de mestre? Vitória da Alemanha Federal? Várias são as interpretações possíveis sobre a decisão tomada pela NATO — sob proposta de George Bush — de negociar com a URSS uma redução de mísseis nucleares de curto alcance na Europa, desde que Gorbachev aceite um corte nas suas forças convencionais

Pág. 18

ARGENTINA
ALFONSÍN DECRETA
ESTADO DE SÍTIO

CHINA
PROTESTOS
NÃO PERDEM FORÇA

Pág. 19

George Bush
cumprimenta
o secretário-
geral Manfred
Woerner



DESTACÁVEL «DL»: «ULISSES» (JAMES JOYCE)
— O MONÓLOGO INTERIOR DO SÉCULO XX

UM PROCESSO COM ALGUM ATRASO

LISBOA CANDIDATA A CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA EM 94

A Câmara de Lisboa decidiu ontem, por unanimidade, avançar com a candidatura a «Capital Europeia da Cultura» em 1994. É um processo que agora deverá ser concretizado com a intervenção da Secretaria de Estado da Cultura e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas, para muitos observadores, o processo está a ser desencadeado com algum atraso. Além do mais, Copenhaga já manifestou o seu interesse por aquele ano. Por isso, tudo deverá resultar mais complicado para os «lisboetas», que se verão obrigados a um processo negocial com vista a convencer os dinamarqueses a desistirem em seu favor.

Pág. 12

ABECASIS E A SUA «RECANDIDATURA»

«É MELHOR RECOLHEREM OS PÍFAROS PORQUE AINDA NÃO ANUNCIEI A DECISÃO»

Abecasis recandidata-se ou não à presidência da Câmara de Lisboa? Face às dúvidas e hipóteses levantadas publicamente, diria ontem em reunião de Câmara: «Concertos destes já houve três vezes. Das três vezes eu ganhei. É melhor recolherem os pífaros porque ainda não anunciei a minha decisão».

Pág. 12



roadstar
AUTO-HIFI

Auto Rádio



**Avançada Tecnologia
Precisão Suíça**

Representante Continente e Ilhas

SGO

PORTO
Telef. 9515003

LISBOA
Telef. 777824

CARTAS PERSAS

José Augusto França



Da Memória

O mais recente livro de Karl Rundstedt traduzido em francês sob o título «La Mémoire Refusée», trata, porém, num ensaio fascinante e impiedoso, da necessidade da memória e da impossibilidade de a não ter - ou recusar. Coisa de espaço e tempo contínuos e assimilados, como há muito se sabe, da matemática à física e da pintura à literatura - para não falar na vida nossa de cada dia.

Nesta cabe uma epistemologia de que muita gente sabe e eu tampouco. De memória, lendo sem especialização doutoral o volume, sim, acho que sei, à minha custa, como um velho amigo meu sabia da prosa - não por o saber mas por a fazer.

Deixemos escolásticas e mesas-redondas ou panelinhas de hebdomadário, quando de coisas sérias se trata. E mais sério do que a memória não há, neste nosso viver «ante morte»...

De memória vivemos, não por ela, em nostalgia, mas nela, ao natural, e jamais contra ela, ingratidão que seria historicamente vã. Cada momento tem nas espirais do passado memorial (memoiável-memoriado) outro momento referencial (referenciável-referenciado) que, por mais em oposição que pareça, nunca pode está-lo, no andamento das coisas. Em relação a ele situa-se o fluxo do «ir-endo» - assim ou assado. Nele vivemos, diz, em suma Rundstedt, que nos vê, por acidente, recusá-lo. Mas só por acidente - psicológico ou histórico. Um filósofo mais linguístico diria «assidente», para diferenciação...

Que este seja necessário, não o nega o mestre de Hamburgo, mas nisso impõe ele a sua teoria da «liberdade condicionada» - não pelo passado, mas pelo presente nele louvado.

Assim é que, por exemplo, no amamos-amamos, continua-se o tempo das duas situações verbais. Recusar que assim seja ou ir contra, não cabe na nossa amplitude, onde tudo entra e por isso a negação o não é. Na verdade (em cuja hora faremos contas; e Rundstedt escreveu extraordinárias páginas de inovação mitográfica sobre tal julgamento), não podemos por-nos em negativa, por mais que a supunhamos. A isso se chamará, modestamente, esperança.

... Não sei que persa me mordeu hoje - mas só que a memória não pára nem para diante nem para trás...

POLITICA

Por eles o PCP interpelou o Governo na Assembleia

OS OITO PECADOS EUROPEUS COMETIDOS POR CAVACO SILVA

Daniel Reis

Carlos Carvalhas, cabeça de lista do PCP nas eleições para o Parlamento Europeu, fez ontem o lançamento formal e substancial da sua candidatura, ao interpelar o Governo na Assembleia da República exactamente sobre «o estado de preparação do País para enfrentar 1992». E fê-lo apontando, como porta-voz do partido interpelante, os oito pecados capitais cometidos na política de aproximação à Europa pelo Governo de Cavaco Silva e o PSD.

O clima evidentemente eleitoral vivido na Assembleia, durante a interpelação, foi adensado pelos principais intervenientes destacados pelos outros partidos para este debate - Rui Almeida Mendes, pelo PSD, e Torres Couto, pelo PS - e que, tal como Carvalhas, são figuras destacadas das listas europeias que brevemente vão ser submetidas ao sufrágio dos eleitores portugueses.

Na opinião de Carlos Carvalhas, a acção do Governo tem «acentuado as fraquezas nacionais para enfrentar 1992» porque cometeu os seguintes pecados capitais:

1. Não atenuou as debilidades da economia portuguesa e, inversamente, acentuou o peso de uma «especialização produtiva desvalorizada». Por isso está a diminuir a competitividade da nossa economia, enquanto as exportações perdem quotas de mercado;

2. As aplicações especulativas têm-se sobreposto ao investimento produtivo «dando origem ao parasitismo financeiro e à criação de rápidas fortunas em detrimento da esfera produtiva»;

3. O Governo tem «desbaratado verbos significativas dos Fundos Estruturais», permitindo objectivamente «o alastrar da fraude e da corrupção»;

4. Perdeu-se o controlo da inflação, cujo nível «se afasta cada vez mais da média comunitária», o que provocou uma «permanente e brutal redução do crédito interno» e conduziu ao aumento das taxas de juro do crédito «penalizando as pequenas empresas e as poupanças depositadas»;

5. Agravou-se «incontroladamente» o défice da balança comercial «com especial incidência nos bens de consumo»;

6. Aumentaram as desigualdades e a injustiça sociais com «a diminuição dos salários reais e da participação dos rendimentos do trabalho no rendimento nacional»;

7. O Governo «não pro-

moveu qualquer análise global, regional ou sectorial» do impacto do Mercado Único sobre a nossa economia;

8. O Governo alinha normalmente, nas instâncias comunitárias, com os países mais ricos e «privilegia as liberalizações a todo o vapor», em detrimento da defesa da economia nacional e da coesão económica.

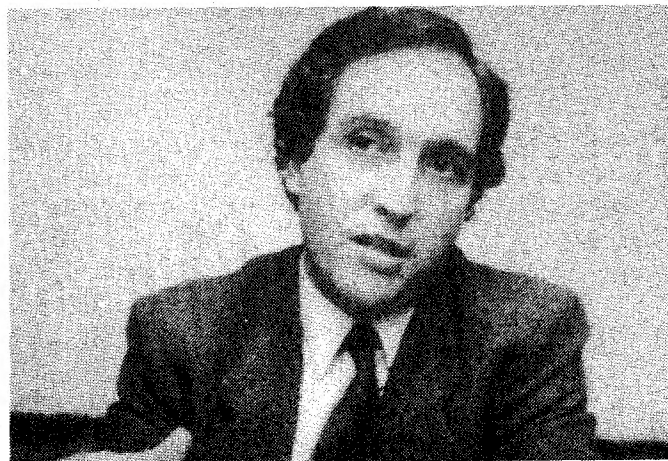
Em suma, como acentuou o cabeça de lista do PCP nas eleições para o Parlamento Europeu, «o Governo inunda os portugueses com slogans mas não se vê que prepare o País para enfrentar 1992». E ao não fazê-lo, «coloca ao País sérios problemas, dificuldades e riscos» que se «repercutirão negativamente na vida nacional» e condicionarão «em especial, a estrutura produtiva e o desenvolvimento económico e social».

Monólogos cruzados

A interpelação do Partido Comunista, pela voz de Carlos Carvalhas, respondeu o ministro Valente de Oliveira, titular da pasta do Planeamento e da Administração do Território, que contrapôs as virtualidades do PDR para a recuperação do atraso estrutural da economia portuguesa. A resposta do Governo foi ainda completada pelo ministro Mira Amaral que, sob assédio de Octávio Teixeira, igualmente do PCP, expôs a estratégia da indústria portuguesa no quadro do Mercado Único.

No dizer de Octávio Teixeira, «para que Portugal possa sobreviver ao vândalo de 1992, como economia portuguesa e não como mera área regional de outras economias, impõe-se uma imediata mudança de rumo na política prosseguida pelo Governo».

Um e outro discursos dos membros do Governo destacados para a Assembleia - Cavaco Silva, o Primeiro-Ministro, está ausente do País - trataram de generalidades e de políticas de fundo, mais que conhecidas e até já de-



Carlos Carvalhas justificou a interpelação do PCP ao Governo: «O fosso que nos separa dos restantes países comunitários, em vez de diminuir, alargou-se».

fendidas pelos mesmos protagonistas na Assembleia da República em anteriores ocasiões.

Isso - acrescido ao «programa eleitoral», na realidade apresentado por Carlos Carvalhas - levou o deputado centrista Narana Coissoró a considerar que o que ontem aconteceu na Assembleia «não foi uma interpelação» mas sim «dois monólogos». «O partido interpelante disse o que queria e os ministros fizeram o mesmo à margem das questões concretas que lhes foram colocadas», justificou o porta-voz do CDS pela afirmação transcrita.

Pormenores relevantes levados ao debate e que poderiam ter contribuído para o tornar mais útil e, sobretudo, menos desinteressante, ficaram por aprofundar pois é visível que a Assembleia está mortinha para se despachar destes «intermezcos» à revisão constitucional e partir para a campanha eleitoral, em suporte aos seus correligionários designados para a corrida ao PE.

Foi o caso de uma longa e justificada pergunta de Natália Correia a Valente Oliveira sobre o défice cultural (a deputada do PRD falou mesmo do «desolador vazio») dos programas governamentais de aproximação à Europa, e outra de Torres Couto sobre o trabalho infantil que é o que de mais contraditório existe na realidade portuguesa face à Europa de que nos pretendemos aproximar.

O deputado do PS - ele também candidato ao Parlamento Europeu em lugar mais que elegível - disse ao ministro do Planeamento que «o mais importante hoje não é discutir a quantidade do emprego, tão enfatizada pelo Governo, mas sim a sua qualidade». Apontou como exemplo o sector da con-

strução civil no distrito de Viseu onde os lucros das empresas se basearão no desperdício da mão de obra adulta e sua substituição por jovens à procura do primeiro emprego.

«Para além de pagarem salários mais baixos - disse Torres Couto - as empresas justificam assim os subsídios do Fundo Social Europeu para a formação profissional e candidatam-se aos incentivos à criação de novos empregos numa prática institucionalizada e, em muitos casos, próxima da fraude».

Para além destas duas intervenções - o Governo não lhes respondeu e, como tal, ficaram em suspenso, como se de declarações políticas se tratasse - só Rui Almeida Mendes, deputado do PSD, quebrou esta sensação de monólogos cruzados entre o PCP e o Governo.

Fê-lo questionando Carlos Carvalhas sobre um tema que vai constituir, com toda a probabilidade, cavalo de batalha da próxima campanha eleitoral: a União Monetária Europeia.

Segundo aquele candidato do PSD ao Parlamento Europeu, o Partido Comunista é contra a União Monetária. Perguntou porque e Carlos Carvalhas respondeu-lhe que o PCP só a recusa «no horizonte próximo» e que, até se chegar lá, é necessário «eliminar primeiro os estrangulamentos da elevadíssima dívida externa portuguesa e os consequentes défices orçamentais».

Além disso, Carlos Carvalhas entende que o escudo só pode entrar para a União Monetária Europeia quando a taxa de inflação portuguesa «se aproximar da média comunitária» e nunca antes de, também, a libra inglesa e a peseta espanhola fazerem parte integrante da União.

Estabilidade política e instabilidade social

Fernando Piteira Santos

1

A Democracia corresponde a uma aspiração geral e profunda. Todavia, o estatuto constitucional do regime democrático acaba de sofrer uma revisão que, na sequência da revisão de 1982, então com a alegada finalidade de **civilizar** o regime afastando os militares do papel político de outorgadores da liberdade e fiéis da democratização, agora com o argumento de facilitar a «modernização» e a «integração na Europa das Comunidades», reduz a aventura revolucionária à rotina restauracionista. As conquistas, ditas irreversíveis, foram eliminadas do texto constitucional, ou substituídos os grandes e claros objectivos por enunciados que permitem uma elasticidade interpretativa. As fórmulas despojadas de ideologia dão um carácter de neutralidade ao texto constitucional. A quem serve essa neutralidade?

Diremos, na esteira daquilo que é correntemente afirmado, que se trata de, neutralizando o texto constitucional, criar condições de estabilidade política. Se a possibilidade de um Governo de Legislatura tinha sido adquirida com a vitória do PSD nas eleições legislativas de 19 de Julho de 1987, sucedia que o Governo de maioria parlamentar via-se, na actividade governativa, enleado pelas disposições constitucionais. As eleições de Julho de 1987 tinham criado a possibilidade de estabilidade política, mas não tinham garantido a plena operacionalidade do Governo. O texto constitucional, sob vários aspectos, bloqueava a governação do PSD.

A maioria parlamentar e a revisão constitucional resultante do acordo PSD-PS, criaram, por conjunção, as condições de governação e de estabilidade governativa.

O Governo do PSD tem o apoio parlamentar de uma maioria suficiente e sólida. Dispõe de hegemonia política. Impõe o sentido das votações na Assembleia da República. Governa sem atender à opinião pública, sem procurar consensos, eximindo-se à fiscalização democrática, ou condicionando-a, ou limitando-a.

De algum modo o Governo, pela sua orientação autoritária, tem agravado a relação com as oposições políti-

cas, e, o que é mais relevante, criou novas oposições e novas situações conflituais. Reagindo à política do Governo assumem-se, em posições e diligências de índole variada, como forças de contestação, diversos sectores socioprofissionais. Geram-se movimentos de fundo, distintos mas na decisão contestatária solidários. O que é mais grave: o Governo entra em conflito ou em contradição com estruturas do aparelho de Estado: Tribunal Constitucional, Tribunal de Contas, Conselho de Comunicação Social, Inspecção-Geral de Finanças, Instituto Nacional de Estatística, Procuradoria-Geral da República. Todos estes conflitos e contradições contribuindo para uma concreta instabilidade de um regime democrático que goza de estabilidade política.

Nenhuma votação parlamentar, dada a maioria conquistada pelo PSD, porá em causa a continuidade governativa do gabinete conduzido pelo professor Cavaco Silva, mas os objectivos do Governo, e o próprio estilo de governação, vão provocando resistências, atritos, contestações: dos estudantes aos professores, dos médicos aos advogados, dos funcionários das alfândegas ao pessoal da Polícia de Segurança Pública. O Governo deu uma contribuição notável para a unidade na acção da CGTP e da UGT, ofereceu ao movimento sindical razões de unidade e a vitória da greve geral. Há dias proporcionou aos professores de todos os graus do ensino a maior greve nacional. Trouxe à luta os médicos e os trabalhadores da Saúde. Provocou a greve dos trabalhadores da Justiça, incluindo os juizes. O número de dias de greve nestes dois anos é muito alto. Diversíssimas as áreas sectoriais em que se geraram movimentos reivindicativos. E as movimentações, reivindicações e lutas, formando uma grande vaga de contestação social, à qual se juntam as ondas revoltas da crítica e da contestação das forças políticas parlamentares e extraparlamentares.

O Governo não se entende com as duas centrais sindicais e o Primeiro-Ministro já confessou em público que tem dificuldades para compreender as posições das Confederações Patronais. Grupos de empresários e as Associações Industriais formulam críticas à política governamental. As sondagens vão acentuando a regressão do apoio popular.

Estamos à beira de uma crise política com incidência na vida do Governo? A resposta está condicionada por vários factores. Não só o facto de o Governo ter maioria parlamentar, mas, principalmente, o facto de se não apresentar uma alternativa política credível. Não basta, como combativamente o Partido Socialista vem fazendo, proclamar-se «a alternativa política», é preciso que a al-

ternativa seja admitida e desejada ao nível da consciência social.

O PSD defende as posições conquistadas e procurará manter-se no poder até às próximas eleições legislativas independentemente dos resultados das eleições europeias e das eleições autárquicas. Não dá, todavia, sinais de ter em conta as vagas de contestação social e as críticas das oposições políticas. Pelo contrário, obstina-se em impor a sua orientação partidária, reforça o seu autoritarismo, despreza os consensos. Responde às críticas, vindas da sua direita (CDS) ou da sua esquerda (PS, PRD, PCP), com afirmações ideológicas. Cerra os olhos à realidade sociopolítica de uma oposição que transborda do leito da actividade política partidária. Pela sua política governativa gera sucessivos conflitos sectoriais: da eucaliptização à distribuição das frequências de rádio. O Governo **governa contra**. E sacrifica, contra o próprio espírito das instituições democráticas, as possibilidades de controlo e de fiscalização. A governamentalização — não se lhe pode chamar de outro modo — da Alta Autoridade para a Comunicação Social, está nos termos da lei, e do Tribunal Constitucional, no segredo das negociações bilaterais, assinalam uma orientação de monopolização relativa do poder político.

Governo de legislatura, ou que dispõe de condições para o ser, o Governo PSD, pela vontade do Primeiro-Ministro, tem recusado qualquer remodelação. Vai — o que é diferente — na quinta operação de recauchutagem. Uns subsecretários e secretários de Estado se vão, outros vêm. A equipa governativa, ao nível ministerial, é estável. Mas a sua estabilidade, e não é necessário enumerar casos exemplares, não constitui virtude. Não resulta de vantagem política, reflecte, apenas, uma vontade política: a do Primeiro-Ministro.

A estabilidade política não é garantia de estabilidade social. Vivemos uma continuidade governativa que gera **instabilidade social**. O País está intranquilo, inseguro. Os cidadãos inquietos. A agitação social contestatária e reivindicativa não se apresenta como factor de alteração da «ordem», mas constitui um concreto reflexo de **instabilidade social**. A sociedade reage contra o Governo. O Governo não procura o consenso que, em Democracia, é a força do Estado. A propensão autoritária desperta apreensão. Crescem as razões para temermos que esta situação venha a agravar-se. A Democracia deve defender-se de uma concepção de **estabilidade política** que venha a gerar, no tecido social, conflitos e instabilidade.

«Benefícios fiscais baseiam-se na estabilidade e moderação»

O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, afirmou ontem no Porto, durante um encontro de antigos alunos da Faculdade de Economia daquela cidade, que o estatuto dos benefícios fiscais se baseia nos princípios da «estabilidade» e da «moderação». «Dar mais benefícios fiscais requer fazer menos investimentos em infra-estruturas e serviços públicos fundamentais», disse o ministro, explicando que a moderação deve, portanto, ser articulada com a selectividade.

Quanto à estabilidade, Cadilhe considerou que esta tem três níveis. O primeiro refere-se aos códigos de imposto, nos quais «foram introduzidos desagravamentos caracterizados por uma máxima permanência e estabilidade». No que se refere ao nível seguinte, o responsável pela pasta das Finanças afirmou que ele se liga ao estatuto dos benefícios fiscais.

A este propósito, o ministro disse que os benefícios «com finalidades marcadamente estruturais» ou que requeiram uma regulamentação frequente serão canalizados ano a ano para o Orçamento de Estado. Cadilhe recordou que o estatuto dos benefícios fiscais será publi-

cado nos próximos dias e salientou alguns dos seus pontos mais importantes.

A tributação de apenas 80 por cento dos juros de obrigações emitidas por empresas em 1989, o facto de as obrigações de empresas não pagarem imposto sucessório até 1992 e o desagravamento da tributação dos dividendos de acções cotadas em Bolsa, foram alguns dos elementos apontados por este responsável, que recordou ainda «o tratamento privilegiado» concedido às acções compradas no processo de privatização, que apenas pagam impostos sobre 60 por cento dos seus dividendos.

Outro elemento que, de acordo com o novo estatuto, será excluído de tributação prende-se com as mais-valias obtidas através da transmissão onerosa de imobili-

zado corpóreo, desde que reinvestidas até dois anos na compra de outros bens do activo corpóreo, ou ainda em cotas, acções ou títulos do Estado. O terceiro nível da estabilidade tem a ver com o Orçamento de Estado.

Miguel Cadilhe comentou igualmente a isenção dos participantes dos fundos de investimento e pensões e dos fundos afectos a planos pessoais de reforma, que são dedutíveis em IRS nos limites de 20 por cento do rendimento total

bruto englobado. Para o ministro, isto «constitui uma troca em relação à imobilização da poupança e sua capitalização até à idade da reforma, doença, desemprego ou morte».

As sociedades de capital de risco e de desenvolvimento regional ficarão isentas de IRC por cinco anos, enquanto as de fomento empresarial gozarão dessa regalia durante oito anos e as de gestão e investimento imobiliário durante dez anos. Estas últimas terão, contudo, um

estatuto diferente das anteriores. O fomento à habitação através da isenção de contribuição autárquica em vários casos e o incentivo à criação artística, pela redução de 50 por cento no IRS foram outras das medidas anunciadas pelo ministro das Finanças.

Banco holandês terá sucursal em Portugal

Ainda no decorrer da sua estada no Porto, Miguel Cadilhe afirmou, durante um almoço oficial dos sócios da Câmara de Comércio Portugal-Holanda, que dentro de dias será concedida autorização para a abertura de uma sucursal de um banco holandês no nosso país. Durante o seu discurso, o ministro e apelou ao incentivo das relações económicas entre as duas nações, que considerou estarem a melhorar, e elogiou «a performance macroeconómica portuguesa».

Neste sentido, o responsável governamental salientou que «o défice externo atingido em 1988 não é preocupante, uma vez que grande parte dele é explicado pela forte importação de bens de equipamento necessárias ao esforço de modernização». Cadilhe referiu-se igualmente ao «reforço da estabilidade política e social» do nosso país, afirmando que os grandes objectivos macroeconómicos são, neste momento, a modernização, o incremento da produtividade, a redução da inflação e a contracção das necessidades de financiamento do sector público.



«Presidência Aberta» nos Açores

SOARES RECEBIDO NA TERCEIRA COM ENTUSIASMO E CALOR

Augusto Vilda
enviado especial

Foi particularmente caloroso, excedendo todas as expectativas, o entusiasmo com que a população da ilha Terceira recebeu ontem o Presidente da República. O primeiro dia da Presidência Aberta nos Açores ficou, deste modo, assinalado por uma adesão que não tem correspondência com a imagem de conflitualidade Continente / Açores que durante muito tempo parecia existir. Os terceirenses, e particularmente a população de Angra do Heroísmo, reconheceram no Presidente da República a figura que melhor poderia promover os consensos necessários ao desenvolvimento que todos desejam. Sem grandes análises políticas, de uma forma simples e de coração aberto, acham que «é bom para os Açores» a visita do Presidente da República.

Mário Soares chegou às 11 e 20 ao Aeroporto das Lajes, num «Falcon» da Força Aérea. Foi recebido pelo presidente do governo regional dos Açores, Mota Amaral, pelo ministro da República, general Rocha Vieira, e pelo presidente da Assembleia Regional, Reis Leite. Mas os primeiros a abraçá-lo foram o deputado Luís César e o líder do PS, Martins Goulart, que fizeram questão disso.

Acontecimentos políticos ainda recentes faziam com que todos os olhares convergissem para as principais figuras que foram protagonistas desses factos: Rocha Vieira e Mota Amaral.

Foi, no entanto, particularmente efusivo o abraço do chefe do Executivo açoriano ao Presidente da República. Os mais familiarizados com o comportamento e as reacções públicas de Mota Amaral, viram mesmo nele uma certa emoção.

Uma salva de artilharia e as honras militares ocuparam os minutos seguintes. Depois foram os cumprimentos aos membros do governo regional, que ali se encontravam na sua totalidade, a deputados regionais e outras personalidades. Longe vão os tempos em que Mário Soares foi recebido no Parlamento açoriano com gravatas pretas...

Ainda dentro do Aeroporto, e depois à saída, Mário Soares recebeu as primeiras manifestações da população. O mesmo aconteceria, mais tarde, na base aérea, depois das cerimónias do Dia das Forças Armadas, onde se concentrava uma pequena multidão, com alguns americanos e famílias à mistura. Soares dirigiu-se à multidão, cumprimentou quantos lhe estendiam as mãos, dialogou, fez perguntas. Se algumas barreiras existiam, caíram naquele momento.

Evidentemente que a realidade política, os problemas de fundo, não se exprimem integralmente nas manifestações populares. Mas numa democracia, onde é o povo quem mais ordena, manifestações deste tipo não deixam de ter uma leitura política e traduzir situações formuladas de uma maneira mais espontânea e directa. É importante que se saiba, no continente, que não existe no coração dos açorianos nenhum tipo de sentimentos separatistas ou de animosidade, que muitas questões foram empoçadas.

Mas o ponto culminante do primeiro dia da Presidência Aberta nos Açores, e que em termos oficiais marcou o seu início, foi a cerimónia na Memória de Angra do Heroísmo e o discurso ali pronunciado por Mário Soares.

A Memória de Angra do Heroísmo, é um monumento erigido no alto de uma colina que domina a cidade de Angra e a baía. Assinala a passagem de D. Pedro IV e dos bravos do Mindelo na-

quele lugar, e evoca também o papel que a ilha Terceira desempenhou como baluarte da liberdade. Basta dizer que a Terceira foi a última parcela do território português a ser dominada pelos castelhanos. Até 1582 ali reinou ainda D. António, prior do Crato.

Dirigindo as suas primeiras palavras ao povo dos Açores e às «legítimas autoridades», Mário Soares disse trazer-lhes «a solidariedade, a compreensão, o estímulo e o abraço fraterno de todo o Portugal, incluindo aquele que anda disperso pela diáspora, que, por vontade e imperativo do povo português, tenho a honra de, em conjunto, representar».

Salientou não ter sido por acaso que escolhera iniciar simbolicamente a sua presença nos Açores junto ao histórico monumento que assinala a presença do rei libertador.

«D. Pedro representa a liberdade e o constitucionalismo, e foram o constitu-

cionalismo e a liberdade, reafirmados em sequência lógica do 25 de Abril de 1974, que trouxeram as instituições autonómicas aos Açores, abrindo-lhes, do mesmo passo, perspectivas de progresso sem paralelo em qualquer outro período da sua longa história».

Dando o seu a seu dono, lembrando que a autonomia era um fruto do 25 de Abril, o Presidente da República exaltava ao mesmo tempo o papel histórico da Terceira e dos seus bravos, «a sua elevada consciência cívica, o entendimento que tinham da necessidade de aperfeiçoar constantemente as instituições e de pôr termo a todas as formas de opressão e dominação», que os integra «no percurso democrático que constitui património comum que hoje todos reivindicamos».

Mário Soares evocou D. Pedro, Mouzinho da Silveira, Palmela, Vila Flor, Saldanha, Silva Carvalho, os irmãos Passos, Garrett e Herculano «que viveram e sonharam um futuro melhor para Portugal, nesta terra de sonho e liberdade». Citou Vitorino Nemésio e outras figuras da cultura açoriana. E da referência à crescente internacionalização e apagamento de fronteiras na Europa comunitária, passou à afirmação de que desejava deixar bem clara a ideia de que «as especificidades nacionais e regionais têm de ser preservadas e defendidas».

«O que pretendo, ao evocar os heróis do passado», disse ainda Mário Soares, «é ao convocar-vos a todos, açorianos, mesmo os que não vivem nos Açores, para tarefas exaltantes do futuro — com confiança e optimismo, sabendo o que, em conjunto, podemos construir — é trazer-vos uma manifestação con-

creta de solidariedade e insistir, com o meu próprio exemplo, na necessidade do diálogo permanente que é o único caminho democrático para dissipar suspeições, hoje sem qualquer razão de ser, e para resolver gradualmente os problemas que o passado nos legou».

Seguido por uma pequena multidão, Mário Soares desceu o deslumbrante Jardim do Duque da Terceira, detendo-se junto ao monumento a Garrett, o homem que assinou o decreto que deu a Angra o título do Heroísmo. Saiu envolto pela multidão, aplaudido e abraçado. O seu discurso tocou as cordas sensíveis dos terceirenses. Mas teve igualmente um alcance político que vai certamente marcar estes dias de Presidência Aberta nos Açores.

Antes do jantar que lhe foi oferecido pelo ministro da República, no Clube de Ténis de Angra, Soares inaugurou ainda a Casa-Museu de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, que recolhe uma enorme colecção de arte sacra, imagens, porcelanas, pratas e marfins, mobiliário, livros, rendas, moedas, colchas regionais, quadros e até objectos trazidos das Américas pelos navegadores. Ali cabe de tudo, «desde que seja bom». Trata-se, na verdade, de um riquíssimo património, com peças de elevado valor.

Mota Amaral:
«um discurso notável»

Mota Amaral tem acompanhado todos os passos do Presidente da República, como aliás decorre das suas funções de presidente do governo regional. Mas é evidente que começa uma situação nova na vida política açoriana e que já não se trata de cumprir uma

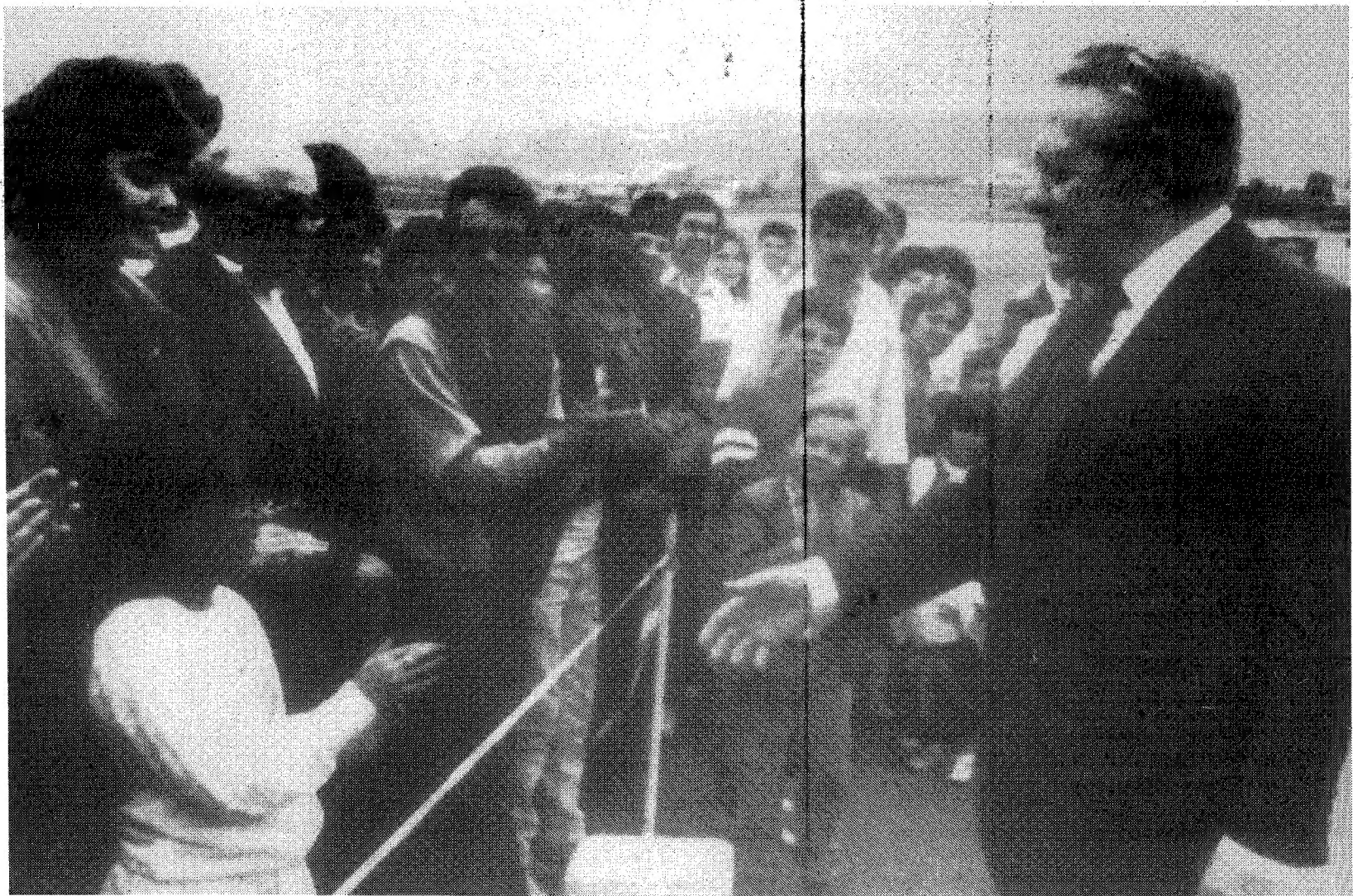
mera formalidade protocolar. O chefe do Executivo açoriano, não tem tido dúvidas em assumir, perante os jornalistas, a importância para os Açores desta visita. Ontem, pouco depois da cerimónia na Memória, Mota Amaral afirmava-nos: «O senhor Presidente da República fez um discurso notável. Denotou um profundo conhecimento da realidade açoriana. Foi urdir o seu texto aos nossos poetas que de uma forma total conseguiram exprimir a alma dos Açores. Isto está a começar bem».

O que mais sensibilizou o líder açoriano foi a referência de Mário Soares à especificidade das regiões e à necessidade de a preservar, independentemente da construção europeia.

Sabe-se que a organização desta visita encontrou muitas dificuldades de ordem logística, que acabaram por ser resolvidas, uma parte com um grande empenhamento das Forças Armadas, mas encontrou também, inicialmente, algumas dificuldades de ordem política.

Antes da Presidência Aberta, Soares juntou num jantar, em Belém, Mota Amaral e o ministro da República, general Rocha Vieira. O desanuviamento parece decorrer aceleradamente. Até agora, tudo aquilo que depende ou incumbe ao governo regional, tem revelado um empenhamento completo.

Mota Amaral parece não ignorar, também, que no actual quadro político, pode retirar vantagens da visita do Presidente da República e ganhar uma margem de manobra que ficou um tanto diminuída depois das últimas eleições, em que a sua maioria foi posta em causa e se encontra de pé por uma margem tangencial.



Dia das Forças Armadas comemorado nos Açores

SOARES CONDECOROU LEMOS FERREIRA E MAIS DOZE MILITARES

Dina Soares

A celebração do Dia das Forças Armadas constituiu o primeiro ponto do programa de Mário Soares na «Presidência Aberta» que ontem se iniciou. As cerimónias comemorativas, presididas pelo chefe de Estado, tiveram lugar na Base das Lajes, ilha Terceira, e a elas assistiram várias entidades civis e militares.

Ponto alto das comemorações foi a mensagem do chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Soares Carneiro. Apesar de ter proferido um discurso que, basicamente, pode ser considerado de circunstância, o CEMGFA aproveitou para fazer algumas chamadas de atenção, designadamente no que se refere às «carências» que se verificam nos meios aéreos. No entanto, Soares Carneiro afirmou que «estão a ser preparadas medidas para corrigir esta situação».

Numa evocação da unidade nacional, Soares Carneiro recordou vários passos da história de Portugal durante os quais a ilha Terceira teve um papel importante na defesa da independência de Portugal, nomeadamente durante as lutas liberais, «dando um exemplo de constância, subida lealdade e heroica firmeza».

A Força Aérea esteve também em destaque durante a missiva do general, uma vez que ontem se comemorava igualmente o dia daquele ramo. O estatuto das Forças Armadas foi outro dos assuntos em foco no discurso. «Existem anseios e aspirações que não se devem esconder ou desconsiderar», afirmou Soares Carneiro, acrescentando em seguida que estas se devem exprimir «na observância da lei e no absoluto respeito pela ordem democrática» e declarando-se esperançado em que «os trabalhos em curso conduzirão a soluções estatutárias que sejam garantia da estabilidade da instituição militar».

O chefe do EMGFA referiu-se ainda à situação internacional, chamando a atenção para o facto de que «aos sinais promissores anunciados não corresponde a

redução da capacidade militar ofensiva a ponto de se aceitar que estejam esconjuradas as ameaças». Assim, Soares Carneiro considerou ser «necessário que o nosso país alcance uma capacidade militar de conteúdo dissuasor credível».

O general terminou o seu discurso, apelando a que «não se deixe criar vazios nas áreas onde exercemos soberania ou temos interesses, para que os outros não entendam ser necessário substituir-nos».

Lemos Ferreira condecorado

O Dia das Forças Armadas foi igualmente o momento escolhido por Mário Soares para agraciar o antigo chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, com o grau da Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Segundo o alvará de concessão da condecoração, esta foi justificada pelo «valeroso comportamento em campanha» deste oficial, e ainda pelas suas «excepcionais qualidades de chefia» demonstradas, nomeadamente, durante o tempo que ocupou os cargos de chefe do Estado-Maior da Força Aérea e de CEMGFA.

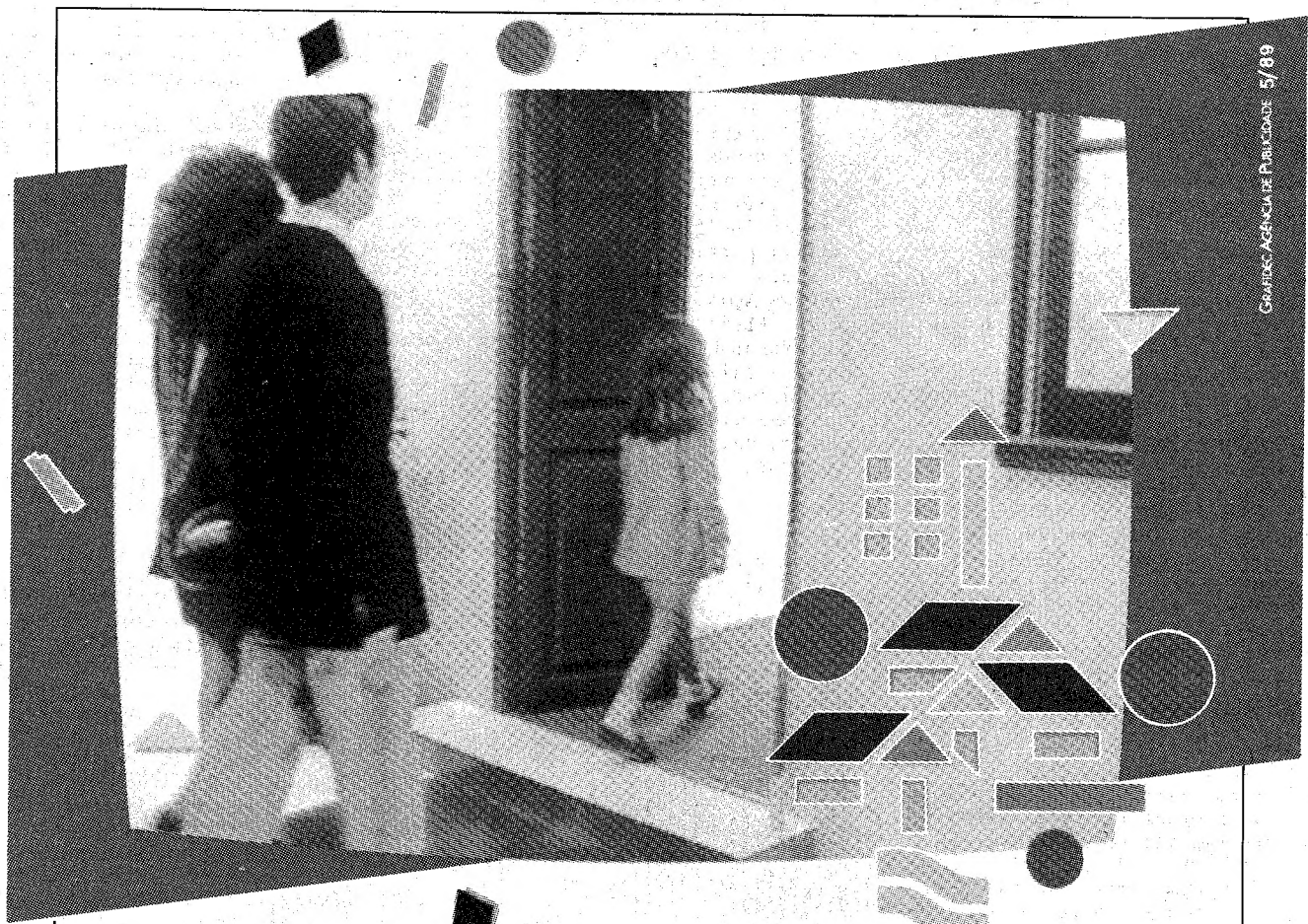
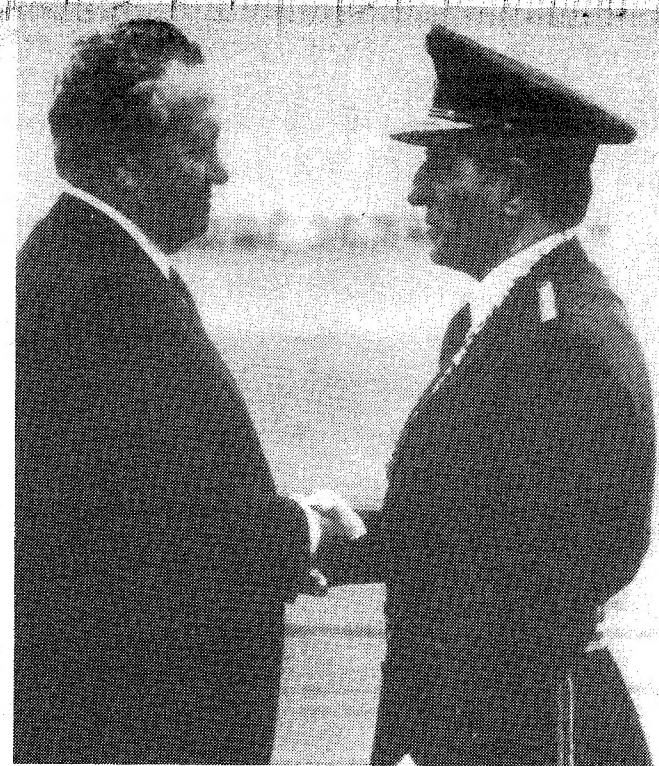
O Presidente da República aproveitou ainda a ocasião para condecorar mais doze militares, a quem foram atribuídas diversas insígnias por serviços prestados.

As comemorações contaram ainda com uma cerimónia aos mortos ao serviço da Pátria, um desfile das forças em parada, uma exibição da Banda da Força Aérea e um desfile aéreo, na qual participaram uma esquadra de aviões A-7 P e T-37 e uma formação mista de Aviocar e helicópteros SA-330 Puma. A esquadilha acrobática

«Asas de Portugal» encerrou as comemorações com a apresentação do seu «show» para baixa altitude, devido à neblusidade que se fazia sentir na ilha.

A assistir às comemorações estiveram, além de Mário Soares, os chefes dos Estados Maiores da Força Aérea e do Exército, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, os ministros da Def-

esa e da Administração Interna, a vice-presidente da Assembleia da República, o presidente do Governo Regional dos Açores e do Parlamento Regional e o ministro da República para o arquipélago, entre outros. O general Andrade e Silva, chefe do Estado-Maior da Armada não esteve presente, alegadamente por ter outros compromissos.



Entre na sua casa nova sem dificuldades

Há formas de comprar casa que são só dificuldades: o crédito é limitado, os juros são elevados, os empréstimos não cobrem a totalidade do valor da casa e paga-se por ela duas e três vezes mais do que ela vale. Agora, a **Poligrupo Habitação** abre-lhes as portas da sua própria casa da forma mais fácil, mais acessível: sem entrada, sem juros e com a possibilidade de programar a compra. Através da **Poligrupo Habitação** podem-se comprar, com vantagem, casas de habitação ou de férias, escritórios, estabelecimentos comerciais, terrenos e mesmo casas pré-fabricadas.

poligrupo

HABITAÇÃO

a porta aberta para a sua casa nova

LISBOA 76 51 10/17 • PORTO 66 86 05 • BRAGA 2 84 55 • AVEIRO 2 61 26 • COIMBRA 2 85 36
LEIRIA 3 46 61 • SETÚBAL 3 67 02 • FARO 2 10 59 • AGENTES EM TODO O PAÍS

A REVOLTA DOS PEQUENOS PARTIDOS

Matilde Ramalho
Serviço Lusa/DL

Os pequenos partidos concorrentes às eleições parlamentares europeias são muito críticos em relação aos grandes e acham que «houve batota» na cobertura noticiosa da pré-campanha, em especial na Televisão.

Em contrapartida, as quatro formações representadas actualmente em Estrasburgo - PSD, PS, CDU e CDS - encaram as restantes oito forças concorrentes com alguma condescendência e mostram-se, até, simpáticas em relação ao direito de expressão das minorias, cuja legitimidade salientam.

A simpatia que manifestam não as impede, porém, de ir recordando ao eleitorado as «vantagens» da concentração de votos nos candidatos que, a julgar pelas eleições anteriores, poderão ter à partida mais hipóteses de ganhar.

Carlos Carvalhas, da CDU, aconselha, por exemplo, «todos os democratas que desejem votar eficazmente contra a direita, reduzindo-se o número de eurodeputados», a lembrarem-se de «certas realidades que decorrem dos números e da experiência passada».

A mesma ideia sobressai das declarações de João Cravinho, do PS, para quem os cidadãos «têm que saber se o seu voto é um voto perdido ou se ajuda a construir uma alternativa».

Lucas Pires, candidato do CDS, é o menos preocupado com os votos nos oito partidos, que diz não terem «expressão visível no actual quadro político».

António Capucho, do PSD, depois de referir que os pequenos existem devido à «permissividade» da Lei Eleitoral, vai mais longe e acusa-os de tenderem a «empastelar» o discurso dos grandes.

«O que os grandes têm é medo dos pequenos», comenta, bem humorado, o maestro António Vitorino d'Almeida, candidato do MDP/CDE, que começa por contestar a expressão «quatro grandes» que tem vindo a ser utilizada, considerando-a «manipuladora» do eleitorado.

«Essa expressão não é aceitável do ponto de vista democrático, até porque, à partida, são todos iguais», diz.

«Além disso - acrescenta - alguns deles só são grandes cá no Parlamento português, porque em Estrasburgo estão integrados em grupos pequenos».

«É o caso - afirma o maestro - dos sociais-democratas, que se vão inserir na fraquíssima bancada liberal, em contraste com os ecologistas, que por cá não têm grande expressão mas que, se fossem eleitos, se iriam integrar no Grael, grupo que está em franca expansão».

O MDP/CDE, que obteve 27.678 votos (0,49 por cento) nas anteriores eleições, oito vezes menos do que os necessários para eleger um deputado, afirma-se como

«partido alternativo de pendor ecologista e cultural que pretende procurar uma nova linguagem para definir novas ideias».

Outra formação política bastante agastada com as alegadas vantagens dos partidos parlamentares é o PDC, cuja lista se encontra liderada por Santos Ferreira, um advogado de 54 anos que ameaça impugnar os resultados eleitorais se a Comissão Nacional de Eleições (CNE) não «repuser a justiça democrática».

Diz ele que «aqui há batota» pois os quatro partidos parlamentares já estão a beneficiar do período de pré-campanha, designação que,

verbas para socorro do Chiado e da Mouraria, e pouco mais», assinala.

Uma opinião mais clara tem o candidato a União Democrática Popular (UDP), Luís Fazenda, que critica o apoio dos eurodeputados portugueses a uma proposta de programa integrado de desenvolvimento que diz confirmar «um apoio a um modelo económico dependente, subalterno e deficitário».

Também Luís Fazenda está revoltado com os «privilégios» de algumas candidaturas, especialmente na Comunicação Social do sector público, «a fazer crer ao povo que há candidatos de primeira e de segunda».

A UDP, com 52.835 votos (0,94 por cento) nas anteriores eleições, e que agora concorre conjuntamente com o Partido Comunista Reconstruído (24.060, numa percentagem de 0,43), critica o PS que diz estar «atado ao Acto Único» e o PCP que diz ser «o emblema

nacional».

Outra candidatura, a do PCTP-MRPP, (19.475 votos no anterior escrutínio, representando uma percentagem de 0,35), tem uma posição mais radical ao afirmar que a própria adesão, que classifica de «péssimo negócio para os portugueses», já provocou «a alienação da independência nacional».

Por isso, o MRPP, que tem como cabeça de lista o advogado Garcia Pereira, de 36 anos, propõe-se «denunciar toda a sorte de acordos que têm vindo a ser cozinhados nas costas do povo português» e denunciar as eleições como uma farsa.

Contudo, e a julgar pelos protestos emitidos pelo partido em relação à cobertura televisiva da campanha, tal denúncia não tem sido fácil.

Queixando-se recentemente de que a RTP não está a assegurar condições de igualdade a todas as candidaturas, nomeadamente a sua, o MRPP exigiu à CNE procedimento criminal contra aquele órgão de comunicação.

Construir «um novo internacionalismo, já que o único existente é o do capital», é o objectivo do Partido Socialista Revolucionário (PSR), outra força concorrente, que em 1987 averbou 29.009 votos (0,51 por cento).

Para Francisco Louçã, o cabeça de lista socialista revolucionário, que contrapõe à ideia do «voto útil» a do «voto como expressão duma opinião», tanto os eurodeputados do PS com os do PCP «fazem o jogo da política dominante, são pouco mobilizadores e pouco eficazes em termos de esquerda».

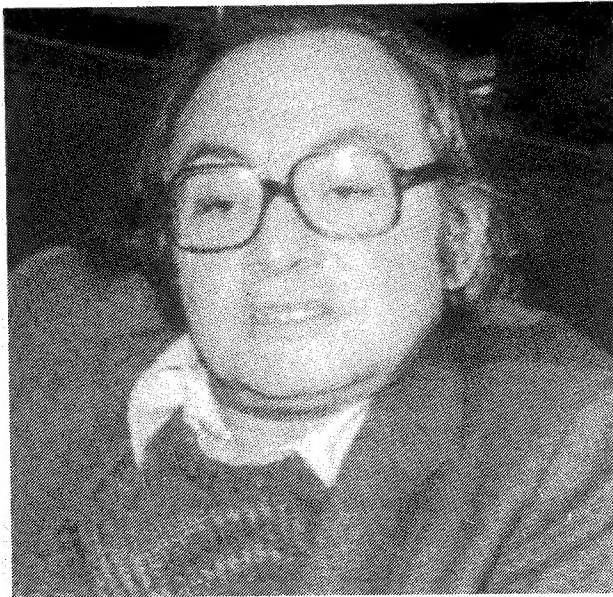
Sobre o PSD e o CDS, Louçã nem sequer se pronuncia, pois, afirma, o PSR «opõe-se-lhes civilizacionalmente».

Sendo dos oito pequenos partidos as duas novidades, a FER (Frente de Esquerda Revolucionária), de Gil Garcia e do POUS de Carmelinda Pereira não diferem muito programaticamente, ao defenderem «uma Europa dos trabalhadores» contra aquilo a que a FER classifica de «clube dos empresários europeus».

Teoricamente em pé de igualdade em relação às restantes candidaturas, as do PPM, UDP, PSR,

POUS, MRPP, FER, PDC e MDP/CDE precisam, para eleger um deputado, de conseguir um mínimo de quatro por cento dos votos expressos, ou seja, 4, 5, 6 e sete vezes mais votos do que ao longo de 10 anos têm sido alcançados pelos pequenos partidos. Trata-se de uma situação que, no entender dos pequenos, não é irreversível.

Conforme recordava recentemente numa entrevista Miguel Esteves Cardoso a propósito da aparente irreversibilidade, a curto prazo, do fenómeno CEE, «a história está cheia de fenómenos irreversíveis que depois reverterem à base».



conforme assinala, «não existe nem na letra nem no espírito» das leis eleitorais.

Com 40.812 votos (0,72 por cento) nas anteriores eleições, o PDC - que, segundo afirma Santos Ferreira, o eleitorado «injustamente» associou aos «fantasmas do passado» - acusa o próprio Primeiro-Ministro de «abusar» da situação, utilizando um comício de aniversário partidário para propaganda eleitoral. Sobre a actuação dos partidos em Estrasburgo, Santos Ferreira diz que não prestaram contas regularmente, como deviam, da sua actividade.

«Só sabemos e vagamente que pediram

de uma política nem sim, nem não, antes pelo contrário».

Contra a supra-nacionalidade se pronuncia abertamente o candidato monárquico, Miguel Esteves Cardoso, que não esconde a sua «zanga» com a maioria dos grandes pela defesa que faz desta ideia.

Para o sociólogo que encabeça a lista do PPM - o «maior» dos pequenos partidos, com 155.990 votos (2,77 por cento) nas últimas eleições - só o PCP se tem comportado «patrioticamente» nesta matéria, opondo-se à criação dos Estados Unidos da Europa que «seria perigosa para a independência

PS ARRANCA COM A CAMPANHA ELEITORAL PARA AS EUROPEIAS NO PRÓXIMO SÁBADO

No próximo sábado, dia 3 de Junho, o Partido Socialista arranca da Praça da Figueira na corrida para o Parlamento Europeu. Trata-se de um comício que marca o início oficial da campanha eleitoral do PS para as eleições europeias. Na sessão vão ser oradores o líder socialista, Jorge Sampaio, os dois primeiros elementos da lista do partido candidata a Estrasburgo, João Cravinho e Torres Couto, e o líder parlamentar António Guterres.

No comício de abertura vai falar igualmente o presidente do PRD, Hermínio Martinho, uma vez que os renovadores concorrem integrados nas listas do PS para as europeias. Aliás, Martinho vai participar apenas em três comícios dos socialistas durante os doze dias da campanha eleitoral: dia 3 em Lisboa, dia 8 em Santarém e dia 16 (o último da campanha) novamente em Lisboa.

Mas mesmo antes de partirem para a corrida final, os socialistas promoveram a imagem dos seus eurodeputados. Ontem, num encontro com a imprensa, o deputado do PS no Parlamento Europeu Fernando Gomes enalteceu a acção desenvolvida pelos socialistas portugueses naquele órgão da CEE para duplicação dos fundos estruturais atribuídos a Portugal pela Comunidade.

No encontro, em que estiveram presentes todos os seis deputados eleitos pelo PS em 1987 para Estrasburgo, foi também criticada a actuação do Governo em matéria de integração europeia. «O Executivo de Cavaco Silva revelou uma grande falta de orientação e uma deficiente informação junto dos portugueses sobre a aplicação de fundos estruturais», frisaram.

Os dirigentes socialistas voltaram a reafirmar que os projectos nacionais, em matéria de integração europeia, requerem a participação de todos os portugueses. «Não foi o PSD que aderiu à Comunidade Europeia, foi Portugal», afirmou, por sua vez, Jorge Sampaio.

Para o secretário-geral do PS, a deficiente aplicação dos fundos estruturais por parte do Executivo assenta em dois factores: «a extrema lentidão demonstrada pela administração portuguesa na aplicação dos fundos e, a aplicação dos fundos em regiões que, em termos nacionais, já apresentavam algum desenvolvimento, deixando para trás

outras mais carentes e atrasadas, promovendo assim o aumento das assimetrias regionais».

Sampaio adiantou também que a principal sondagem para as eleições vai registar-se em 18 de Junho, destacando que «o PS está bem de saúde, e que quem está no banco dos réus é o Governo».

Por último, João Cravinho, cabeça-de-lista do PS às eleições europeias, criticou a posição assumida pelo PSD relativamente àquele acto eleitoral. «O PSD quer transmitir à opinião pública a ideia de que os deputados eleitos para Estrasburgo são uma espécie de continuidade da actuação do Governo junto da Comunidade Europeia, em vez de, correctamente, defenderem os interesses do país».

Partidos queimam últimos «cartuchos» de pré-campanha

O PSD investe os seus esforços hoje e amanhã na margem sul do Tejo. Esta tarde António Capucho, o cabeça-de-lista dos social-democratas ao Parlamento Europeu, e Carlos Pimenta, o número dois dessa lista, participam em dois mini-comícios em Correr D'Água, Almada.

Mais tarde, Carlos Pimenta - que não parará um segundo neste período de pré-campanha eleitoral - prossegue os contactos com as populações de Setúbal, estando em Alcochete, Pegões, Montijo, Moita, Vale da Amoreira e Barreiro. Amanhã, o mesmo eurodeputado social-democrata contactará com os habitantes de Óbidos e visitará o mercado das Caldas da Rainha, além de passar pelo mercado do Bombarral, o Porto de Pesca e a lota de Peniche. Carlos Pimenta almoçará com com os pescadores da Foz do Arelho, prosseguindo mais tarde os contactos com a população

da Nazaré.

Entretanto, O Partido da Democracia Cristã (PDC), ontem em conferência de imprensa, apresentou o seu manifesto eleitoral ao Parlamento Europeu, segundo o qual a luta do partido centrar-se-á «na luta pelos espo-

liados, vítimas da descolonização, das nacionalizações e das reformas e pensões». O PDC pretende ainda adquirir para Portugal, um estatuto de nação mais desfavorecida e carenciada no âmbito da Comunidade Europeia e obter novos fundos estruturais.

Por outro lado, a Comissão Política Regional do CDS apelou ontem, no Funchal, ao «voto seguro» do eleitorado insular, argumentando com a sua inclusão no Partido Popular Europeu, «uma das grandes forças políticas europeias». No manifesto ele-

itoral apresentado sob o lema «A Madeira mais próxima do coração da Europa», os centristas contestam que nas eleições de 18 de Junho sejam eleitos «candidatos específicos», explicando que «é na força das ideias e dos grupos políticos que nós votaremos».

A MOEDA FLOR

A autonomia dos Açores celebrada em Prata



As nove ilhas atlânticas dos Açores foram povoadas a partir de 1439, a mando do Infante D. Henrique.

Algures durante esses primórdios históricos, chegaram ao arquipélago as primeiras **Hortênsias**, plantas de linda flor branca, azulada ou cor-de-rosa, originárias do longínquo Oriente.

Hoje, a flor da hortênsia enfeita todos os recantos dos Açores. Lembra a magnífica beleza da terra e exalta a nobre tradição democrática que culminou com a consagração da Autonomia Regional, na Constituição de 1976.

Portugal comemorou a primeira década da Autonomia Regional com a emissão da **Moeda Flor**, cujo trabalho escultórico se motiva, precisamente, na **Hortênsia**. Celebrou-se, em prata fina, um passo histórico que todos podem recordar nesta peça numismática de grande valor.

Moeda Comemorativa da Autonomia Regional Açores 1976 • 1986

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Valor facial	Módulo	Peso	Toque
100 escudos	34 mm	16,5 g	925/1000

PREÇOS DE AQUISIÇÃO DA "MOEDA FLOR"

Moeda "BNC" em carteira — 2 340\$00 (emissão limitada a 20 000 ex.)
Moeda "Proof" em estojo — 4 680\$00 (emissão limitada a 10 000 ex.)

Hoje um Valor Amanhã um Tesouro

im

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA, E.P.
Departamento de Produtos Metálicos
Rua D. Francisco Manuel de Melo, 5 — 1092 LISBOA CODEX - PORTUGAL

TÍTULO DE ENCOMENDA

Preencha e envie para: IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, E.P.
Departamento de Produtos Metálicos
R. D. Francisco Manuel de Melo, 5 — 1092 LISBOA CODEX

Solicito à Imprensa Nacional - Casa da Moeda que me envie a Moeda Flor dos Açores, através da seguinte encomenda:

Quantidade	Tipo	Preço Unitário	Preço Total
	BNC	2 340\$00	
	Proof	4 680\$00	

É FAVOR JUNTAR O CHEQUE (OU VALE POSTAL) RELATIVO AO VALOR DA ENCOMENDA.

PARA ENVIO, ACRESCENTAR 200\$00 PARA PORTES, POR CADA MOEDA.

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Código Postal _____
Envio Cheque ☐ do Banco _____ ou Vale Postal ☐ N.º _____
Assinatura _____

Durão Barroso em Maputo

COMUNIDADE PORTUGUESA NA ÁFRICA DO SUL DEVERÁ CONTRIBUIR PARA O DESANUVIAMENTO REGIONAL

A comunidade portuguesa radicada na África do Sul terá uma palavra a dizer no processo de desanuviamiento regional. Este foi o desejo expresso pelo Governo moçambicano ao secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, durante a visita que este efectua a Maputo.

A intenção do Executivo de Moçambique foi divulgada quando se encontram na capital moçambicana membros da Associação de Jovens Empresários Portugueses (AJEEP), residentes na África do Sul. Ao mesmo tempo as autoridades daquele país africano lusófono expressaram a Durão Barroso o desejo de um maior envolvimento português nos interesses de Moçambique e do estreitamento das relações entre os dois países.

Neste sentido, o presidente moçambicano, Joaquim Chissano, e o secretário de Estado português estiveram reunidos em particular durante mais de três horas, no palácio presidencial.

Antes do jantar oferecido na Embaixada de Portugal e em que estiveram os ministros da Cooperação, Jacinto Veloso, e da Indústria e Energia, António Branco, Durão Barroso recebeu os representantes de Maputo da Agência Lusa e da radiotelevisão portuguesa.

Na ocasião, o governante português sublinhou a «intimidade e abertura» que caracterizou os encontros mantidos em Maputo e salientou que a visita, a quarta que efectua àquele país, foi a que reflectiu maior desejo de aproximação em relação a Portugal.

Empenho pessoal na visita de Cavaco

Durão Barroso, instado sobre a eventual visita de Cavaco Silva a Moçambique, afirmou que Joaquim Chissano lhe reiterou o «seu grande interesse e empenho pessoais» na concretização da mesma, «tão cedo quanto possível». Acrescentou ainda que a presente deslocação lhe serviu para uma análise da situação e da oportunidade da visita do primeiro-ministro português, mas escusou-se a entrar em promenos antes do encontro que irá ter com o chefe do Governo moçambicano, Mário Machungo.

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação evitou também especificar o papel que Portugal «está já

a desempenhar» no processo conducente à paz em Moçambique, mas reconheceu que essa questão foi tema central do encontro com Chissano.

O peso da comunidade portuguesa na África do Sul foi destacado pelo Executivo de Maputo - disse - o qual

admite a deslocação, se necessário, de ministros moçambicanos àquele país para explicarem a importância da acção que poderá ser desempenhada por tal comunidade.

No entanto, Durão Barroso frisou que o papel a desenvolver pelos portugueses radicados na África do Sul será do foro económico e nunca político e adiantou ser essa das principais mensagens que irá transmitir durante a deslocação a Joanesburgo por ocasião das comemorações do dia de Portugal.

No domínio das relações a nível militar com Moçambique, o secretário de Estado referiu ter sido manifestado o interesse em manter-se e avançar o apoio logístico. Negou, por outro lado, que o Governo português tenha sido convidado a envolver-se na formação de pessoal. «Se formos solicitados neste

sentido iremos analisar o pedido recebido, mas ainda não foi feita qualquer diligência, da parte moçambicana, nesse sentido», concretizou.

A propósito da visita de dois dias que inicia hoje a Harare, Durão Barroso disse ter agendados uma série de encontros, onde escutará as posições do Zimbábue em relação à evolução da situação na África Austral, às iniciativas de paz em Moçambique e às relações regionais.

Fontes oficiais referiram que o secretário de Estado português tem

previsto para hoje um encontro com o ministro da Justiça zimbabweano, a anteceder um jantar oferecido em sua honra pela Embaixada de Portugal em Harare. Para amanhã estão previstas sessões de trabalho, entre as quais se destaca uma audiência que lhe será concedida pelo presidente Robert Mugabe.

Jovens Empresários encontram abertura

Entretanto, a Agência Lusa entrevistou em Maputo o presidente da Associação de Jovens Em-

presários Portugueses (AJEEP), Vitor Viseu, que considerou ser responsabilidade da associação estabelecer a paz na África Austral através da cooperação económica.

O empresário português afirmou depois de ter encontrado nesta visita uma abertura e receptividade «bastante boas» do Governo e do sector comercial moçambicano, tendo sido acertado diversas áreas de actuação a curto prazo.

A deslocação trimestral de médicos portugueses a Moçambique, o envolvimento na formação académica superior e a assinatura de contratos na área comercial, a serem finalizados durante as próximas semanas, são os primeiros resultados das diligências a AJEEP.

Vitor Viseu

afirmou existir na associação «um sentimento de que a comunidade portuguesa na África do Sul tem um papel vital na estabilização da zona» e considerou que a estabilização económica criará condições para a estabilização política. «Neste momento Moçambique é um dos principais países nos objectivos da associação», sublinhou.

Federação portuguesa

Também ontem, dirigentes de 23 associações portuguesas aprovaram por unanimidade, em Joanesburgo, uma declaração de princípios que constitui a base da criação da futura federação das colectividades portuguesas na África do Sul.

O plenário das colectividades portuguesas votou também a constituição da comissão organizadora da federação, no qual estão representadas a associação da colónia portuguesa e a Casa da Madeira, ambas de Joanesburgo, Núcleo de Arte e Cultura, Vitória Futebol Clube de Germiston, Casa dos Poveiros, Associação Portuguesa do Cabo da Boa Esperança, Associação Portuguesa de Natal, Goldfield Portuguese Club de Welkom e Associação da Colónia Portuguesa de Pretória.

O Conselho das Comunidades apelou ao Governo português no sentido de tornar a legislação que beneficia os emigrantes nos países da CEE extensiva aos portugueses residentes fora do espaço comunitário europeu.

Aquele conselho manifestou-se «preocupado com a adopção da legislação portuguesa às normas comunitárias da CEE e a discriminação que esse facto está a causar relativamente aos portugueses residentes fora da Europa, com todas as suas inúmeras implicações sociais e económicas».

Em reunião efectuada em Joanesburgo, o Conselho das Comunidades decidiu também solicitar ao Executivo português a elaboração de um plano de cobertura do ensino da língua e cultura portuguesas e a instalação imediata de um instituto de cultura portuguesa em Joanesburgo, nos moldes de outros idênticos já abertos em países estrangeiros.



Secretariado Nacional da FENPROF reuniu ontem

PROFESSORES REAFIRMAM NOVA GREVE TOTAL PARA VENCER

O Secretariado Nacional da FENPROF (Federação Nacional dos Professores) confirmou a decisão de realizar mais dois dias consecutivos de greve da classe, em simultâneo com todas as outras organizações sindicais, e reafirmou a sua convicção de que os próximos dias 14 e 15 de Junho voltarão a paralisar por completo o sector numa «greve total para vencer».

Ontem reunido com o fim de «analisar as jornadas de luta efectuadas pelos docentes» e definir o seu prosseguimento, «que só terá fim quando os professores virem satisfeitas as suas justas reivindicações», o Secretariado Nacional da FENPROF reiterou as posições anteriormente assumidas pela estrutura, quer no que respeita à não aceitação da proposta de grelha salarial para a classe apresentada pela Secretaria de Estado da Modernização Administrativa como base possível de negociação, quer no insistir de que os pontos mais «quentes» de todo este processo de luta - grelha salarial e estatuto da carreira docente - «devem ser discutidos e negociados em simultâneo».

Os dirigentes desta organização sindical decidiram igualmente lançar, em paralelo com as suas acções, uma grande «campanha de clarificação» junto da opinião pública, sobretudo dos jovens, no sentido de «responsabilizar o governo pelas condições de instabilidade que se vierem a verificar no final do ano lectivo», em consequência do período de greves previsto para a altura dos exames e avaliações, que a FENPROF tem já em preparação.

Recorde-se que as greves dos dias 14 e 15 de Junho, que serão concretizadas «se o governo não alterar a sua posição quanto às grelhas salariais e ao estatuto da carreira», representam um marco na história do sindicalismo docente, dado que, pela primeira vez, serão realizadas em sim-

ultâneo pelas duas federações de professores - a FENPROF e a FNSP/FNE - e pelas outras estruturas sindicais da classe, tendo estas últimas já aderido à paralisação dos passados dias 22, 23 e 24.

«A próxima greve, que se espera ser total, representa a última oportunidade que os professores dão ao governo para que altere as suas posições antes do período das avaliações, e é, por outro lado, o último momento em que a classe pode, unida, demonstrar a sua força e a sua determinação», afirmou esta manhã ao «DL» António Teodoro.

Sublinhando que vários sectores do corpo docente não contribuirão para a greve na época dos exames - como o ensino pré-escolar e o superior, por exemplo - o secretário-geral da FENPROF acentuou a sua convicção de que «os professores, mais uma vez, saberão responder a esta «greve para vencer», relembrando que a sua convocação surge em consequência das moções aprovadas e decididas em reunião de delegados sindicais e no recente plenário do Campo Pequeno.

Professores esperam que Cavaco «justifique» afirmações

Na reunião que os dirigentes da FENPROF ontem efectuaram foi ainda decidido «insistir junto do Primeiro Ministro numa justificação das declarações que realizou na passada terça-feira», nas quais, entre outras, Cavaco Silva afirmou que os professores

seriam aumentados, de acordo com a proposta governamental, entre 17 e 77 mil escudos, o que provocou, de imediato, vivos protestos de indignação da maior parte das estruturas sindicais dos docentes, mesmo as afectas ao PSD, como o SINDEP (Sindicato Democrático dos Professores).

Entretanto, segundo António

Teodoro, existem já «boas indicações» de que todas as organizações sindicais aderirão à greve na época dos exames, para o que pode eventualmente pesar o forte apoio político-partidário, «vindo de todos os sectores», que os professores têm recebido desde que se encontram em luta.

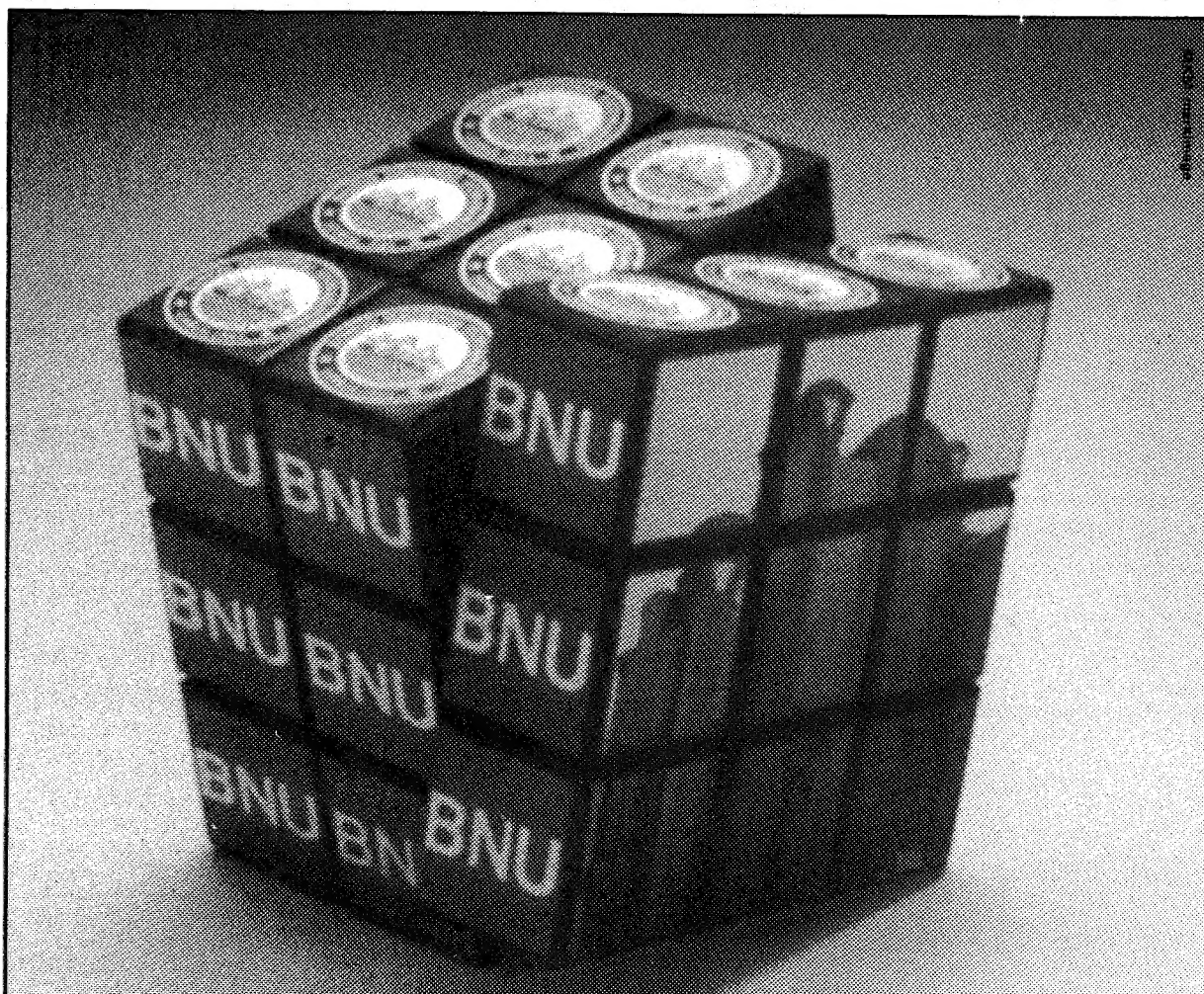
Para o próximo dia 6 de Junho estão já convocadas reuniões de

escola e de concelhos escolares em todo o país para o debate destas questões, encontros que, com a paralisação de alguns tempos lectivos, a FENPROF realizará em simultâneo com a FNSP e o SINDEP.

Tanto quanto o «DL» conseguiu apurar, a proposta da Federação Nacional dos Professores vai mesmo no sentido de

que estas reuniões decorram conjuntamente.

No dia 9 de Junho a FENPROF, a FNSP/FNE e o SINDEP reúnem-se no Porto, praticamente em vésperas da sua paralisação conjunta, para reavaliar o processo de luta da classe e o eventual prosseguimento de acções conjuntas ou em simultâneo.



Banco Nacional Ultramarino, S.A. Inauguração da Agência da Sede Avenida 5 de Outubro, gaveto Av. de Berna

O BNU tem o prazer de informar todos os seus estimados Clientes que, a partir de 16 de Maio, os serviços da Dependência da Avenida de Berna, passam a funcionar na Agência da Sede

— Edifício BNU — Avenida 5 de Outubro, gaveto com Avenida de Berna.
Telefs.: 73 01 12 / 73 10 40
Telex: 65080 BNU COT P
Telefax: 73 39 05



Banco Nacional Ultramarino, S.A.

na rota do futuro

Professores universitários contra grelha salarial da Função Pública

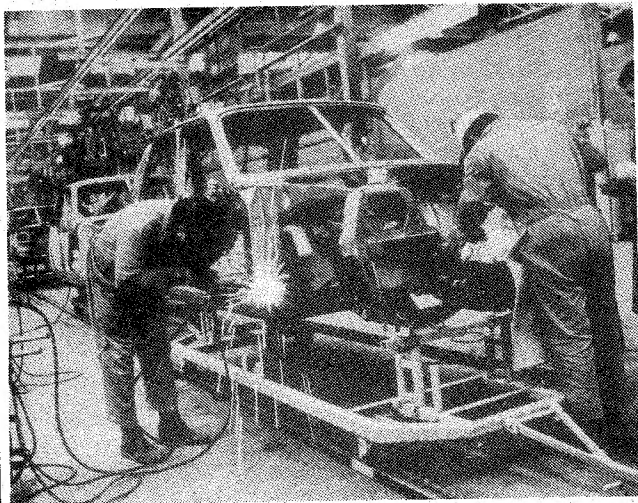
Docentes e investigadores da Universidade de Coimbra consideraram ontem «altamente gravosa» a proposta governamental das grelhas salarial para a Função Pública.

O Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) revelou que estes docentes e investigadores universitários entregaram a Rui Alarcão, Reitor da Universidade de Coimbra, um abaixo assinado no qual manifestavam a sua posição sobre o novo sistema retributivo proposto para a Função Pública, considerando-a uma «nítida desvalorização da carreira universitária em face de outras carreiras com uma dignidade não superior» à sua.

No abaixo-assinado, subscrito, entre outros, pelos três vice-reitores da Universidade de Coimbra - os professores catedráticos Poiares Batista, Jorge Veiga e Fernando Rebelo - estes docentes repudiam o facto de a proposta do governo «pôr fim à indexação com a carreira da magistratura».

De acordo com o SPRC, o documento entregue ao Reitor da Universidade é igualmente assinado pelos presidentes dos Conselhos Directivos, Científicos e Pedagógicos das sete faculdades da instituição, bem como pela totalidade dos docentes e investigadores da Assembleia constituída para efeitos da aprovação dos estatutos da Universidade de Coimbra.

O abaixo-assinado solicita ainda ao Reitor que transmita ao governo um «veemente protesto» sobre as condições do novo sistema retributivo da Função Pública.



Quebra mundial na venda de automóveis

Vão baixar em 1989 e 1990 as vendas mundiais de veículos automóveis após o recorde registado no ano passado, relevou o Instituto de Investigação Dri Europe, pertencente a uma sociedade de estudos económicos e financeiros de um grupo empresarial norte-americano.

De acordo com o último relatório do Dri as vendas mundiais de veículos progrediram 5,6 por cento em 1988, totalizando 34,4 milhões de unidades.

O Japão registou nesse período uma taxa de progressão de 13,5 por cento enquanto no conjunto de países da Europa Ocidental se verificaria um crescimento de 4,8 por cento.

Uma zona particularmente forte de crescimento de vendas foi na Ásia-Pacífico, com exclusão do Japão, e na América Latina e diminuição de procura mundial a situar-se no total de 6,6 em 1989 e um por cento em 1990.

Ainda e segundo o estudo, deverá no entanto ocorrer, uma mudança de tendência em 1989 excepto na zona Ásia-Pacífico, prevendo-se quebras de vendas na Europa e América Latina e diminuição de procura mundial a situar-se no total de 6,6 em 1989 e um por cento em 1990.

A **Brigada de Trânsito** da GNR faz hoje, em conferência de imprensa, a apresentação de novo equipamento técnico.

A apresentação realiza-se na sede da BT da Guarda Nacional Republicana, na Rua das Janelas Verdes.

O acidente de viação que ontem, ao princípio da tarde vitimou três pessoas teve origem no despiste do automóvel ligeiro que embateu de frente num pesado de mercadorias, disse fonte da GNR de Braga.

Os três mortos que seguiam o veículo ligeiro são: o condutor, José da Costa Pereira, de 48 anos, residente em São Martinho, Braga, Maria da Conceição Costa Rodrigues, esposa de José Pereira e Francisca Flora da Silva Esteves de 51 anos, residente em Oriz, Vila Verde.

O condutor do automóvel ligeiro e a esposa tiveram morte imediata, enquanto Francisca Flora da Silva Esteves faleceu no Hospital de São Marcos, Braga.

O condutor do automóvel pesado, Domingos Ferreira da Costa saiu ileso do acidente, que ocorreu na Estrada Nacional n.º 103 na recta de Sequeira.

A colisão de um veículo ligeiro com um pesado hoje de madrugada à entrada da Ponte 25 de Abril provocou um ferido grave, disse a Brigada de Trânsito da GNR.

O acidente ocorreu cerca das 2.40h quando o ligeiro que circulava no sentido sul-norte embateu no pesado que estava estacionado junto ao posto da GNR.

O condutor do automóvel, José Manuel Simões Vilbino, foi transportado para o Hospital de São José, onde ficou internado em estado grave.

Sinistralidade em números

Oito mortos e 110 feridos é o balanço dos 134 acidentes de viação registados pela Brigada de Trânsito da GNR entre o meio-dia de domingo e a mesma hora de ontem. Dos feridos, 17 ficaram em estado grave.

NACIONAL

TRÊS CONDENAÇÕES NO CASO DOS FUNDOS COMUNITÁRIOS

O Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa, condenou três arguidos no «Caso FSE» a penas de quatro a cinco anos de prisão.

O colectivo presidido pelo juiz Custódio Silva condenou o ex-técnico da DAFSE, José Paulo Rodrigues, a cinco anos de prisão e os empresários Silva Pereira e Serro Martins a, respectivamente, quatro anos e seis meses e quatro anos.

A condenação deu-se por «fraude na obtenção de fundos», absolvendo-os de crime de corrupção.

Pela primeira vez, ao proferir ontem a sentença sobre os arguidos acusados de corrupção nos fundos comunitários, o Tribunal condenou os réus a pagar a publicação do acórdão em três dos jornais mais lidos.

Custódio Silva, presidente do colectivo que ao longo de 12 sessões julgou os arguidos José Paulo Rodrigues, António Silva Pereira e José Serro Martins, referiu que o acórdão da sentença será «publicada na íntegra» num jornal diário da capital, e dois do norte, nomeadamente no Porto e Braga.

O custo integra-se na sentença que os condenou a cinco anos, quatro anos e seis meses, e quatro anos respectivamente, por cúmulo jurídico em cada um dos réus, de crimes «de fraude na obtenção» dos subsídios comunitários.

Este crime está previsto na lei com um mínimo de dois anos e um máximo de oito anos de prisão. Os arguidos foram entretanto absolvidos de outros crimes porque vinham acusados: «corrupção e desvio de fundos».

Esta decisão, que a repetir-se para jurisprudência, constitui para já «um elemento

de trabalho» para julgamentos de processos idênticos futuros.

Apenas António Silva Pereira, empresário, se mantém em liberdade provisória, devido à interposição do recurso para o Tribunal da Relação, pelo seu defensor, Roque Lino.

Dois réus mantêm-se presos

Os outros dois, um ex-técnico do departamento do Fundo Social Europeu do Porto, e um empresário de Caminha, ficarão presos, como aliás estavam há mais de um ano.

Serro Martins, etará, já este ano, segundo observação do juiz-presidente, em condições de pedir a liberdade condicional, por atingir o cumprimento de metade da pena.

O juiz ordenou além da apreensão da maior parte dos bens dos arguidos, constantes nos autos, nomeadamente viaturas e maquinaria, o encerramento das empresas.

Os réus deverão ainda pagar ao Estado, José Paulo e António Silva Pereira, uma indemnização conjunta de 27 mil contos e Serro Martins de 108 mil contos, correspondente aos montantes gastos que não souberam justificar.

O Tribunal provou que o arguido José Paulo recebeu os seis mil contos de Serro Martins e os três automóveis de Silva Pereira, mas não obteve provas, para que fim é que os recebeu, não se confirmando assim o crime de corrupção.

Na sentença, original, o juiz considerou que o crime se baseou na obtenção dos fundos, ou seja nos processos de candidatura quando as empresas nem sequer tinham capacidade para pedir e forneceram dados incorrectos.

Quadrilha internacional responde no Porto

O julgamento dos presumíveis receptores de objectos valiosos roubados pela designada «quadrilha dos cofres», que em França assaltou 15 bancos, começou ontem à tarde no Tribunal de S. João Novo, Porto.

O principal arguido é o português Carlos Manuel Fernandes Pereira, conhecido por «o Bruno», 23 anos, que em 28 de Fevereiro de 1988 se evadiu da penitenciária de Cherbourg, no sul de França, onde cumpria uma pena de prisão perpétua, por prática de vários crimes.

O último dos crimes imputado à «quadrilha dos cofres» - designação por que é conhecida internacionalmente - foi um assalto a um banco de Fontainebleau, França e o roubo de 21 cofres individuais, com jóias no valor global de mil milhões de francos e ainda 360 mil contos em dinheiro.

Os franceses Trebutiem Thierry, 27 anos, e Parant Rene, 25 anos, foram capturados em 23 de Junho de 1988, em Olhão, por uma brigada civil da PSP do Porto, dirigida pelo chefe José Pinto Branquinho.

Nesse mesmo dia, «o Bruno» tinha sido detido no centro do

Porto, por dois guardas da PSP, tendo denunciado então o paradeiro dos dois cadastrados franceses, que se preparavam para investir o dinheiro roubado no sector hoteleiro.

O julgamento é presidido pelo corregedor Armando Barros Moreira, do segundo Juízo Criminal do Porto, estando a ser julgados presumíveis receptores e objectos valiosos - ouro, jóias e moedas antigas - um dos quais é o gerente do Café Imperial, no Porto, Gaspar Mendes.

Condenado nos Açores autor de duplo homicídio

O Tribunal de Ponta Delgada condenou a 18 anos de prisão o autor confesso de dois homicídios cometidos em menos de um mês na Lagoa, ilha de São Miguel.

Trata-se do jovem Leonor Pacheco que foi também condenado ao pagamento de indemnizações aos familiares das vítimas dos homicídios num total de 1300 contos.

O réu, condenado a 15 anos de cadeia por homicídio e a três por furto qualificado, disse em tribunal que abateu a tiro um condutor de autocarros e um talhante par lhes roubar o dinheiro que tinham em seu poder.

Este duplo homicídio, conhecido pelo caso do «assassino da

Lagoa», provocou grande alarme na população desta zona da ilha de São Miguel.

Morto a tiro na Baixa da Banheira

Um indíviduo atingido a tiro de caçadeira morreu ontem no Hospital Distrital do Barreiro, após ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica de urgência, disse fonte hospitalar.

Libertino Baptista Fernandes, 32 anos, casado, natural do Barreiro e residente na Baixa da Banheira, foi atingido a tiro naquela localidade, durante uma discussão com um desconhecido, segundo referiu fonte policial.

A GNR da Baixa da Banheira está a proceder a investigações.

Morto no Vietname homenageado na Murtosa

O luso-americano Joaquim Vaz Rebelo, morto em combate no Vietname, foi homenageado na Murtosa, por iniciativa da delegação dos Estados Unidos da Associação de Comandos.

Joaquim Rebelo, que integrava os fuzileiros navais dos EUA, faleceu a 13 de Maio de 1967, com 20 anos, e foi homenageado no âmbito das comemorações do Memorial

Formação têxtil e metalomecânica

As más aplicações dos dinheiros recebidos, foram considerados pelo Tribunal como uma consequência da fraude na sua obtenção.

Os arguidos tinham pedido por várias vezes, subsídios ao Fundo Social Europeu para acções de formação, na área têxtil e metalomecânica, valores que no caso de A. Silva Pereira ascenderam a mais de 700 mil contos no total dos quatro pedidos.

Os processos de candidatura foram feitos com o auxílio de José Paulo Rodrigues, técnico na altura, do DAFSE, baseando-se nos dados de outras empresas que os tinham obtido.

O Tribunal considerou ainda ao longo das explicações constantes nas 17 páginas do acórdão, onde não faltaram as referências a todo o clausulado que assegura o vínculo de Portugal às leis comunitárias, que no dia a dia das empresas há decisões que têm de ser tomadas para evitar problemas económicos.

Tal consideração justificava assim, a utilização dos dinheiros do FSE para situações imprevistas mas que teriam de ser resolvidas de imediato, desde que fossem cumpridas no final as regras comunitárias sobre a gestão dos subsídios.

A decisão agora proferida sobre o primeiro processo relativo a aplicação dos fundos comunitários, «irá ainda dar que falar» segundo o próprio juiz.

«Você irão durante algum tempo estar sob as atenções. Agarrem a liberdade que em breve podem ter, e aproveitem as vossas capacidades», conclui o juiz depois da sentença.

Day, dia em que os norte-americanos evocam os seus combatentes.

Na homenagem ao cabo Joaquim Vaz Rebelo estiveram presentes elementos da Associação de Comandos, autarcas e familiares do antigo combatente, tendo sido deposta uma coroa de flores no jazigo de família onde repousam os seus restos mortais, no Cemitério do Monte, Murtosa.

A coroa de flores veio dos Estados Unidos, de onde se deslocaram também a irmã do homenageado, Laurinda Vaz Rebelo, e elementos da delegação americana da Associação de Comandos, para participarem na cerimónia.

Joaquim Vaz Rebelo nasceu na Murtosa a 1 de Setembro de 1946, filho de Joaquim José Rebelo e de Maria José Vaz Rebelo, já falecidos, e, como luso-americano, foi incorporado nos marines, sendo depois mobilizado para a guerra do Vietname, onde faleceu em combate.

O presidente da delegação de Oliveira de Azeméis da Associação de Comandos, José Godinho de Sousa, em declarações justificou a homenagem àquele militar luso-americano pelo «espírito de camaradagem de combatente».

GALP
Lubrificantes



ESTEREOFOTO
Apoiamos o projecto da maior parte das
Estradas e Auto-Estradas de Portugal

CARTOGRAFIA • TOPOGRAFIA
FOTOGRAMETRIA MÉTRICA E APLICADA

AV. CONSELHEIRO BARJONA DE FREITAS, N.º 20 A

TELS. 78 87 14/78 05 33 • TELEFAX 78 25 64 • LISBOA

TROVOADAS AFECTAM AGRICULTURA E COMUNICAÇÕES EM GERAL

Culturas de trigo, vinhas, hortas, frutas, amendoais e fenos foram destruídas pelas chuvas intensas que nos últimos dias têm assolado várias regiões do país. Em Sobral de Monte Agraço, uma tromba de água destruiu ontem culturas de trigo e vinhas e inundou uma escola de ensino especial, disse António Bogalho, presidente do município.

«As árvores de fruto nas freguesias de São Quintino, Sobral e Barqueira ficaram também muito afectadas, mas os casos mais graves são os do trigo e da vinha, que ficaram quase completamente destruídos», afirmou o autarca.

Segundo António Bogalho, o trânsito esteve cortado nas principais zonas da vila devido às inundações.

«Apesar de haver muitos estragos, ainda é muito cedo para se poder contabilizar os prejuízos», referiu António Bogalho.

Os concelhos de Évora, Beja, Chaves e Vila Real foram igualmente afectados pelas chuvas.

Em Évora, a situação «mais grave» é a dos fenos que apesar de colhidos ainda estavam por enfardar.

«Com os fenos a situação é dramática porque estão todos podres e não temos comer para o gado», afirmou uma fonte da Direcção Regional de Agricultura de Évora.

«As culturas de aveia e de girassol também foram afectadas, mas em menor grau», referiu aquela fonte.

Segundo Pulido Garcia, da

Associação Nacional de Produtores de Cereais, os cereais de praga como o trigo, aveia e trival são as culturas mais afectadas. No entanto, «a situação não é alarmante e ainda é muito cedo para se fazer contas».

«Em Beja, foi a palha a mais danificada, o que traz grandes consequências na alimentação do gado», referiu Amélia Calapez, técnica da Direcção Regional de Agricultura de Beja.

Segundo uma técnica da Direcção Regional de Agricultura do Noroeste Transmontano, as culturas hortícolas e as vinhas são as mais afectadas pelas chuvas e granizo.

«Nas freguesias de Valpaços e Chaves, as chuvas destruíram cerca de 250 hectares de hortas, enquanto as vinhas sofreram estragos na ordem dos 50 por cento», referiu a mesma fonte.

«Ainda que em menor grau, também os cereais, frutas, olivais e amendoais estão a sofrer prejuízos», referiu a técnica da Direcção Regional de Agricultura do Noroeste Transmontano.

Segundo Mário Almeida,

da Direcção Regional de Agricultura de Vila Real, as vinhas têm sofrido prejuízos, mas «a situação não é alarmante».

Apesar dos prejuízos causados pelas chuvas, «não se podem comparar os prejuízos de agora com os do ano anterior. No entanto ainda é cedo para fazer contas».

Na região da Guarda trovoadas acompanhadas de chuva intensa e granizo assolaram aquela zona provocando cortes de energia eléctrica e avarias nas telecomunicações.

Agricultores que se deslocaram ao mercado da Guarda informaram que o mau tempo destruiu já várias culturas, sobretudo cereja, produtos hortícolas, frutas e vinha.

As estradas da região encontram-se transitáveis apesar da forte acumulação de terras, areias e detritos, principalmente nos locais mais abrigados.

Os serviços de telecomunicações dos CTT da Guarda informaram, por seu turno, que a maioria das redes telefónicas desta zona estão total ou parcialmente avariadas devido às trovoadas, com excepção de Figueira de Castelo Rodrigo.

Os bombeiros locais foram solicitados para procederem à retirada de águas que se infiltraram no edifício do Centro Regional de Segurança Social da Guarda.

Também a localidade de Olival Basto, no concelho de Odivelas, esteve ao fim da manhã de ontem parcialmente inundada devido à subida do nível da ribeira local causada pela chuva, disse uma fonte dos bombeiros.

A fonte da corporação de Odivelas afirmou que a água «dava pelo meio dos automóveis» e que a maior parte das ruas foram inundadas.

«É uma situação habitual sempre que chove um pouco. Recebemos 10 pedidos de auxílio para as ruas.»

Os Bombeiros de Odivelas enviaram cinco carros para a zona, e tiveram o auxílio de outras corporações do concelho, como Loures e Pontinha.

Na área do Grande Porto verificaram-se contínuas avarias provocadas pelas inundações resultantes da intensa trovoadas que se abateu sobre a região.

As águas inundaram habitações e campos de lavoura que obrigaram a muitas intervenções dos bombeiros, principalmente na Maia onde as chuvadas, para além de terem destruído culturas nos campos, bloquearam a Estrada Nacional 14 que liga a capital nortenha a Braga.

Houve também inundações numa empresa da Maia que danificaram várias viaturas automóveis, algumas delas novas.

As condições meteorológicas vão continuar instáveis

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43\$95	49\$95
ALEMANHA FED. (marco)	81\$70	82\$90
ÁUSTRIA (xelim)	11\$60	11\$80
BÉLGICA (franco)	3\$711	3\$961
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	136\$25	138\$75
(notas de 5 a 1000)	136\$75	139\$25
DINAMARCA (coroa)	21\$00	21\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$254	1\$374
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	164\$25	167\$75
(notas de 5 a 1000)	164\$75	168\$25
FINLÂNDIA (marka)	36\$75	37\$35
FRANÇA (franco)	24\$15	24\$85
IRLÂNDIA (florim)	72\$50	73\$60
IRLÂNDIA (libra)	219\$35	223\$45
ITALIA (lira)	\$103	\$118
JAPÃO (iene)	1\$111	1\$166
NORUEGA (coroa)	22\$70	23\$20
REINO UNIDO (libra)	259\$05	263\$55
SUECIA (coroa)	24\$35	24\$85
SUIÇA (franco)	93\$55	95\$05
VENEZUELA (bolívar)	3\$893	4\$693

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Assaltada fábrica de confecções

Cerca de quatro mil contos em artigos têxteis foram furtados de uma fábrica de confecções localizada no concelho de Porto de Mós, revelou a Polícia Judiciária de Coimbra.

O assalto foi praticado, através de arrombamento, numa unidade fabril sediada em Cabeça de Veado, Porto de Mós, disse a mesma fonte policial.

A PJ adiantou também que ontem de madrugada foram também furtados de um estabelecimento comercial de Mortágua diversos equipamentos de vídeo e som cujo valor ascende a «vários milhares de contos».

GF apreende 10 mil contos de vídeos piratas

A Guarda Fiscal apreendeu, nos últimos dias, nos arredores de Lisboa, material pirata de vídeo, no valor aproximado de 10 mil contos, disse um responsável da corporação.

O tenente-coronel José Sena referiu que a apreensão se deu num trabalho conjunto entre a GF e a Direcção-Geral de Espectáculos e Direitos de Autor.

Aquele oficial superior adiantou que forças da Guarda Fiscal capturaram no passado fim-de-semana, na região de Montalegre, um veículo, com quatro mil litros de azeite, «alegremente de contrabando».

O veículo e o azeite foram avaliados em cerca de quatro mil contos.

Funeral do presidente da Câmara de Pombal

Milhares de pessoas, entre autarcas e políticos, assistiram ontem em Pombal ao funeral do presidente da Câmara, Guilherme Santos, falecido sábado num acidente de viação.

Diversas representações de colectividades do concelho, os governadores civis de Leiria e de Coimbra, o secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, o dirigente socialista Lopes Cardoso e o presidente do conselho geral da Associação Nacional de Municípios Portugueses, Abílio Curto, estiveram esta tarde no átrio da Câmara onde estava o corpo do autarca falecido.

Os cabeças de lista do PS e do CDS ao Parlamento Europeu, respectivamente João Cravinho e Lucas Pires, a viúva do antigo primeiro-ministro Mota Pinto, também ele natural de Pombal, e o antigo governador civil de Coimbra, Santana Maia, em representação do Presidente da República, integraram o cortejo fúnebre.

Guilherme Santos, 42 anos, morreu sábado de manhã num acidente de viação na estrada nacional número um entre Pombal e Coimbra, quando a sua viatura se despiu e foi embater numa árvore.

Eleito presidente da Câmara de Pombal em Dezembro de 1982, numa lista do PS, e eleito em Dezembro de 1985, Guilherme Santos tinha sido já indigitado para cabeça de lista nas próximas eleições autárquicas.

Espanhóis são quem mais nos visita

A grande maioria dos passageiros estrangeiros que entraram em Portugal durante o mês de Abril é espanhola, revelam dados oficiais agora divulgados.

Em cerca de um milhão de estrangeiros que entraram no passado mês em Portugal, 713 mil são espanhóis, valor muito superior aos 81 mil britânicos, que se seguem na lista de entradas.

Os restantes países da CEE representam a grande parte das restantes entradas: França, 40 mil, RFA, 35 mil, Holanda, 18 mil, e a Bélgica seis mil.

Outros países cujos números de entradas revelam alguma importância foram os Estados Unidos, com 13 mil, e a Suécia e o Canadá, com seis mil cada.

Enquanto isso, entraram em Abril, nas diversas fronteiras, 876 mil portugueses.

O total de entradas e de saídas registadas em Abril foi este ano inferior ao verificado em 1988, passando de um fluxo global de cerca de 4,3 milhões para cerca de 3,8 milhões.

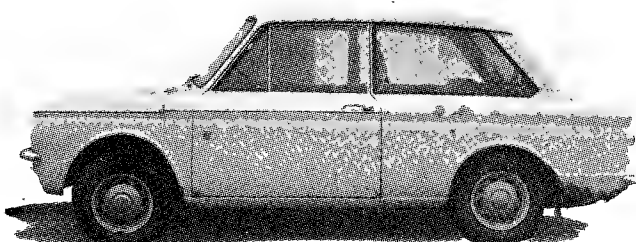
Em Abril de 1988 entraram 1566 estrangeiros, ao passo que no mês passado entraram apenas 1001.

As fronteiras mais movimentadas foram as terrestres (776 mil estrangeiros e 824 mil portugueses a entrar, e 745 mil estrangeiros e 835 portugueses a sair).

As fronteiras aéreas registaram essencialmente entradas e saídas de estrangeiros, num total dos dois fluxos de 595 mil entradas e saídas (mais de 450 mil de estrangeiros).

As fronteiras marítimas registaram comparativamente muito menos movimento — apenas um total de quatro mil entradas e saídas. A fronteira nacional com mais movimento foi Valença, com 1173 passageiros.

ESTE CARRO VALE 100.000\$00*



Inflação - uma realidade do Século XX.

Por causa dela, todos temos de encontrar soluções que nos permitam o acesso a bens que nos são indispensáveis. Felizmente, nem tudo é mau, nem todas as notícias são pessimistas.

Se o leitor tem um automóvel, qualquer automóvel, por mais velho que esteja e desde que ande, leve-o a um Concessionário Renault que o avalia, no mínimo, por 100.000\$00 na compra de um Renault Supercinco novo!

Venham todos, de todas as marcas e modelos, que chegou a altura de serem trocados por um carro novo em folha! Um Renault Supercinco! Convenhamos que ainda há notícias agradáveis!

VISITE O CONCESSIONÁRIO RENAULT

* Até 10 de Junho

ADMINISTRAÇÃO PARA AMANHÃ E FUNÇÃO PÚBLICA DISCUTE GREVE GERAL PARA OS DIAS 14 E 15

O Sindicato dos Trabalhadores da Administração Pública (SINTAP-UGT) propôs uma greve geral da Função Pública para 14 e 15 de Junho contra a proposta de sistema retributivo apresentada pelo Governo. Segundo o «DL» apurou, a proposta será analisada - e a resposta dada - pela Federação dos Sindicatos da Função Pública (CGTP) no plenário da tarde de amanhã, que se realizará no Cinema Alvalade, em Lisboa, durante a paralisação da administração central, regional e local, que deixará muitas Câmaras do país de portas fechadas.

No final de uma reunião do seu Secretariado Nacional, o SINTAP manifestou, «o seu repúdio generalizado» pelo sistema retributivo da Função Pública proposto pelo Executivo e apresentado pela secretária de Estado da Modernização Administrativa, Isabel Corte-Real.

Aquela estrutura sindical espera que o Governo apresente uma nova proposta até 9 de Junho, mas desde já sugere uma greve geral do sector para 14 e 15 do mesmo mês, data já escolhida pelos professores para paralisarem.

«A proposta de greve é extensiva aos sindicatos filiados e próximos da CGTP», afirmou ainda Nobre dos Santos, secretário-geral da estrutura da UGT.

O SINTAP manifestou também o seu «apoio às formas de luta que desenvolvem os trabalhadores» da Função Pública.

Entretanto, segundo afirmou ao «DL» Humberto Costa, da Federação dos Sindicatos da Função Pública, organização filiada na CGTP, «o plenário de amanhã no Cinema Alvalade vai abordar essa proposta e tomar uma decisão».

Mas amanhã estão já em greve os trabalhadores da administração central, regional e local, os enfermeiros e

os funcionários das Direcções-Gerais da Contribuição e Impostos e do Tesouro.

A paralisação foi convocada por todas as estruturas sindicais da Função Pública que integram a Frente Comum (CGTP), pelo SINTAP (UGT) e pelos sindicatos Nacional dos Enfermeiros, do Município de Lisboa, dos Trabalhadores dos Impostos e terá início às zero horas de amanhã.



Ponte sem portagem

Por sua vez, os trabalhadores das pontagens da Ponte 25 de Abril iniciaram às zero horas de hoje uma greve de duas horas por turno, e o Sindicato da Função Pública do Sul e Açores, estrutura que representa os portageiros, anunciou já nova paralisação de 24 horas para amanhã.

Aqueles trabalhadores, depois de terem interrompido o serviço hoje entre a meia-noite e as 2 horas e entre as 10 e o meio-dia, cumprem ainda paralisações entre as 16 e as 20 horas.

O sindicato assinala que a greve de amanhã se insere na paralisação geral convocada pela Federação dos Sindicatos da Função Pública para protestar contra a proposta de regime retributivo apresentada pelo Governo.

Os portageiros lutam ainda por uma melhoria da carreira profissional, o pagamento das horas extraordinárias

e do subsídio de almoço conforme o estipulado por lei.

O pagamento de abono para falhas aos encarregados e fiscais e a integração no quadro dos tarefeiros há vários anos em funções são outras das suas reivindicações.

Câmaras de Lisboa e Barreiro param

Os trabalhadores da Câmara de Lisboa decidiram ontem, em plenário, «participar activamente na greve de amanhã que abrange toda a administração local e central e no plenário da Frente Comum, no Cinema Alvalade».

No plenário, convocado pelo Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa e no qual participaram cerca de uma centena de funcionários, foi ainda demonstrado o «total descontentamento em relação às propostas do Governo sobre o novo sistema retributivo da Função Pública» e a «grande preocupação» dos trabalhadores pelos «baixos valores» nela constantes.

Segundo afirmou ao «DL» Pina Gonçalves, daquela estrutura sindical, o documento governamental «está incompleto, pois não traz nada de concreto em relação às carreiras específicas dos trabalhadores da administração local», da mesma forma que ignora «a situação dos bombeiros».

O plenário expressou ainda a sua disponibilidade para «agudizar as formas de luta na primeira quinzena de Junho, caso o Governo não apresente uma nova proposta, com valores aceitáveis».

Pina Gonçalves afirmou que o Sindicato dos trabalhadores do Município de Lisboa «está a estudar a hipótese de fazer coincidir ao máximo as lutas em

curso».

Também no Barreiro param amanhã os transportes municipalizados e todos os serviços autárquicos devido à greve da administração pública.

A decisão foi tomada por unanimidade em plenário do STAL com os trabalhadores autárquicos e dos serviços municipais de transportes colectivos do Barreiro.

Porto sem gás e electricidade

Entretanto, os trabalhadores dos serviços municipalizados de gás e electricidade (SMGE) do Porto convocaram uma greve para 5 e 9 de Junho, caso o Conselho de Gerência da EDP não responda às suas reivindicações, anunciou Joaquim Viana, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas.

Segundo aquele dirigente, «o pessoal dos SMGE recusa a situação de desigualdade de que são vítimas desde a integração daquele serviço na EDP, exigindo por isso a aplicação do Acordo de Empresa (AE) aí vigente».

Durante um plenário ontem realizado com a presença de cerca de seis centenas de trabalhadores, foi aprovado, para além das greves do próximo mês, um novo plenário geral no dia 12.

«Os trabalhadores recusam esta indefinição profissional de não aplicação do estatuto da Função Pública nem do estatuto da EDP», afirmou Joaquim Viana.

Este dirigente sindical acusou ainda a comissão directiva dos SMGE de ter ameaçado os trabalhadores «com processos disciplinares, caso participassem no plenário» de ontem.

Sistema retributivo da Função Pública

Todos contra desde o início

A proposta de novo sistema retributivo da Função Pública reuniu o consenso dos sindicatos representativos dos trabalhadores da administração pública em matéria de críticas ao Governo. «Uma afronta», «uma iniquidade» ou ainda «uma proposta inaceitável» são as expressões utilizadas pelas estruturas sindicais para classificar o documento que, consideram, «iludiu as expectativas criadas aos trabalhadores».

Os sindicatos salientam que a proposta não explicita como se processará a transição entre os dois sistemas, nem os tempos de permanência em cada escalão, e salientam que parte de um índice 100 demasiado baixo (32 mil escudos).

A proposta governamental foi apresentada às estruturas sindicais pela subsecretária da Reforma Administrativa, Isabel Corte-Real.

Professores: a primeira reacção

A reacção mais forte veio dos professores, que realizaram já duas greves - a última durante três dias - para protestarem contra aquele documento governamental e têm já agendada nova paralisação para os dias 14 e 15 do próximo mês,

desta vez com pré-avisos entregues por todas as organizações sindicais.

Também os quadros técnicos do Estado, através do seu sindicato, salientam que a proposta, para os técnicos superiores, corresponde à do relatório Sousa Franco, mas não tem em conta que se passou entretanto a aplicar o IRS áqueles profissionais.

O presidente da estrutura preconizou o valor de 40 mil escudos para o índice 100, e considerou que a proposta governamental apresenta uma situação de «injustiça» e «iniquidade», porque não tem em conta, no regime transitório, o tempo de permanência na categoria e manda todos os técnicos para o índice zero transitório.

O sindicalista disse ainda que a proposta «marginaliza alguns grupos em relação a outros», ficando os investigadores, que têm preparação técnico-científica superior à dos médicos, posicionados abaixo destes.

Todos contra

Para a Federação Sindical da Administração Pública (FESAP-UGT), a proposta do Governo «frustra expectativas criadas», quer quanto às

carreiras gerais quer quanto aos corpos especiais, e não permite competir com os salários do sector privado.

Nobre dos Santos, daquela Federação, declarou que a proposta não resolve «nem os problemas dos quadros superiores», adiantando que o ambiente nos locais de trabalho «está muito feio».

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública (CGTP) considerou, por seu turno, que o número e a forma de construção dos escalões não contribuem para eliminar a actual situação de estagnação e falta de promoção profissional.

Santos Braz, dirigente do STAL, Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local integrado na Frente Comum, recordou que a administração pública teve uma perda de poder de compra superior a 50 por cento entre 1976 e 1986, e adiantou que grande parte dos trabalhadores das autarquias terá acréscimos salariais entre cinco e dez por cento.

O sindicalista acrescentou que, nalguns casos, a proposta do Governo reduz a categoria das carreiras existentes.

A presidente do Sindicato dos Enfermeiros, Maria Augusta Sousa, salientou por sua vez que a

proposta coloca a classe abaixo da carreira técnica, apesar de os enfermeiros terem bacharelato ou licenciatura, e sublinhou que a carreira de enfermagem fica numa posição relativa inferior à actual.

Corpos especiais: Quem lá deve estar?

A proposta apresentada pelo Governo aos sindicatos, com uma estrutura indiciária, prevê uma carreira geral com índices salariais que variam entre 110 (correspondente a 35 mil e 200 escudos) para o escalão mais baixo de auxiliar, e 820 (262 mil e 400 escudos) para o escalão mais alto de assessor principal.

Define ainda corpos especiais (carreira diplomática, professores, investigadores, médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica, polícia judiciária e inspecção de alto nível) com ordenado mínimo que varia entre os 72.400 escudos para professores do ensino básico, enfermeiros e técnicos de diagnóstico, e 145.200 escudos para a inspecção de alto nível. Os ordenados de topo dos corpos especiais variam entre os 155 contos para os técnicos de diagnóstico de terapêutica e os 375 contos para os médicos.

Aprovado por unanimidade, ontem na reunião de Câmara

LISBOA CORRE ATRÁS DA CULTURA EUROPEIA

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou ontem, por unanimidade uma proposta que solicita ao Governo, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Cultura a formalização da candidatura de Lisboa a Capital Europeia da Cultura em 1994. Tal decisão obteve o consenso de todos os vereadores reunidos em sessão pública. Contudo, a discussão do assunto, no período de antes da ordem do dia, foi caracterizada por acaloradas intervenções.

A propósito das declarações que Rui Godinho fez ao «Diário de Lisboa», no passado sábado, o vereador do Pelouro da Cultura, Vítor Reis, afirmou: «Rui Godinho disse um chorralho de mentiras». Respondendo àquelas acusações o vereador do PCP afirmou: «Não disse mentiras, é um facto que a candidatura de Portugal não apareceu, além disso queremos saber onde está o dossier da candidatura. Não estamos a brincar a feijões, trata-se do futuro de Lisboa. E ainda bem que levantámos o problema».

Abecasis categórico

Por seu turno, Nuno Abecasis afirmou categoricamente: «Garanto-vos que Lisboa será a Capital Europeia da Cultura em 1994 e não desistirei disso. Se alguém tem razão para falar deste assunto chama-se Nuno Abecasis. Até agora ninguém tinha tratado deste assunto. Não me venham agora dizer que não tomei as medidas adequadas pois nas reuniões dos presidentes das capitais europeias está lá o nome do português. Quanto ao presidente da Câmara de Copenhaga, foi um abelhudo».

Referindo-se à recente reunião em que foi anunciada a possível candidatura da capital dinamarquesa, Abecasis afirmou: «A Secretária de Estado da Cultura disse que na reunião tinha havido uma referência a Copenhaga mas não se tratou de uma decisão nem de uma proposta formal».

Depois de ter sido aprovada, por unanimidade, a deliberação de solicitar a formalização da candidatura de Lisboa, os vereadores do PS, através de Vasco Franco, fizeram uma declaração de voto: «É importante que a Câmara tenha tomado a deliberação que tomou, mas queremos saber o que se passou com o dossier: se a candidatura deveria ter sido apresentada mais cedo, ou se alguma coisa fracassou nas relações institucionais entre o Governo e a Câmara. Fazemos votos para que se consiga concretizar aquilo que votámos hoje».

Recria não está a morrer

Abordado por Vítor Reis, o Recria -Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis, foi alvo de acesa discussão. Segundo

aquele vereador, as declarações de Vasco Franco à imprensa sobre as restrições ao crédito são «desmobilizadoras».

«Posso afirmar que o Recria nada tem a ver com as restrições ao crédito e provo-o com números, nomeadamente em Alfama e na Mouraria, locais onde se estão a fazer obras cujos custos ascendem a 17 mil contos. Mas já se sabe que alguns proprietários fogem às obras ou então nem recorrem ao Recria, por isso, não é de admirar que o número de processos entrados na Câmara tenha diminuído visto que estas notícias são desmobilizadoras e servem de alibi para eles não fazerem obras. O problema reside na gestão», disse Vítor Reis.

No entanto, para Vasco Franco, a culpa da diminuição de candidatos ao Recria é mesmo das restrições ao crédito já que na sua opinião «parte dos proprietários não tem disponibilidade para suportar nem a diferença em relação aos dinheiros do Estado e do Município nem os custos das obras. Com as restrições ao crédito é lógico que as instituições bancárias só financiem a compra de habitação nova». Porém Vítor Reis não concordou, e deu um exemplo: «os plafonds da Caixa geral de Depósitos são os mesmos de 1988».

O Recria foi criado pelo Governo, trata-se de um programa destinado à recuperação dos imóveis degradados, financiado pelo Estado e pelas autarquias mas até agora só o município lisboeta o adoptou.

De acordo com Vítor Costa, do PCP «o Recria foi uma monumental operação de propaganda do

Governo, mas tem vícios, impõe encargos às Câmaras, que não foram dotadas de meios para os suportarem, e além disso o Estado arrecada mais dinheiro com os impostos que recaem sobre as obras».

Durante a sessão os vereadores do PCP apresentaram uma proposta de recuperação dos bairros da Bica e Madragoa. A este propósito Vasco Franco, do PS anunciou que as duas zonas assinaladas já estão a ser estudadas pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Trata-se dum trabalho iniciado há um mês, que incide sobre 12 mil edifícios e que deverá ficar concluído em Novembro.

Abecasis e a música

No fim das intervenções de antes da ordem do dia Abecasis fez o ponto da situação e um breve apanhado do que se passou na agitada sessão.

«Hoje houve muita música e o povo de Lisboa ouviu-a» - a sala de reuniões públicas estava apinhada - «mas concertos destes já houve três vezes e das três vezes eu ganhei. É melhor arrumarem os pifaros porque eu ainda não anunciei a minha decisão...». No seu estilo habitual Nuno Abecasis comentou a proposta do PCP para a recuperação da Bica e Madragoa: «Não fiquem com ilusões. Não podemos multiplicar o número de Gabinetes Técnicos Locais e eu não quero roubar a esperança às pessoas. Vou opor-me à criação de mais Gabinetes, pelo menos enquanto não houver dinheiro e gente para o fazer».



O novo motor de 4 cilindros do BMW 316i, com 102 cv, tem por base a tecnologia do fabuloso 12 cilindros do 750i. Este ponto por um carácter muito semelhante. Por isso o 316i é particularmente silencioso e suave. Rápido e ágil. Económico e de pouca manutenção.

Único na sua classe, em suma. No seu concessionário BMW descubra por si próprio, ao volante do 316i, os novos padrões que a BMW estabelece na classe dos 1600. O 316i demonstra-lhe claramente o que significa, na actualidade, o prazer de conduzir ao mais alto nível.



BMW - pelo prazer de conduzir

Banix

Veículos de Transporte, SA.
EDIFÍCIO BANIX
Av. 5 de Outubro
Telf. 23159 - 22194 - 25171/2/3/4
2560 TORRES VEDRAS

**GOSTA DE BMW?
NÓS SOMOS BMW
HÁ 4 ANOS!!**



BMW — PELO PRAZER
DE CONDUZIR

A SI, QUE SABE RECONHECER A QUALIDADE ONDE ELA EXISTE
PARA SI, QUE É EXIGENTE E SABE DISTINGUIR ENTRE MUITOS, UM
OBJECTO DE GENUÍNO VALOR, RARA QUALIDADE E DE
MUITO PRESTÍGIO!

VISITE-NOS...

QUEREMOS FALAR-LHE SOBRE BMW E INFORMÁ-LO SOBRE
AS VANTAGENS QUE TEMOS PARA LHE OFERECER, SE APROVEITAR
AS CONDIÇÕES LIMITADAS DA...

CAMPANHA ESPECIAL 4.º ANIVERSÁRIO

APROVEITE AGORA, SÃO POR POUCO TEMPO AS OFERTAS EXTRAORDINÁRIAS
QUE TEMOS PARA SI

SOMOS **BANIX** O SEU CONCESSIONÁRIO BMW
NA REGIÃO DO OESTE

GOSTARIA DE MAIS INFORMAÇÕES:

Banix

VEÍCULOS DE TRANSPORTE, SA
EDIFÍCIO BANIX
Av. 5 de Outubro
Telf. 23159-22194-25171/2/3/4
2560 TORRES VEDRAS

NOME
MORADA
CÓDIGO POSTAL TELEF.
LOCALIDADE



Ajudas comunitárias à reestruturação da vinha do Alto Douro

Luís de Carvalho e Oliveira

Quando se fala em Alto Douro e em vinha está-se indubitavelmente a referir a região demarcada do Douro.

A reestruturação da vinha na região demarcada do Douro foi tentada por diplomas vários, mas, na generalidade, continua por fazer. Nuns casos por demasiada limitação, como foi o da Portaria 685/82, noutros casos porque a penúria dos agricultores, por vicissitudes diversas, não permitiram que a reestruturação se fizesse convenientemente e em boa medida. Na região demarcada do Douro há problemas que, pela sua especificidade, exigem atenção redobrada da parte do Governo e, em especial do Ministério da Agricultura, já que se não vê da parte de quem manda uma vontade firme de regionalização. Esta regionalização, que bem poderia ser integrada na Casa do Douro, daria a conhecer aos governantes os problemas locais tal qual são sentidos pela população. Em relação à reestruturação da vinha e à região demarcada do Douro um problema está a levantar-se com extraordinária actualidade: a reestruturação com ajuda da CEE tem por unidade a área do terreno - hectare - ou fracção. As transferências das vinhas são todas elas concedidas com base na área e as próprias licenças para essa transferência, em obediência à legislação arcaica existente, dizem que a nova vinha não pode exceder a área nem número de pés da vinha transferida.

Em face disto das duas uma ou o viticultor perde número de pés para actualizar o compasso por forma a mecanizar o cultivo da sua vinha ou, para não perder número de pés, mantém o compasso antigo e conti-

nua a fazer os cultivos com o burrho e o charrueco.

Não se compreende que uma reestruturação seja hoje prevista sem mecanização e, portanto, sem uma plantação a um compasso que permita a entrada da máquina na vinha para lavagens e desinfecções, pelo menos, já que a poda e a vindima dificilmente virão a ser mecanizadas no Douro. E, quanto a Compasso e a vinhas do Douro, há ainda que frisar deverem os espaços entre linhas ser suficientemente amplos para poderem ser utilizados tractores largos e não apenas por vinhedos, isto tanto nos tractores de rastros como nos de rodas, mas principalmente nestes. A razão desta necessidade é que, sendo na generalidade os terrenos íngremes, qualquer tractor tem tendência a resvalar atingindo facilmente as cegas se a passagem, na lavoura, tiver de ser feita com as faces laterais dos tractores muito perto delas. Principalmente depois da rebentação, qualquer desvio do tractor causa prejuízo nos pampas. Não faltará quem venha objectar que existem hoje os tractores vinhedos, estreitos, tanto de rastros como de rodas, mas não nos esqueçamos de que estes vinhedos foram fabricados com os olhos postos nas vinhas do centro da Europa, da Itália e da Espanha na maior parte implantadas em terrenos planos. No Douro, o tractor vinhedo é muito difícil de aguentar, sem movimentos laterais indesejáveis, resvalamento, e sem se desequilibrar, o que além de desvantajoso constituiu perigo para o próprio tractorista que, em regra, num desastre por desequilíbrio do tractor, morre. A experiência de alguns indica que a distância entre linhas deve ser, na região demarcada

do Douro, de 2,80 metros, no mínimo, para laboração por tractor de 1,80 metro de alçura, ficando 50 cm para cada lado. Assim as videiras não sofrerão com qualquer movimentação lateral do tractor. Como é compreensível, este compasso entre linhas não é de impôr que vinicultores haverá que pretendam fazer as plantações a outros compassos, mas deve ser permitido. Haverá, porventura, uma redução de produção por hectare, mas essa redução é largamente compensada pela fácil mecanização e pelo desembaraço que um compasso mais largo permite nos granjeios mecanizados.

Outra questão muito importante e esta entra na algebeira do viticultor do Douro é que o benefício, isto é, a autorização para fabrico de vinho do Porto, é distribuído anualmente segundo o número de cepas possuídas pelo viticultor. Ora se a ajuda concedida pela CEE tem por base a área da vinha e se essa área tem que ser respeitada na transferência, caso essa transferência venha a ser concedida na base da área e não no número de cepas, com a redução do número de cepas por hectare, para alargamento dos compassos, a nova vinha a substituir, a transferida, terá menos benefício do que a anterior, a velha.

Todos estes problemas devem ser considerados na reestruturação da vinha para a qual é concedida uma ajuda da CEE; para que tal reestruturação não resulte a repetição do que estava bem para o tempo dos nossos avós, da escravatura e dos velhos cavadores das vinhas, mas que já não está para os nossos tempos de mecanização, de modernidade.



Associam-se grandes nomes da cultura, a par do Presidente da República

AMARANTE COMEMORA CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE AUGUSTO CASIMIRO

Com uma sessão no salão nobre da Câmara Municipal, Amarante acaba de prestar a homenagem, que já tardava, a um dos seus filhos que mais lutou para que a democracia fosse uma realidade neste país. Assim se deu início às comemorações do centenário do nascimento do capitão Augusto Casimiro. Foi uma cerimónia simples, breve, rica pela intenção e sobretudo pela entrega, ao filho Jaime Casimiro, de importantes depoimentos subscritos por personalidades como Mário Soares, Mário Neves, Norberto Lopes e Raul Rego, entre outros.

O capitão Augusto Casimiro faria agora cem anos. O «poeta-soldado» — como lhe chamava o seu amigo íntimo João Soares, pai do Presidente Mário Soares — que durante muitos anos escreveu no «Diário de Lisboa», nasceu em Amarante poucos dias antes de ter nascido, em Santa Comba Dão, o homem que viria a ser o carrasco dos homens do seu tempo.

Augusto Casimiro, é um dos filhos ilustres da Princesa do Tâmega, tal como o foram Teixeira de Pascoaes, Amadeo de Souza Cardoso, António Carneiro, Alexandre Pinheiro Torres, Agustina Bessa-Luís e tanta gente anónima igualmente importante. O capitão da Flandres nasceu quando ainda o rio Tâmega não reflectia na sua pele aquosa essas impressionantes manchas de óleo curiosamente multicolores, que hoje deslizam lado a lado com barquinhos românticos, foi criança numa época em que as margens circundantes e inspiradores de poetas (como Casimiro) não estavam horrosamente feridas pelo cimento que encaixota os homens.

A memória de Augusto Casimiro, recebeu no passado sábado, em Amarante, a homenagem que já tardava. Foi simples, bastaram pouco mais de trinta minutos para que a autarquia social-democrata de Amarante, acompanhada na mesa por alguns convidados incluindo familiares do homenageado, evocasse publicamente um dos seus filhos que mais lutou para que a democracia fosse uma realidade neste país. Salazar perseguiu-o e expulsou-o do Exército. Salazar cortava-lhe os seus versos e os escritos franciscamente inspirados, mas nunca conseguiu cortar-lhe a raiz do pensamento... porque aí, Augusto Casimiro era livre, corajoso, humano, carinhoso para com as crianças que o rodeavam

diariamente na sua casa do Lazarim da Caparica e com quem compartia a comida parca do seu dia-a-dia.

A sessão, que deu início às comemorações (ainda sem programa definido) do centenário do nascimento do capitão Augusto Casimiro, teve lugar no salão nobre da Câmara Municipal de Amarante que fica a dois passos da estátua de bronze de Pascoaes. A poucos metros dali encontra-se o Museu Amadeo de Souza Cardoso situado paredes meias com a Igreja e Convento de São Gonçalo, um conjunto arquitectónico do século XVI, de grande imponência. numa parede lateral da igreja, mesmo à saída da ponte, abrigada num nicho, encontra-se uma escultura de pedra de Nossa Senhora da Piedade, do século XIV. Augusto Casimiro, que era filho ilegítimo de um rico do tempo, Casimiro Augusto Pinto de Magalhães e de uma mãe de modesta condição, teve por madrinha de baptismo precisamente a Senhora da Piedade.

Cavaleiro de ideias, duma Pátria não de patrioteiros mas espiritual, como referiu António Cardoso durante a sessão, Augusto Casimiro tinha Amarante no coração, ele foi «um dos seus filhos totalmente enamorado dela». A sua poesia não o desmente: «Rio da minha vida/De menino vadio/Tu vieste da Galiza/Donde vieram os meus...».

A sessão foi enriquecida com diversos depoimentos de algumas figuras da cultura portuguesa que quiseram assim render homenagem a Augusto Casimiro. Foram textos escritos especialmente para o efeito e enviados a um dos seus filhos por Mário Soares, Norberto Lopes, Mário Neves, Vítor Sá, Ulpiano Nascimento, Rogério Fernandes, Raul Rego e Aquilino Ribeiro Machado entre outros.



Figura literária das mais destacadas (Mário Soares)

«...É claro, que os nossos pais foram muito amigos e passaram a vida — durante os longos anos da ditadura — a conspirar. Eu próprio conheci muito bem o capitão Augusto Casimiro, o 'poeta soldado', como sempre lhe chamava o meu pai, e guardo dele uma memória muito viva e grata. Conheci-o na 'Seara Nova', no tempo de Câmara Reis, Irene Lisboa e Rodrigues Lapa e, também, no colégio de meu pai, onde ele ia muito, nos anos seguintes ao fim da guerra, quando havia tão grandes esperanças — e justificadas — de assistirmos ao fim do regime de Salazar. Ele vinha ao colégio, no Campo Grande e, quando saía, eu geralmente acompanhava-o, a pé, até vossa casa, nas Avenidas Novas.

O seu pai foi um homem excepcional: um idealista, de uma enorme generosidade pessoal e de uma grande simpatia humana. A obra grande que nos deixou — de poeta, de escritor de ficção, de ensaísta, tão vivamente interessado pela temática africana, de biógrafo e historiador — merecia ser reeditada e dada a conhecer à juventude.

Trata-se de uma figura literária das mais destacadas dos primeiros anos do nosso século que na 'Renascença' e, depois, na 'Seara Nova', a par de Teixeira de Pascoaes e do seu cunhado — e grande historiador — Jaime Cortesão, marcaram o movimento cultural do seu tempo. Mas não pode ser esquecida a sua acção na Primeira Grande Guerra — em defesa da Pátria e da República, como então se dizia — e a sua luta de grande resistente contra a ditadura, desde o 7 de Fevereiro à Revolta da Madeira, passando pelo período em que o conheci, no pós-Segunda Guerra Mundial.

Para além de tudo, foi um homem bom e generoso, que sempre esteve do lado das boas causas e tinha um talento especial para cativar os jovens.»

O poeta-soldado (Norberto Lopes)

Fui amigo de Augusto Casimiro e admirador sincero do seu carácter. E não posso deixar passar o centenário do seu nascimento sem uma palavra de saudosa recordação. Augusto Casimiro foi um admirável exemplo de civismo. Ninguém mais do que ele amou a liberdade e se bateu pelo respeito devido aos direitos fundamentais da pessoa humana. Oficial do Exército, foi um dos primeiros a oferecer-se para ocupar um posto na primeira linha de combate, enquanto outros não hesitavam em fugir, por todos os meios, ao cumprimento do dever. Poeta de inegável mérito, o poeta-soldado como lhe chamaram, os seus versos têm o toque de patriotismo que o inspirava dentro do lirismo que lhe era peculiar.

Augusto Casimiro era um amigo leal e

companheiro encantador, que enriquecia com o seu espírito brilhante as tertúlias de que fazia parte. Não suportou a ditadura. Bateu-se com denodo contra a opressão salazarista, o que lhe valeu o exílio e a demissão do Exército. Colaborador dedicado da «Seara Nova», acompanhou António Sérgio, Jaime Cortesão e os seus pares na luta pela mudança da mentalidade nacional, indispensável para a instauração da democracia. A sua memória faz parte da herança sagrada que nos legaram os homens da I República e que só o 25 de Abril redimiu do opróbrio a que o condenaram os inimigos da liberdade durante o período em que dominaram no nosso país a prepotência, a tirania e o terrorismo palavroso da verborreia política.

Imagem de um idealista (Mário Neves)

Cem anos! A minha mais remota lembrança de Augusto Casimiro, de quem se comemora agora o centenário do nascimento, vem de há quase três quartos de século. Era eu então um garoto e acompanhava meu pai numa visita do alto-comissário Norton de Matos ao Bembe, no Norte de Angola, onde o jovem oficial exercia importante cargo no quadro da administração. Ficou-me para sempre gravada na memória a figura gentil de Casimiro, poeta sonhador e activo funcionário, que participava com entusiasmo nos arrojados projectos renovadores com vista à valorização das populações indígenas e ao progresso material do território, para o qual se visionava um futuro promissor.

Homem de acção e intelectual brilhante, vinha dos tempos da mocidade o prestígio de Augusto Casimiro, cujos sentimentos de bondade e de compreensão humana haviam de constituir anos depois, num convívio mais estreito, um dos gratos motivos da minha admiração. Cedo começou a revelar-se o seu belo espírito, com a publicação do livro de versos «Para a Vida», em que se patenteavam os primeiros sinais do idealista de apurada sensibilidade, assinalada por alguns volumes e inspiradas composições, bem como de outros importantes trabalhos de prosa em que deixou também vincada a exaltação democrática que inspirou sempre o seu pensamento generoso e aberto. De uma vigilância permanente quanto às ameaças que pairaram sobre a República em tantas circunstâncias difíceis, empenhou com frequência a pena em defesa dos seus ideais e usou doutrinas armas contundentes para afirmar a sua inabalável confiança nos princípios da liberdade e da justiça, como aconteceu na Grande Guerra em 1917/18, em que esses princípios foram postos em perigo pelas forças imperialistas.

A paixão pelos assuntos do Continente Negro, levou-o a pôr à prova a sua capacidade organizativa e de compreensão humana, ao confiar generosamente nas experiências do general Norton de Matos, em Angola, cuja concretização foi travada por uma visão mesquinha e definitivamente desfeita por irremediáveis entraves.

Além de uma intensa e variada colaboração em jornais e revistas, foi autor de vasta bibliografia que atesta esse idealismo puro que animou sempre o seu espírito de grande vivacidade e dedicação à cruzada que permanentemente alimentou e em que figuram ardentes combates pela democracia e pelas belas causas da humanidade.

Nessa linha de conduta participou na iniciativa do Grupo da Seara Nova, dando o seu nome para figurar no Corpo Directivo do respectivo órgão, cujo primeiro número inseriu mesmo um texto seu.

O nome de Augusto Casimiro chegou a figurar como director da revista, numa fase adiantada da sua existência, quando as nuvens do obscurantismo se opunham pesadamente à expressão do pensamento e foi sempre com a mesma determinação que manteve o espírito de luta que conservou a vida inteira. Lembrou-me, com a mais grata emoção, como reagiu à injusta interpretação de um colaborador da revista que dirigia de um trabalho que publiquei e que Augusto Casimiro, não querendo de forma alguma exercer qualquer espécie de censura, não evitou a manifestação de azedume do tal colaborador, mas me escreveu uma carta penalizadíssima, a lamentar tal atitude. Era não só o bom amigo que eu conhecera nos tempos da minha infância, mas também o homem bom e de generoso coração que sempre me habituei a estimar e admirar ao longo de toda a vida, como uma personalidade de conduta rectíssima e irrepreensível.

O soldado que foi à guerra (Raul Rego)

Foi uma geração singularmente rica e generosa, de um ideal alevantado a que atingia a maioridade cívica com a proclamação da República; mas que acabaria por ser aferrolhada pelos piores elementos dela, tornando-se no Portugal clandestino, amarfanhado, mas resistindo sempre. É a geração que completa cem anos. A de Augusto Casimiro.

É a geração dos que foram à guerra; e a daqueles que se entretiveram a fazer a guerra mais fácil e rentável aos seus concidadãos. Os que foram à guerra, os portugueses e europeus, de mentalidade cívica, universalista, acabariam por ser afemalhados, presos e silenciados, por quantos jogavam no passado, no isolacionismo e na marcha à ré.

Os que tinham vinte anos na altura da República olhavam para a Pátria nova, europeia e universalista. O Governo Provisório da República em que sobrelevavam as obras de Afonso Costa e de António José de Almeida, na Justiça e no Interior, parecia abrir uma nova era para a Comunidade Portuguesa; e a breve trecho o País como que se consciencializava em face ao Ultramar, com a grande obra de Norton de Matos, em Angola. E depois era a guerra, a Primeira Guerra Mundial...

Os de vinte anos na proclamação da República chamavam-se Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Raul Proença, Sarmiento Pimentel, Mário de Azevedo Gomes, Câmara Reis, Álvaro de Castro.

São os que não de alinhar ao lado de Afonso Costa, no seu governo de 1913, o do saneamento financeiro e económico, e depois na guerra ao lado dos Aliados. São os que serão silenciados, primeiro no ensaio de ditadura de Pimenta de Castro, depois na ditadura de Sidónio Pais, depois na ditadura mais longa da nossa história...

É uma geração de ideal alevantado. Augusto Casimiro e seu cunhado Jaime Cortesão podem bem servir de paradigmas daqueles que souberam bater-se no campo das ideias e de armas na mão, nas trincheiras da Flandres ou nos areais de África. E concordos consigo mesmo batem-se por sua dama, por um ideal, como quem se bate pelo pão para a boca. Não sabem viver senão como homens frontais e comunicativos, capazes de exporem os seus objectivos e de os defenderem, em revistas, em jornais, no Parlamento ou até na revolta, quando lhos querem cercar. E não pactuam jamais com a tirania, ainda quando esta os afira para as cadeias ou para o exílio.

Augusto Casimiro foi o soldado da Flandres e de África, foi o poeta de alta inspiração, o ensaísta e biógrafo, o cidadão que não verga. Há cem anos que ele nasceu, nessa linda Amarante, onde saíram outros poetas, como Pascoaes, outros artistas, como Sousa Cardoso e políticos da República e da Resistência.

Poeta e soldado, bateu-se na guerra, foi governador de província em Angola, com Norton de Matos, foi um dos elementos com quem a Resistência sempre contou e que nunca se desdisse

nem jamais abandonou a fé e esperança democráticas a despeito de horas bem difíceis por que passou.

A sua obra literária, de poeta e ensaísta, bem merecia ser lembrada em edição que o trouxesse para as novas gerações.

Está por fazer a história da resistência intelectual e cívica. Dos que enfrentaram a clandestinidade de armas na mão e dos que buscaram rompê-la nos sectores do pensamento. Em ambos Augusto Casimiro tem lugar de destaque, é ele um dos que nunca desceram da verdadeira República, da democracia.



Na sessão de homenagem em Amarante: Casimiro (filho de Augusto Casimiro) Macedo Teixeira (presidente da Câmara), António Cardoso e Jaime Cortesão

Associação dos Arquitectos dedica Congresso à «Qualidade do espaço edificado»

ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DEMONSTRA CRESCIMENTO DE FORMA DESORDENADA

Portugal atingiu «um ponto de catástrofe» na organização do território com o País a «crescer de forma desordenada», sendo «os grandes causadores» os subscritores de projectos urbanísticos «sem possuírem qualquer qualificação».

A acusação é de Nuno Teotónio Pereira, presidente da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP), que falou à agência Lusa sobre «a qualidade do espaço edificado, hoje» — tema «voltado para fora» que norteará o Quinto Congresso da AAP, a realizar de 15 a 17 de Junho, em Coimbra.

A «catástrofe» acontece a «nível do desenvolvimento urbanístico, dos bairros clandestinos, do crescimento desordenado da periferia das grandes cidades e, ainda, do isolamento e despovoamento que persiste no interior».

E dizem outros arquitectos da AAP que, com efeito, «nunca como nos anos mais recentes, as alterações em Portugal tiveram tão graves repercussões no ambiente e no quadro de vida das populações, nem nunca se mostrou tão degradada a qualidade do que se constrói».

Estes problemas, para Teotónio Pereira, não podem ser resolvidos «só» pelos arquitectos. «São problemas de toda a sociedade, mas na sua resolução estes têm muito a dizer e querem dar o seu contributo», acentuou.

«É preciso melhorar a legislação sobre urbanismo e construção» — diz o presidente da AAP, que defende «uma maior eficácia» na feitura de planos urbanísticos.

Os arquitectos devem participar no processo de modernização da sociedade, na melhoria das condições de vida das populações, daí o tema principal do congresso ser «a qualidade», justifica Teotónio Pereira.

Arquitectos mais responsáveis

Até agora, a prioridade da AAP tem sido uma acção «tipo reivindicativo» para os arquitectos, de forma a obter condições dignas ao exercício da profissão. Este processo culminou, no entanto, em Novembro de 1988, com a publicação do decreto-lei que institucionalizou a AAP como associação de direito público.

Com o novo estatuto, afirma o presidente, a associação «tem mais capacidade para participar no controlo do exercício profissional, para dialogar com o Estado e ter intervenção no processo de integração europeia».

Hoje, a arquitectura, sustentou, «é mais conhecida, a voz da associação faz-se ouvir com mais atenção». Para Teotónio Pereira, isto significa que «se venceu uma determinada etapa da actividade dos arquitectos em Portugal».

Agora, os arquitectos estão mais preocupados em preparar «uma nova etapa», por isso vão promover um congresso, órgão que, segundo o novo estatuto, tem a sua função de debate e reflexão sobre a disciplina «da arquitectura nas duas componentes artística, técnica e humanística», bem como sobre «o exercício da profissão, seu estatuto e garantias».

Explica o presidente da AAP que a nova etapa tem duas vertentes: «A primeira prende-se com o facto dos arquitectos terem que exigir mais de si próprios para estarem mais preparados, a fim de responderem às exigências. Estes têm um papel importantíssimo na edificação e na transformação do território em Portugal.»

rio em Portugal.»

«A segunda é — acrescenta — procurar que os arquitectos, como profissão, tenham uma maior intervenção nas condicionantes exteriores à sua actividade, designadamente na elaboração de leis, regulamentos municipais, questões de ordem económica e social e nas grandes correntes culturais que atravessam os nossos tempos.»

Processo reivindicativo ainda não terminou

Apesar de tudo e da associação «reconhecer» que «já foi feito algo», o processo reivindicativo ainda não terminou. Teotónio Pereira sustenta que «muita coisa está por resolver», mas, actualmente, os arquitectos «estão em condições de exigir uma participação maior».

Entretanto, dois «passos importantes» foram dados no que respeita à assinatura de projectos: «A obrigação de serem arquitectos a assiná-los nas zonas de protecção dos imóveis classificados e em toda a cidade de Lisboa, e a nova legislação sobre turismo que obriga a que qualquer projecto para equipamento hoteleiro seja feito por arquitectos.»

«Ainda acontece, num âmbito geral,

serem engenheiros civis e técnicos, construtores civis e muitas vezes simples amadores a assinarem projectos urbanísticos... nas câmaras? As vezes até funcionários administrativos despacham projectos», acusou.

Por isso, o presidente da AAP defende o alargamento da lei «a toda a construção». E frisa: «Não é para favorecer os arquitectos mas sim o espaço construído em Portugal.»

Mais uma vez, a organização do Quinto Congresso sobressai. Teotónio Pereira lembra que a associação promove estes encontros de três em três anos, mas este é o primeiro após a publicação dos novos estatutos e «o primeiro virado, francamente, para o espaço construído».

Qualidade arquitectónica no centro do congresso

«Não vão ser discutidos problemas organizativos da profissão» — salienta, acrescentando que aquilo que vai estar em causa é a qualidade do produto arquitectónico.

«Vamos debater — acrescenta — problemas que, embora estejam no centro

do trabalho dos arquitectos, excedem as suas competências, daí terem sido convidados a intervir técnicos de outras áreas.»

Presentes ao longo dos três dias, em instalações da Universidade de Coimbra, vão estar engenheiros, geógrafos, sociólogos, economistas e, também, arquitectos de renome internacional.

Siza Vieira, que se tornou ainda mais conhecido desde que o presidente da Câmara de Lisboa o encarregou do projecto de reconstrução do Chiado, o italiano Vittorio Gregotti e o português Manuel Salgado, autores do projecto do Centro Cultural de Belém, Busquets, responsável pelo plano de desenvolvimento urbanístico de Barcelona, e um arquitecto americano especialista em cooperação com o património arquitectónico serão «os renomes» participantes.

Este Congresso realiza-se no período de transição para a integração plena de Portugal na Comunidade Europeia e para a criação do Mercado Único. Dizem os profissionais que este processo exige dos arquitectos portugueses «uma consciência clara das novas oportunidades e condições de exercício da profissão e também das suas novas responsabilidades».

E os participantes esperam que este encontro «permita não só dotar a AAP de uma doutrina consensual nos mais variados aspectos da sua intervenção como associação pública, como reforçar nos arquitectos a consciência da necessidade de uma intervenção cada vez mais qualificada no âmbito da sua prática profissional».

Troca de informações e discussão doutrinária

Na opinião de Teotónio Pereira, o Congresso servirá para uma troca de informações e discussão doutrinária de aspectos relevantes para a actividade dos arquitectos, assim como será «uma tomada de consciência acerca dos problemas que afectam o País ao nível do território».

Do Congresso sairá ainda, segundo o presidente da AAP, um «repto» às autoridades responsáveis, no sentido de «serem adoptadas medidas necessárias a ultrapassar as actuais insuficiências».

O Quinto Congresso da AAP é também o primeiro a realizar-se num local diferente de Lisboa e do Porto. Diz Nuno Teotónio Pereira ser «necessária a presença de arquitectos em todo o País. Já existem muitos fora dos grandes centros. Mas ainda não são em número suficiente».

Assim, os arquitectos reúnem-se em Coimbra e na altura a opinião pública terá oportunidade de obter outros esclarecimentos.

Numa entrevista com o presidente da AAP torna-se forçoso uma pergunta fora do contexto: e o Chiado, senhor arquitecto?

Nuno Teotónio Pereira responde sem rodeios: «A Associação não está satisfeita.»

A AAP «não tem reservas e críticas, nem é essa a sua função, quanto ao arquitecto Siza Vieira». Contudo «está preocupada com a falta de regras para o chamamento e escolha dos projectistas e arquitectos destinados a intervir no Chiado, com base no projecto de Siza».

Urgente o debate do futuro Chiado

«Já que a Câmara de Lisboa não optou pelo concurso público para a selecção de competências, agora não se sabe como será a escolha. Talvez, por isso, se vá empobrecer a qualidade final das obras de construção» — adianta.

O arquitecto defende ser «urgente» a realização de debates públicos sobre as linhas gerais do projecto. A Câmara «comprometeu-se, é preciso que, desta vez, cumpra o previsto».

Para Teotónio Pereira outros debates são urgentes como, por exemplo, sobre a solução estudada para a zona de Belém, «não tanto o centro, mas o arranjo das zonas envolventes, cujo projecto continua no segredo dos gabinetes do Instituto Português do Património Cultural».

Mas «Lisboa não é só o Chiado», nem Belém. Diz Nuno Teotónio Pereira que outras áreas citadinas necessitam de «intervenção urgente». O Quinto Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses vai debater a qualidade do espaço edificado hoje, «amanhã» outras questões poder-se-ão resolver.

«Talvez a proximidade das eleições autárquicas traga a possibilidade de se realizar debates sobre grandes questões» — conclui o presidente da AAP.



URSS: «rebelde» do Kremlin ajudará Gorbachev na luta contra conservadores

YELTSIN NO SOVIETE SUPREMO DO PCUS POR UMA DESISTÊNCIA A SEU FAVOR

O «rebelde» do Kremlin, Boris Yeltsin, subiu a membro do Soviete Supremo, por desistência de um dos seus membros a seu favor. Yeltsin, antigo membro sem direito a voto do Politburo do PCUS, não conseguiu no sábado ser eleito para um dos onze lugares atribuídos à Federação Russa, a maior das repúblicas soviéticas, numa lista de doze candidatos.

No quarto dia da sua sessão inaugural, o Congresso aprovou por maioria de voto de braço no ar uma oferta por Alexei Kazannick, deputado pela cidade siberiana de Omsk, para ceder o seu lugar a Yeltsin.

A oferta seguiu-se à votação pelo Congresso de uma fórmula proposta pelo presidente Mikhail Gorbachev, pela qual Yeltsin passaria automaticamente ao Soviete Supremo se um membro eleito deixasse o cargo.

O Soviete Supremo, o Parlamento restrito em permanência, tem 542 membros. O novo Parlamento soviético, o Congresso dos Deputados do Povo, tem 2250 membros, a quem coube a eleição do Soviete Supremo.

A rejeição de Yeltsin provocou grandes manifestações em Moscovo, cidade por que foi eleito deputado ao Congresso por esmagadora maioria de votos em Março passado.

Kazannick, professor universitário de Direito, disse que «quando vi a lista de pessoas eleitas percebi que, por causa da nossa falta de visão política, deixámos cair destacados economistas e também Boris Nikolaevich Yeltsin».

«Se eu fosse secretário regional de partido — disse — podia ir para casa com o coração leve e fechar-me longe do povo. Mas tal como sou, teria vergonha de enfrentar os meus eleitores.»

«Por isso — acrescentou — quero que incluam Boris Nikolaevich Yeltsin (no Soviete Supremo) sem votação.»

Numa primeira resposta à proposta de Kazannick, o presidente Gorbachev disse que «não sou lá grande advogado mas, em princípio, apoio essa proposta».

Yeltsin foi o candidato ao

Congresso dos Deputados do Povo que teve, a título individual, mais votos nas eleições gerais de Março.

Por um artifício processual nas eleições para o Soviete Supremo, foi o décimo segundo mais votado de uma lista de candidatos aos onze lugares atribuídos à Federação Russa na Câmara das Nacionalidades do Soviete Supremo. Perdeu apesar de receber mais de metade dos votos dos seus colegas e a lista russa foi a única com excedente de candidatos aos lugares atribuídos para representação.

«Dado que o camarada Yeltsin recebeu a maioria dos votos, o lugar vago pode ser ocupado por ele», disse Gorbachev, «naturalmente, não é necessária uma repetição da votação».

A proposta de substituição por Yeltsin teve somente alguns votos contra de deputados pela Estónia.

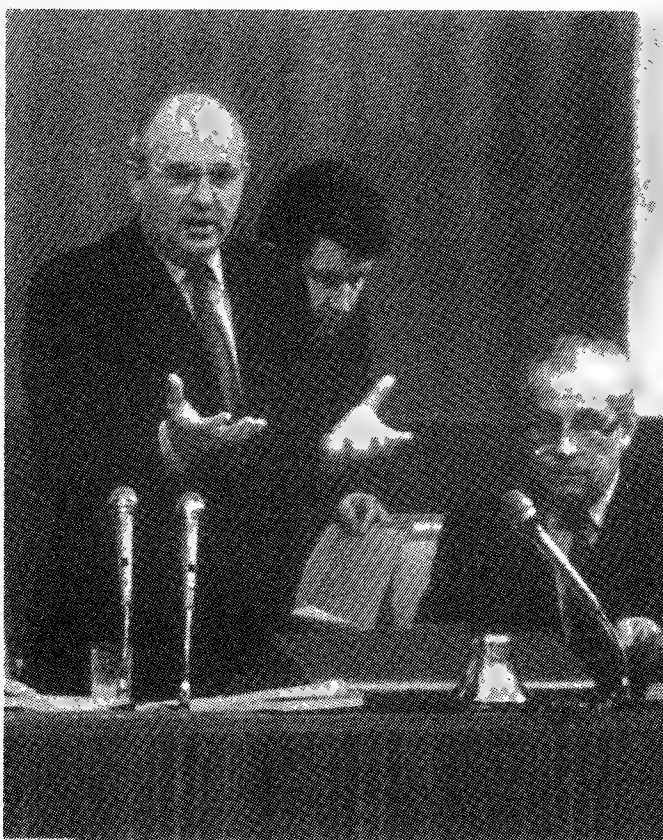
Yeltsin disse que vai ajudar o líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, a resistir às forças conservadoras.

Yeltsin disse aos jornalistas, imediatamente após a sua eleição para o Congresso de Deputados do Povo, que as suas relações com Gorbachev estão a melhorar depois de um período negativo.

O deputado moscovita declarou, no entanto, que não hesitará em denunciar os erros que Gorbachev possa vir a cometer e que continuará a lutar pela sua reabilitação política dentro do Partido Comunista.

Gorbachev apresenta hoje no Congresso dos Deputados do Povo uma informação sobre o estado da nação.

A comunicação de Gorbachev estava prevista para ontem, mas



Mikhail Gorbachev acompanhado por Anatoly Lukianov durante a sessão do Soviete Supremo.

a eleição de Anatoli Kuianov para a vice-presidência do Congresso fez adiar o discurso do presidente.

A Constituição soviética estipula que só o presidente do Soviete Supremo pode apresentar um candidato a este posto.

Na sua informação sobre o estado da nação, Mikhail Gorbachev vai apresentar hoje as directrizes principais da política interna e externa da União Soviética.

A questão económica

Os membros do Congresso dos Deputados do Povo consideram que o maior problema da União Soviética é a necessidade de me-

lhorar o nível de vida dos seus eleitores mas duvidam de que possam fazer muito por isso — indica uma sondagem oficial ontem divulgada.

A Academia do Partido Comunista Soviético, que fez a sondagem, disse que cerca de metade dos novos deputados soviéticos têm pontos de vista relativamente moderados, o que sugere que há mais reformistas do que conservadores no novo Parlamento soviético.

Os resultados da sondagem foram distribuídos no Congresso e mostram que para 74 por cento dos seus membros o principal objectivo da União Soviética é «progresso para um nível de vida mais alto».

Cinquenta e cinco por cento

dos deputados disse que considera que os trabalhos parlamentares podem ter efeito positivo mas não significativo no nível de vida, e 27 por cento disse que não pode fazer nada por isso.

A sondagem foi feita no sábado com questionário de 1347 dos 2250 deputados do Congresso pela Academia de Ciências Sociais do PCUS, no mesmo dia em que houve áspero debate para eleição dos 542 membros do Soviete Supremo.

Num breve resumo, os autores da sondagem dizem que o equilíbrio de poder na sessão de sábado foi mantido por um grupo moderado de entre 40 a 55 por cento dos deputados. Identificou um «grupo de expectativas mais radicais e menos satisfeito», de 25 a 30 por cento dos inquiridos, e outro grupo, com 15 a 20 por cento, de pessoas de «abordagem mais cautelosa, manifestando um maior grau de satisfação».

Os deputados inquiridos disseram que poderão conseguir os maiores resultados para abertura e democratização da sociedade soviética. Ao todo, 60 por cento disse que pode conseguir significativos resultados nesse sentido e 29 por cento disse que os resultados que pode conseguir serão de índole menos notável.

Segundo a sondagem, 74 por cento dos inquiridos não considera irreversível a abertura já conseguida na sociedade soviética, ou considera que os êxitos obtidos até agora não passam de meias medidas.

Por outro lado, 55 por cento disse que viu concretizadas mais ou menos as expectativas que tinha em relação aos primeiros dias de funcionamento do novo Congresso mas quase igual número, 51 por cento, disse-se insatisfeito com a maneira como decorre a questão processual.

Em relação ao comportamento de colegas, 27 por cento dos deputados disse-se «muito perturbado» mas 26 por cento disse-se mais perturbado pela falta de organização.

Polónia acusa o Ocidente de interferência na campanha eleitoral

O governo polaco considerou o apoio ocidental prestado à oposição polaca nas vésperas das eleições uma violação da soberania nacional e apelou à imediata cessação da interferência estrangeira na campanha. O governo polaco considera a interferência de alguns países e instituições ocidentais na campanha eleitoral do nosso país uma violação sem precedentes da soberania polaca e um verdadeiro insulto, ao orgulho nacional», afirma um comunicado lido na televisão polaca. As fortes críticas foram feitas no noticiário principal da televisão estatal e transmitidas pela agência noticiosa polaca PAP. O governo polaco apela à cessação imediata dessa interferência na campanha eleitoral — acrescenta o comunicado. O governo polaco acusa também a rádio Europa Livre de dedicar várias horas da sua emissão a conduzir uma campanha eleitoral a favor do

Solidariedade, e aconselhando os polacos sobre como devem votar. O comunicado refere ainda que diplomatas de alguns países ocidentais estão a dar apoio e orientação eleitoral à oposição.

Zbigniew Brzezinski, antigo conselheiro do presidente norte-americano Jimmy Carter, e que se encontra presentemente na Polónia, foi criticado por uma entrevista dada a um jornal da oposição. Nessa entrevista Brzezinski afirmou que seria uma surpresa muito grande a derrota do Solidariedade e que isso teria consequências desfavoráveis para a Polónia. «Isto é uma tentativa descarada de influenciar os resultados eleitorais num país estrangeiro», acrescenta o comunicado.

RDA resiste às mudanças

A Alemanha Democrática disse que não se inclinará para mudar de rumo político, face às reformas radicais que estão a ser executadas nos países comunistas da Europa de Leste. O membro do «bureau» político do partido no poder, Horst Dholus, asseverou: Camaradas, aconteça o que acontecer à nossa volta, a nossa via política continuará a ser o prosseguimento do reforço do poder dos trabalhadores e dos camponeses e o aumento do papel dirigente do partido. Dholus, que é responsável pelos Assuntos Internos do partido, disse que a Alemanha Democrática empenhar-se-á na sua estratégia económica, que conjuga grandes consórcios estatais com um movimento de empresas privadas de pequena escala. Economistas ocidentais dizem que a RDA tem a economia mais forte do bloco comunista, mas que o seu desenvolvimento estagnou.

Gorbachev anuncia orçamento militar soviético

A União Soviética gastará este ano 77 300 milhões de rublos com a defesa — anunciou o presidente Mikhail Gorbachev, acrescentando que este total sofrerá uma redução de 14 por cento em 1991.

O montante, equivalente a 129 000 milhões de dólares, é quase quatro vezes mais do que os 20 000 milhões de rublos anunciados no orçamento soviético no Outono passado e parece incluir gastos com equipamento militar produzido pela indústria civil.

Esta foi a primeira vez que a União Soviética revelou o seu orçamento militar real. O ministro das Finanças, Boris Gostev, afirmou em Outubro último que os números oficiais anteriormente anunciados referiam-se apenas «à manutenção do pessoal».

Governos ocidentais há muito

que diziam que o número oficial, inalterado desde 1984, estava calculado por um grande defeito.

Contudo afirmavam que o valor total era difícil de calcular em virtude de as indústrias militares soviéticas estarem muito interligadas com a economia civil.

Gorbachev, ao afirmar que 10 000 milhões de rublos (equivalentes a 16 600 milhões de dólares) seriam deduzidos dos gastos militares no ano económico de 1990-91, acrescentou que tal facto disponibilizaria fundos para melhorar as condições sociais.

«Para as pessoas que passaram por uma guerra difícil o nosso Exército soviético continua importante» — declarou numa referência aos nove anos de envolvimento militar de Moscovo no

Afganistão, processo que terminou em Fevereiro.

Mas hoje no mundo é possível alcançar a segurança através de meios diplomáticos. Isto torna possível reduzir os gastos militares sem qualquer prejuízo para a capacidade de defesa do país, acrescentou.

Gorbachev, ao discursar pela primeira vez desde a sua eleição como presidente pelo novo Parlamento do país, afirmou que os confrontos de opinião no «forum» reflectem contradições na sociedade soviética.

Falando no Parlamento, o Congresso de Deputados do Povo, Gorbachev reconheceu que a «perestroika» (reestruturação) enfrenta grandes problemas, mas sublinhou que é a única via responsável para o país sair da crise.

Acrescentou que as opiniões

diferentes expressas durante debates frequentemente agitados na sessão inaugural do Congresso constituíam uma expressão do apoio popular à «perestroika».

«Desde o princípio da sessão que o nosso Congresso reflectiu sobre os procedimentos contraditórios que decorrem no país, e não podia ser de outra maneira» — afirmou Gorbachev aos 2250 membros do Congresso num discurso transmitido em directo pela televisão soviética.

Confiança no Ocidente

Cerca de 75 por cento de alemães-federais pensam que Mikhail Gorbachev é de maior confiança que os líderes soviéticos que o antecederam, ao passo que só 43 por cento dos norte-ameri-



Civis da cidade de Rosário, na Argentina, carregam sacos com alimentos após terem saqueado um supermercado (notícia na página 19).

Um jornalista inglês conseguiu "furar" as medidas de segurança e entrar no parlamento britânico. Stephen Dantal utilizou documentos falsos, tendo trabalhado como empregado de mesa durante três semanas. Dantal foi contratado para trabalhar no Parlamento sem ser submetido a uma prova, tendo levado consigo um gravador e uma máquina fotográfica, cujo uso é proibido no edifício. "Eu podia facilmente introduzir uma bomba no Parlamento, ou matar qualquer membro do governo", afirmou Dantal ao jornal "Sunday Mirror", que divulgou a notícia. Segundo este jornal, a facilidade com que o jornalista obteve o passe de segurança revela que os oito milhões de dólares gastos anualmente na protecção do edifício não evitam ataques do IRA (Exército Republicano Irlandês) contra políticos britânicos.



O Presidente Bush conversa com a Primeira-Ministra Thatcher, momentos antes da cimeira da NATO, em Bruxelas.

Acusado do assassinio de Olof Palme será julgado em 5 de Junho

Christer Pettersson, acusado formalmente de ter assassinado o primeiro-ministro, Olof Palme, será julgado, dia 5 de Junho, pelo Tribunal Distrital de Estocolmo, que considerou terem sido reunidas suficientes provas circunstanciais para a sua condenação. Os acusadores públicos suecos apresentaram, finalmente, e após 39 meses de investigações, processo oficial (de mais de 3000 páginas) com suficientes e evidentes provas conclusivas para condenar Carl Gustav Christer Pettersson, um sueco de 42 anos, pelo assassinio premeditado de Olof Palme. Pettersson, um toxicómano que possui já um vasto cadastro de antecedentes criminais, abuso de drogas e álcool, foi também acusado de tentativa de assassinio da mulher de Palme, atingida de raspão por um dos tiros que matou o marido. O réu, detido desde Dezembro depois de uma verdadeira «caça ao homem», nega ser o assassino de Olof Palme. De acordo com o processo oficial apresentado pela acusação ao Tribunal «na noite de 28 de Fevereiro de 1986, Pettersson, com intenção de matar e possuindo um revólver, disparou contra Olof Palme pelas costas, numa esquina do centro de Estocolmo, precisamente a 500 metros do cinema».

Democratas-cristãos vencem eleições locais em Itália

Os primeiros resultados das eleições locais de domingo em Itália, vistas como um teste à popularidade dos partidos durante um período de crise política, dão vantagem ao Partido Democrata Cristão, seguido do Partido Socialista. Quando estão apurados 87 por cento dos votos, os democratas-cristãos detêm 40,1 por cento, mais 1,5 por cento do que nas eleições parlamentares de 1987. Os socialistas detêm 18,7 por cento dos votos, comparados com 14 por cento obtidos nas eleições para o Parlamento em 1987 e 17 por cento nas eleições locais de 1984. O Partido Comunista detém 17,1 por cento, tendo obtido nas eleições parlamentares 22,6 por cento e nas anteriores eleições locais 22,1 por cento. As eleições de domingo surgem num momento em que os líderes políticos procuram uma saída para a crise provocada pela demissão do primeiro-ministro Ciriaco de Mita, no passado dia 19.

Conferência sobre direitos humanos começa hoje em Paris

Uma conferência sobre os progressos nos Direitos Humanos inicia-se hoje em Paris com a participação de 35 países e prolongar-se-á por um mês. Cerca de 20 ministros dos Negócios Estrangeiros, incluindo Eduard Shevardnadze da URSS serão os líderes das suas delegações. Se bem que se inicie durante a manhã, a conferência será formalmente inaugurada à tarde pelo presidente François Mitterrand, no seu regresso da cimeira da NATO em Bruxelas. Este encontro em Paris é o primeiro de uma série de três que discutirão a questão dos direitos humanos, estabelecidos pela revisão de Viena sobre a Conferência de Segurança e Cooperação na Europa, que terminou em Janeiro. Os próximos encontros terão lugar em Copenhaga em 1990 e Moscovo em 1991.

Decisão, condicionada aos resultados de Viena, deverá ser hoje anunciada

NATO PODERÁ NEGOCIAR REDUÇÃO DE MÍSSEIS DE CURTO ALCANCE

A NATO deverá anunciar hoje a disponibilidade para negociar com o Pacto de Varsóvia reduções dos mísseis nucleares de curto alcance, mas só depois de alcançado, e posto em prática, um acordo sobre cortes assimétricos nas forças convencionais dos dois blocos. O acordo alcançado pelos líderes da aliança, que não faz referência à chamada "tripla opção zero" (a eliminação de todos os mísseis nucleares baseados no solo), põe termo a um diferendo que durante vários dias, nas vésperas e no primeiro dia da cimeira, opôs alguns dos responsáveis da NATO.

Vários chefes de Estado e de Governo participantes da cimeira da NATO, que hoje termina em Bruxelas, disseram à entrada para a reunião derradeira estarem satisfeitos com o acordo alcançado esta madrugada pelos seus ministros.

Os líderes dos 16 países da NATO aprovaram um importante documento de estratégia - o "Conceito global" - em que são previstas as conversações.

O porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros,

Guenady Guerassimov, saudou entretanto as propostas do Presidente norte-americano para a redução das forças da NATO e responsabilizou os diplomatas em Viena pelo ritmo lento das negociações.

"É melhor ter propostas do que não ter nada, e ter propostas para reduzir e não propostas para modernizar armamentos" - afirmou Guerassimov, em entrevista hoje divulgada pela BBC.

Guerassimov, que fazia os primeiros comentários soviéticos às

propostas ontem apresentadas pelo Presidente George Bush na cimeira da NATO, em Bruxelas, afirmou considerá-las justas, mas acrescentou que Moscovo necessitava de mais tempo para a estudar antes de fazer um juízo.

Na sua proposta, Bush incluiu uma redução de 20 por cento nas forças de combate norte-americanas estacionadas na Europa, bem como reduções na aviação de combate e helicópteros militares de ambas as partes.

Reviravolta em Bruxelas

A proposta de Bush, provocou uma reviravolta na cimeira da NATO, reafirmando o papel de liderança que cabe aos Estados Unidos e ao Ocidente em geral no diálogo Leste-Oeste. Retirou deste modo a iniciativa que coubera quase exclusivamente à União Soviética e ao seu líder Mikhail Gorbachev nos últimos meses, e logrou salvar

uma cimeira iniciada sob o signo da divisão.

Esta proposta conseguiu conciliar a posição da Alemanha Federal, de conversações com o Pacto de Varsóvia, com a dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, que preconiza reduções substanciais prévias de armamentos pela União Soviética, ou a modernização daqueles mísseis (no caso britânico).

De referir que a Grã-Bretanha ainda mantém uma reserva quanto a este acordo - adiantaram fontes diplomáticas na sede da NATO.

Bush na RFA

O Presidente norte-americano chega hoje da Bona, procedente de Bruxelas, para iniciar uma visita oficial de dois dias à RFA, no meio de grandes medidas de segurança.

A visita de Bush, após a cimeira de Bruxelas, ocorre numa altura de tensão entre os dois países por causa da moderniza-

Israel ameaça a Síria se esta persistir nos ataques ao Líbano

O governo israelita advertiu a Síria para que não intensifique os seus ataques às tropas cristãs libanesas, e deixe de ameaçar a segurança do Estado judaico, informou um jornal israelita.

Segundo o jornal «Haaretz», Israel avisou a Síria de que não deve interferir no seu controlo aéreo de certas partes do Líbano, considerado vital para as forças de segurança israelitas.

A Força Aérea israelita efectua voos regulares de reconhecimento sobre o Líbano.

O jornal israelita refere que a ameaça foi enviada para Damasco através dos Estados Unidos e que o mesmo texto foi entregue às autoridades soviéticas, a quem foi pedido que exerçam a sua influência sobre Damasco, o maior aliado de Moscovo no Médio Oriente.

Na sexta-feira as autoridades israelitas mostraram-se preocupadas com a possibilidade de as tropas sírias estarem a preparar um ataque à zona cristã do leste de Beirute.

Um porta-voz governamental disse que até agora a Síria não recebeu o referido documento e recusou-se a comentar as informações veiculadas pelo jornal israelita.

Foi em meados de Março que tiveram início os duelos de artilharia entre as tropas cristãs, lideradas pelo general Michel Aun, e as tropas sírias e os seus aliados muçulmanos do Líbano.

Entretanto, a Organização de Libertação da Palestina (OLP) anunciou que aceita a proposta de Israel para a realização de eleições nos territórios ocupados caso o governo israelita

A.M.A. Auto Monumental do Acervo



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Nova vaga de assaltos atinge todo o país

Argentina em estado de sítio

O Presidente argentino, Raul Alfonsín, decretou o estado de sítio por 30 dias em todo o país. As autoridades argentinas decidiram ainda criar um Comité de Segurança Interna para combater a onda de violência, com saques a supermercados e a estabelecimentos comerciais, que atingiu todo o país. Até agora, os confrontos causaram 3 mortos e mais de 40 feridos. Cerca de 900 pessoas foram entretanto detidas.

As medidas de emergência foram anunciadas ontem à noite pelo porta-voz presidencial, José Ignacio Lopez, no termo de uma reunião urgente do Conselho de Ministros.

O ministro do Interior, Juan Carlos Pugliese, manteve contactos com a oposição para conhecer a sua posição sobre os incidentes. Antonio Cafiero, o presidente do Partido Peronista que venceu as eleições de 14 de Maio, afirmou tratar-se de uma medida "conveniente e aconselhável". Carlos Menem, o Presidente eleito, concordou com esta medida e afirmou que "esta onda de confrontos, de pilhagens, tem de acabar".

Para esta tarde foi convocada uma reunião do Congresso Nacional, na qual será analisado o projecto-lei que regulamenta o estado de sítio.

Incidentes causaram mortos e feridos

Os assaltos começaram

durante a noite de domingo e prolongaram-se pelo dia de ontem. Pelo menos duas pessoas foram mortas a tiro e uma terceira morreu de ataque cardíaco, durante os actos de pilhagem. As mortes deram-se em Rosário, a zona onde se deram os conflitos mais graves, tendo 41 pessoas, incluindo cinco polícias, ficado feridas. O número de detenções eleva-se já a 900 pessoas.

Em vários casos, os donos dos supermercados estavam armados à espera dos saqueadores. A polícia calcula que entre 3.000 e 5.000 pessoas, na sua grande maioria desempregados ou pessoas com baixos recursos, participaram nos assaltos a cerca de 100 estabelecimentos.

Vários analistas políticos saientam que a grave situação económica é a responsável pela agitação social. A inflação e o desemprego aumentaram em flecha, a moeda tem sofrido uma desvalorização permanente, o que tem diminuído o poder de

compra da população. Segundo fontes não oficiais, o custo de vida aumentou mais de 70 por cento este mês, depois de acumular um índice superior a 80 por cento nos quatro meses anteriores.

Incitamentos à violência

As autoridades argentinas afirmam que os protestos fazem parte de um plano organizado para desestabilizar o país. O ministro da Presidência, Ricardo Gil Laverda, denunciou que as "acções de violência não são espontâneas, mas antes provocadas por pessoas que incitam os sectores mais carenciados a cometer actos de pilhagem contra o governo".

Em Córdoba, 775 quilómetros a noroeste de Buenos Aires, a polícia prendeu um homem que, do interior de um carro de luxo, incitava um grupo de pessoas a assaltar um supermercado e a protestar contra a crise económica.

O ministro do Interior, Juan Carlos Pugliese, afirmou que os roubos são "acções organizadas com sofisticados equipamentos de comunicações, veículos e armas". O ministro salientou ainda que os organizadores dos distúrbios "aproveitam a delicada situação económica para subverter a ordem pública".

SWAPO quer trocar balas por votos

Os líderes da Swapo apelaram ontem aos membros da organização para trocarem as balas pelos votos namibianos, adiantando que os namibianos têm que escolher entre a liberdade e a dominação sul-africana. «Fizemos a luta armada, agora temos que transformar as balas em votos nas urnas», afirmou o director da campanha eleitoral da Swapo, Wage Geingob, num seminário eleitoral em Lusaca.

O seminário, com a duração de seis dias, é destinado a preparar os membros da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) para as eleições de 1 de Novembro. As eleições na Namíbia, as primeiras a terem lugar no território, fazem parte do plano das Nações Unidas para a independência da antiga colónia alemã, que tem estado há 70 anos sob administração sul-africana.

Entretanto, o Congresso Nacional Africano (ANC) apelou ontem para que o governo sul-africano prove que está empenhado em desmantelar o «apartheid». «Desde há 12 anos que repetem a mesma cantiga, mas até ao momento não há indicações de que estejam a tomar medidas práticas para acabar com o 'apartheid'», disse o porta-voz do ANC.

Novos confrontos no Afeganistão provocaram 296 mortos

Pelo menos 296 pessoas morreram durante o fim-de-semana numa nova vaga de combates nas cidades cercadas de Jalalabad e Khost — disse ontem um porta-voz militar afgão. Forças governamentais à volta da capital afgã, Cabul, fustigaram ontem as posições dos rebeldes com artilharia e ataques aéreos, pondo fim à acalmia que se registou durante o fim-de-semana.

O fogo de artilharia ecoava pelos picos escarpados à volta de Cabul, enquanto aviões Mig sobrevoavam a cidade a baixa altitude, a caminho de atacarem as posições dos guerrilheiros muçulmanos, próximas da capital. Não há informações imediatas sobre o número de baixas nos combates de Cabul que se seguem ao reforço, a semana passada, das forças governamentais, à volta da capital, com centenas de outros tanques e artilharia, transportados numa gigantesca coluna a partir da fronteira soviética.

Moçambique enaltece solidariedade internacional

O ministro moçambicano da Cooperação, Jacinto Veloso, congratulou-se em Maputo com a assistência da comunidade internacional, referindo que ela tem permitido salvar milhares de vidas. Veloso, que falava na abertura da sétima reunião nacional de emergência, afirmou que a comunidade internacional tem participado de forma «construtiva, decidida e dinâmica na tarefa de salvar vidas», apoiando assim a sua integração na sociedade moçambicana.

Jacinto Veloso, que preside à Comissão Nacional de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais, referiu que durante o encontro será analisado o apelo de 1989/90, procurando formas de melhorar a coordenação e a gestão executiva do plano de emergência. Jacinto Veloso sublinhou também a necessidade de as autoridades moçambicanas agirem no sentido de transformar a emergência em reabilitação e desenvolvimento, para acabar com a presente situação a médio prazo.

Membros da ETA expulsos da Argélia chegam a Caracas

Onze elementos do movimento separatista basco ETA, dois homens e nove mulheres, chegaram ontem à Venezuela num avião militar espanhol, depois de serem expulsos da Argélia. Este terceiro grupo de membros da ETA expulsos da Argélia, após o rompimento do diálogo da organização com o governo de Madrid, foi recebido com forte dispositivo de segurança numa base militar próxima de Caracas. Após a identificação pelos serviços de segurança venezuelanos, os «etarras» foram instalados «num hotel digno, mas muito austero» da capital do país, onde, desde a década de 70, vive uma numerosa comunidade basca. Outros seis membros da ETA foram expulsos dia 18 de Abril para a República Dominicana e mais 10 foram enviados dia 9 deste mês para Cabo Verde, sendo agora de 27 o número dos elementos expulsos de Argel. No entanto, em Madrid, fontes da segurança de Estado disseram que três dos 11 membros da ETA chegados a Caracas estão ligados a diferentes assassinatos, enquanto cinco mantiveram vínculos com a organização separatista.

Arafat mediano no conflito entre a Mauritânia e o Senegal

O dirigente palestino, Yasser Arafat, voou ontem da Mauritânia para o Senegal, numa iniciativa diplomática para tentar aliviar a tensão entre os dois países da África Ocidental. O presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP) era aguardado no aeroporto de Dacar pelo presidente senegalês, Abdou Diouf. Arafat manteve conversações, no domingo, com o presidente Mohamed Maaouya Ould Sid' Ahmed Taya, numa visita surpresa à capital mauritana. «Contribuiremos modestamente para encontrar uma solução para os trágicos acontecimentos que obscureceram as relações entre os nossos irmãos mauritanos e senegaleses», disse aos jornalistas. Na cimeira Árabe da semana passada, Arafat defendeu a criação de uma comissão de alto nível para resolver o conflito pacificamente.

Grupo oposicionista em alerta para «derrube» de Khomeini

O líder do grupo da oposição iraniana Mujahedin Khalq, apoiado pelo Iraque, deu ontem ordem de «vigilância máxima» às suas unidades de guerrilha, na perspectiva de derrube do regime do «ayatollah» Khomeini. A ordem foi emitida pelo líder Masoud Rajavi durante um comício de cinco horas na base mujahedin na fronteira irano-iraquiana e seguiu-se a notícias de que o líder do regime fundamentalista iraniano teve «complicações cardíacas» depois da operação ao aparelho digestivo, feita para sustentar uma hemorragia de localização não especificada. «A crise do regime de Khomeini exige a vigilância máxima por parte do Exército de Libertação Nacional (ELN), para preparar o terreno para o derrube final e definitivo deste regime», disse Rajavi.

ÇÕES

ção do sistema ocidental de mísseis de curto alcance, tipo "Lance".

Os resultados da primeira deslocação do actual Presidente norte-americano à RFA não podem no entanto deixar de estar dependentes em grande parte dos acordos obtidos na cimeira que termina hoje em Bruxelas.

Para Washington, o conceito de defesa significa, sobretudo, a defesa militar e a capacidade de conduzir uma guerra em solo europeu. Para os alemães "segurança" equivale a um conceito que inclui as dimensões militar, política e económica.

É de referir que o desaparecimento gradual da ameaça do Leste, que se ficou a dever à política de abertura de Moscovo, permite que venham à superfície contradições e antagonismos longamente encobertos por um sentimento de solidariedade e união na defesa de valores comuns julgados ameaçados.

que aceite as suas condições.

A OLP aceita a proposta de Israel sob cinco condições: a retirada parcial das tropas israelitas, a participação das habitantes do Leste de Jerusalém nas eleições, a aceitação por parte dos Estados Unidos da intervenção da OLP nas negociações sobre os territórios ocupados, o supervisionamento internacional das eleições e a protecção dos candidatos e dos eleitores.

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, autor da proposta eleitoral, opõe-se à retirada das suas tropas dos territórios ocupados e à participação nas eleições dos 140 000 árabes que habitam a zona Leste de Jerusalém, capturada à Jordânia em 1967, durante a guerra israelo-árabe.

Para tentar reavivar protestos pró-democracia

Estudantes chineses anunciam nova greve da fome

Estudantes, trabalhadores e intelectuais chineses vão iniciar hoje uma greve da fome numa tentativa de reavivar os protestos pró-democracia dos estudantes de Pequim, informou um porta-voz estudantil. Por seu turno, a Central Sindical Independente de Trabalhadores, fundada recentemente e solidária com a contestação estudantil, distribuiu panfletos à população de Pequim, denunciando a prisão de três simpatizantes do movimento.

A detenção dos sindicalistas, ainda não confirmada pelas autoridades chinesas, esteve na origem de uma concentração junto do comando-geral da Polícia de Pequim, em que mais de 1000 estudantes e trabalhadores protestaram contra as alegadas prisões.

A praça Tiananmen, entretanto, voltou hoje (cerca do meio-dia local) a registar a afluência de mais de 20 000 pessoas, muitas das quais observaram com admiração a estátua da liberdade ali colocada, da autoria de estudantes de Belas-Artes.

Nos arredores de Pequim continuam em estado de alerta 150 000 efectivos militares, prontos a marchar sobre a praça e a impor a lei marcial decretada em Pequim há 10 dias.

As autoridades chinesas estão a desencadear uma campanha de propaganda contra os protestos estudantis, tendo aparecido na segunda-feira à noite na televisão o dirigente veterano Peng Zhen a condenar o «liberalismo burguês».

Fontes chinesas adiantaram que reina confusão no seio do Partido Comunista, onde muitos quadros médios e inferiores se opõem ao afastamento do secretário-geral Zhao Ziyang, que terá caído em desgraça junto do líder Deng Xiaoping por defender uma política de conciliação com os estudantes.

Estudantes da província, que recentemente afluíram a Pequim, afirmaram ontem que tencionam continuar com a ocupação da praça Tiananmen, apesar dos líderes do movimento terem pedido o termo do protesto.

Entretanto, o Banco Mundial garantiu hoje que não encerrou as suas operações em Pequim depois da declaração da lei marcial na capital chinesa. Num comunicado divulgado em Pequim, o Banco Mundial salientou estar confiante de que vão prosseguir na China as reformas económicas e a política de abertura.

Gralha e nada mais

Bastou o salto de uma linha para o surgimento de uma grave «gralha». Aconteceu na notícia aqui publicada na passada terça-feira referente à sessão de encerramento de mais um curso de árbitros da AFL.

Escrevemos então no 4.º parágrafo: «Presenças em destaque: Lino Rodrigues dos Santos (presidente do Conselho Técnico) e o dr. juiz Alfredo Diniz Nunes, presidente do Conselho Jurisdicional, o qual não perde uma sessão dedicada à causa da arbitragem...». Pois bem o nome do nosso muito estimado amigo juiz, Diniz Nunes ficou retido no computador e eis que surge o dedicadíssimo Lino dos Santos promovido a funções que não desempenha e a um cargo que não exerce.

A ambos as nossas desculpas.

Farense: assembleia em 5 de Junho

A mesa da assembleia geral do Farense marcou para dia 5 de Junho a eleição dos corpos gerentes, tendo em vista a conclusão do mandato até 1990 - revelou Negrão Belo, presidente daquele órgão social.

Tinha sido recentemente marcada para o próximo dia 2 uma assembleia geral extraordinária para eleições de todos os corpos gerentes. Mas, alegando que não se encontrava demissionária, a mesa da assembleia geral decidiu agora anular esse acto e convocar eleições apenas para os corpos gerentes demissionários.

Assim, esta eleição, que decorrerá numa assembleia geral ordinária a ter lugar no Pavilhão do Farense, apenas tem por finalidade a eleição da direcção e do conselho fiscal para conclusão do mandato até 1990.

Negrão Belo anunciou também que o prazo para entrega das listas de candidatura termina às 18 horas de dia 1 de Junho.

Barreiro: Câmara e desporto escolar

A Câmara Municipal do Barreiro assinou um protocolo com a Associação de Profissionais de Educação Física dos concelhos do Barreiro e da Moita, tendo em vista o desenvolvimento de actividades no âmbito do desporto escolar.

No documento agora subscrito pela autarquia barreirense refere-se que o desporto escolar «tem vivido, desde há longo tempo, em profunda crise. Resultante da falta de atenção a que tem sido votado pelas entidades oficiais e pelo agravamento das condições de trabalho que se têm verificados nas escolas».

A autarquia sublinha ainda que «a alteração da situação de crise actual no desporto escolar exige uma intensa mobilização de meios e vontades e a responsabilização de todas as entidades, públicas e privadas que têm a ver, directa ou indirectamente, com a sua resolução».

Metz reforça-se com jugoslavos

Assinaram hoje contratos válidos por três anos com o Metz, da primeira divisão do campeonato francês de futebol, os jogadores internacionais jugoslavos: Dragoslav Brnovic, 26 anos, e Bnebosja Vucicevic, 27 anos.

Rocheteau e Bossis abandonam

Duas estrelas do futebol francês, Dominique Rocheteau e Maxime Bossis, vão despedir-se do futebol.

Estes dois jogadores, juntamente com Michel Platini, foram a chave do êxito da selecção da França, no «Europeu» de 1984, tendo aquela selecção chegado às meias-finais do Mundial em 1982 e 1986.

Bossis, 35 anos, tem um número recorde de internacionalizações (76), tendo jogado durante 16 anos no Nantes, antes de se transferir para o Matra Racing, em 1985.

Gales-RFA: só lugares sentados

O País de Gales vai defrontar a Alemanha Federal amanhã em Cardiff em jogo do Grupo 4 da fase de qualificação para o mundial de futebol, mas apenas está autorizado a vender bilhetes para os lugares sentados.

Esta determinação da FIFA deve-se ao facto de, em determinados locais do campo, não haver rede de protecção para o relvado.

Carl Lewis: presença em Lausana

O duplo campeão olímpico dos 100 metros e salto em comprimento, o norte-americano Carl Lewis, estará presente no «meeting» internacional de atletismo em Lausana, Suíça, dia 27 de Junho.

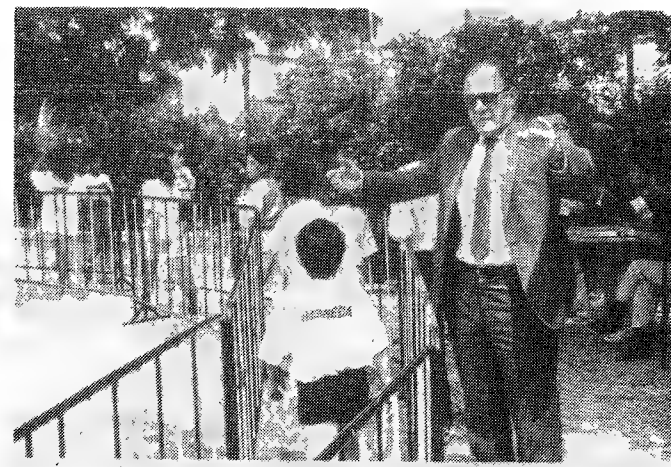
Lewis é um dos cinco campeões olímpicos que até ao momento já confirmou a sua presença no «meeting».

Os Estados Unidos irão apresentar outras figuras de nome e Joe DeLoach, campeão olímpico dos 200 metros, e Steve Lewis, campeão olímpico dos 400 metros, anunciaram também a sua presença.

Os organizadores esperam também contar com a presença do queniano Paul Ereng, campeão olímpico dos 800 metros, e do soviético Serguei Bubka, campeão olímpico do salto com vara.



Victor Gonçalves (vereador do Pelouro de Desporto da CML): tiro da partida e um abraço na chegada na prova de atletismo realizada no passado sábado.



Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

DEZ MIL A CORRER, NADAR E CONVIVER

Os III Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, organizados pelo pelouro do Desporto da CML em colaboração com as juntas de freguesia e colectividades populares, prosseguiram com mais uma jornada no passado fim-de-semana, aproximando-se assim da sua festa final, quando dia 10 e 11 de Junho tiver lugar a Grande Festa do Desporto no Terreiro do Paço.

A jornada do último fim-de-semana que abarcou todas as modalidades presentes nos jogos, do atletismo ao xadrez, teve os seguintes resultados:

Andebol, meias-finais, 2.º escalão masculino: Escola Secundária de Telheiras, 18 - ADEFA, 6; Clube Desportivo dos Olivais e Moscavide, 2 - Liceu Pedro Nunes, 11; 3.º escalão masculino: Liceu Pedro Nunes, 15 - Escola Secundária D. Dinis, 13; Escola Alemã, 7 - Vitória R.C. dos Olivais, 3.

Atletismo, 6.ª prova, 1.º escalão masculino: 1.º Tiago Arruda, (Recreativo Águas da Musgueira); 1.º escalão feminino: 1.ª Tânia Silva, (Grupo Desportivo Tunelense); 2.º escalão masculino: 1.º António Abreu, (Clube

Operário de Futebol); 2.º escalão feminino: 1.ª Sílvia Rodrigues, (Clube Desportivo Tunelense); 3.º escalão masculino: 1.º Francisco Atilano (Recreativo Águas da Musgueira); 3.º escalão feminino: 1.ª Ana Abreu (Póvoa Móveis).

Basquetebol, 3.º escalão masculino, quartos-de-final: Colégio Pina Manique, 43 - T.D.D., 39; Kola Kao, 83 - C.C.R. dos Coruchéus, 31; Colégio Manuel Bernardes, 52 - D. Dinis, 51; Panteras Negras, 29 - Reais da Graça, 43. Equipas apuradas: Colégio Pina Manique, Kola Kao, Colégio Manuel Bernardes e Reais da Graça.

Futebol de salão, quartos-de-final, 2.º escalão masculino: Atlético de Portugal, 1 - Juventude e Esperança, 3; Os Lusitanos, 4 - Futebol Clube Bayern, 5; Grupo Desportivo das Calvanas, 3 - Os Chapins, 2; Grupo Desportivo Operário, 3 - G.S. Adicense, 5; 3.º escalão masculino: Clube Desportivo da Graça, 3 - Juventus, 4; Atlético Clube de Chelas, 1 - União Juventude e Esperança, 5; Os Lentos, 1 - C.P. 2.ª Comuna, 2; Intendente,

0 - Grupo Desportivo Operário, 1; 3.º escalão feminino: Atlético Clube da Mata, 0; Moca, 3 - Sport Lisboa e Oriental, 0; Mata Benfica, 1 - T.R.J. Chelense, 3; Movimento Juvenil Subud, 9 - D. Dinis, 1.

Natação, 1.º escalão masculino: 1.º Marco Aurélio Henriques (Grupo Desportivo da Penha); 2.º escalão masculino: 1.º Miguel Marques Rodrigues (Clube TAP); 3.º escalão masculino: 1.º Manuel Ricardo (Grupo Desportivo da Penha); 1.º escalão feminino: 1.ª Cláudia Carvalho (Clube TAP); 2.º escalão feminino: 1.ª Sónia Isabel (G.S. Adicense); 3.º escalão feminino: Patrícia Santa (Sport Lisboa e Benfica).

Ténis de mesa, 1.º escalão masculino: Casa Pia, 5 - Sport Lisboa e Águias, 3; Os Pimpolhos, 2 - Sport Lisboa e Campolide, 5; 2.º escalão masculino: Atlético Clube do Charquinho, 5 - Sport Lisboa e Oriental, 3; S.C. Intendente, 5 - Os Jogadores, 3; S.F. Apolo, 5 - Santo Amaro, 2; C.F. Varense, 5 - Clube Operário, 0; 3.º escalão masculino: Os Cecilianos, 5 -

C.R. da Bela Vista, 4; Sport Lisboa e Oriental, 0 - Casa Pia, 5; Os Maduros, 0 - Pina Manique, 5; Sport Lisboa e Campolide, 5 - Os Tigres, 1; 2.º escalão feminino: Casa Pia, 5 - Clube Atlético da Cascalheira, 3; 3.º escalão feminino: D. Dinis, 5 - Casa Pia, 2.

Voleibol, quartos-de-final, 3.º escalão masculino: D. Dinis, 2 - Informáticos, 0; Ralis, 2 - Moamed Forever, 0; Pré-Seminário, 2 - Liceu Pedro Nunes, 1; Colégio Maria Pia, 0 - Liceu Francês, 2; 3.º escalão feminino: Ginásio do Alto do Pina, 2 - As Volistas, 0; D. Dinis, 2 - Ludoteca S.C.M.L., 0; Gil Vicente, 2 - As do Sagrado, 0; Externato Luís de Camões, 0 - Grupo Desportivo Externato Ferreira Borges, 2.

Xadrez, 1.º escalão masculino: Externato Champagnat, 2 - ADEFA, 2; 2.º escalão masculino: Atlético Clube da Ajuda, 2 - Xequete Mate, 2; ADEFA, 0 - Escola Secundária D. Maria I, 4; 3.º escalão masculino: Xequete Mate, 0 - Anjos, 3; Os Penhas, 0 - R.C.D.F., 4; Escola Secundária do Restelo, 1,5 - Padaria do Povo, 2,5.

Andebol: Europeu de Esperanças

Denúncias entram no balanço

A fase de apuramento do mundial de andebol, na categoria de esperanças «foi um êxito desportivo retumbante» afirmou Ricardo Pestana, vice-presidente da Associação de Andebol do Funchal.

Mas, se em termos organizativos este importante evento esteve bem, já em termos competitivos e, no caso da selecção portuguesa, muitos aspectos negativos sobrevieram, prejudicando a equipa nacional.

Esta, desfalcada de jogadores essenciais (caso de Luís Garrett), sem pontas com capacidade de penetração (Plácido na direita não esteve bem), Portugal evidenciou uma vez mais grandes carências.

No entanto, Costache Mircea o treinador romeno ao serviço da selecção portuguesa, considera que «o que nos faltou neste campeonato foi a disciplina tática».

Mircea queria uma organização defensiva baseada num 3-3, em que os defesas se posicionas-

sem nos 12 metros.

Porém, nada disso aconteceu. Desde a indisciplina tática a factores externos que prejudicaram o ambiente, como nos refere a título de exemplo um dirigente federativo afirmando que «a presença do treinador do FC Porto, que entre outros actos, procurou aliciar jogadores para o clube nortenho, tendo encarregado atletas seus de distribuírem propaganda nos balneários, durante os jogos».

Por outro lado, um factor muito criticado na Madeira, prendeu-se com as duplas de arbitragem, nomeadas pela Federação Internacional de Andebol (IHF), onde tanto os técnicos nacionais como os estrangeiros foram unânimes em criticar a disparidade de critérios (disciplinares) exibidos pelas duplas de arbitragem da Alemanha Federal e de Espanha.

Segundo as críticas, os germânicos foram demasiado permissivos deixando as defesas abusarem do jogo viril, enquanto os

espanhóis agiam de maneira oposta usando e abusando das suspensões e dos cartões, dualidade de critérios que os peritos presentes responsabilizam a IHF, pela não objectividade de sistemas.

A França venceu e convenceu, perfeitamente consciente das novas técnicas do andebol moderno, onde defendia a partir dos 12 metros, realizando no ataque três ou quatro lateralizações, no máximo, rematando de pronto, com jogadores fora do vulgar, como o «pivot», Jerome, e o lateral, Chauvet.

Frente à Dinamarca, considerados, à partida, como os favoritos à vitória final, os gauleses não se anedrontaram com a poderosa primeira linha dos dinamarqueses, que tinham uma média de altura de 1,86 metros, e mercê do excelente esquema tático e de uma preparação psicológica muito boa, os franceses deitaram por terra as aspirações dos nórdicos.

MICROSCÓPIO

Hipismo: concurso Quinta da Marinha

O cavaleiro António Vozzone, montando «Helios», venceu a prova grande do «Concurso Hípico da Quinta da Marinha», com 0,5 pontos e 48,62 segundos.

Esta prova integra-se no programa da Federação Hípica Portuguesa e antecede o concurso hípico do Campo Grande que se Vozzone, «Helios», 1/2 pontos, 48,62 segundos; 2.º José Manuel Nunes de Carvalho, «Kermesse de Vernix», 4 pontos, 45,17; 3.º Luís Xavier de Brito, «Fabulit», 4 pontos, 46,53.

Prova Média - 1.º João Azevedo, «L'Elue du Veneur», 56,00 segundos; 2.º Filipe Mendes de Almeida, «Pina III», 58,47 e 3.º Luís Xavier de Brito, «Sarina», 59,40.

Prova Pequena - 1.º Luís Sabino Gonçalves, «Líder Elena», 27,37 segundos; 2.ª Teresa Bourbon, «Cuica», 29,41 e 3.ª Teresa Bourbon, «Crazyouts», 30,80.

O «folhetim» ainda não terminou

MOZER NO BRASIL EM ESCALA PARA MARSELHA

Mozzer: sim ou não no Marseilha? A dúvida ainda persiste, mal grado a imprensa francesa e alguma portuguesa tenha referido que as negociações terminaram com satisfação plena dos interesses dos clubes e do atleta. Vejamos um feixe de versões: **JORGE DE BRITO:** —«Eu sei que várias agências e jornais portugueses, nomeadamente os vespertinos de hoje, dão como consumada a transferência de Mozer, mas posso garantir-lhe que, neste momento, o problema está no mesmo pé. Mozer é jogador do Benfica e será jogador do Benfica, enquanto o Marseilha não responder objectivamente às nossas condições...Ele está mais perto do Marseilha ou do Benfica, eu dir-lhe-ei que talvez esteja mais perto do Marseilha. Só que para que isso se concretize é preciso que o Marseilha responda cabalmente a um telex que lhe enviei ontem. Isso não aconteceu até este momento. Ouvi dizer que o presidente Taipia (presidente do Marseilha) ia dar uma conferência de imprensa anunciando a contratação de Mozer. Eu espero que ele o não faça, pois se o fizer ele o pode acontecer que Mozer continue no Benfica!»

JOÃO SANTOS: —«Esperávamos ao fim da noite de domingo uma conclusão de todo o processo porque faltavam só alguns pormenores sobre a garantia bancária e a forma de pagamento — era só isso que faltava acertar e espero que tudo tenha

sido resolvido a pleno contento de ambas as partes...As verbas estão já perfeitamente delineadas e a esse respeito não há, nem havia, qualquer dúvida, ou qualquer embaraço!»

Mozzer: «Tanto quanto sei ainda nada está definitivamente decidido e parto com coisas por definir. Ainda não sei que posição vou tomar e vou aguardar, lá no Brasil, uma notícia do Manuel Barbosa que vai ficar aqui em contacto com a direcção do Benfica para ver se define a minha vida o mais rápido possível.»

Manuel Barbosa: «Vá para onde for e quando for, a verdade é que o Mozer só sairá uma vez que os seus interesses e os do Benfica fiquem devidamente acautelados. A proposta é espectacular e pessoalmente considero-a muito boa tanto para o atleta como para o Benfica. De contrário, não creio que o Benfica tivesse mantido — e continue a manter — negociações com o Olympique de Marseilha.»

Casos Madjer e Zé Beto: decisões para breve

Segundo revela o dr. Guilherme de Aguiar (consultor jurídico da direcção do Futebol do Porto), os processos disciplinares relativos aos futebolistas Madjer e Zé Beto, estão concluídos e a decisão deverá ser tomada na próxima reunião directiva a ter lugar no decurso desta semana. Sobre o «caso Gomes» a

situação está mais demorada uma vez que o respectivo processo se encontra ainda na posse do inquiridor.

Sporting deverá regressar hoje a Lisboa

Em virtude dos futebolistas sportinguistas, que se encontram no Maputo, exigirem o começo das férias (mesmo sem «caroço» para gozar as ditas) parece comprometida a realização de mais qualquer encontro em Moçambique, regressando esta tarde a Lisboa.

Zairense no Marítimo

Confirma-se a aquisição do zairense Wawa Lambik para os quadros do Marítimo do Funchal, com um contrato válido para quatro temporadas. Quanto a Dito decorrem as conversações com o jogador e com o Futebol Clube do Porto e consta-se, na ilha, que Fernando Gomes está na «agenda das preferências» do clube.

Viseu reforça-se

Pensando no regresso ao primeiro escalão, de onde agora saíram, os dirigentes do Académico de Viseu iniciaram a renovação dos quadros futebolistas, adquirindo o passe dos seguintes jogadores: José Fernando e Pereira (Estrela de Portalegre), Fátima (Olivais e Moscavide) Duarte (Cinfães) e Leça (Guarda).

Estrela joga hoje

Depois de haver vencido o torneio quadrangular de Toronto, o Estrela da Amadora defronta hoje, a selecção da Lasa, regressando sexta-feira a Lisboa.

Grosso no Belenenses

O Belenenses acaba de firmar

contrato com o lateral-esquerdo Grosso, que, na passada temporada, representou o Fafe. Recordase-se que Grosso iniciou a sua carreira no Vitória de Setúbal. Será que a aquisição deste jogador terá alguma coisa a ver com a eventual cedência de João Mário? No Benfica consta que na Luz se espera por ele...

Suíça aposta no ataque

O seleccionador interino da Suíça, Paul Wolfisberg, convocou os estreantes Stephane Chapuisat e Rene Sutter para a selecção que a 7 de Junho defronta a Checoslováquia, em Berna, em jogo da fase de qualificação para o mundial-90 de futebol.

Wolfisberg, que regressou temporariamente ao cargo de seleccionador depois do despedimento de Daniel Jeandupeux, incluiu também o médio do Grasshopper, Andy Walter na lista de 18 convocados para um jogo que se apresenta decisivo para as suas aspirações.

A Suíça e a Checoslováquia fazem parte do grupo sete de qualificação para o mundial, onde se incluem também as selecções de Portugal, Bélgica e Luxemburgo.

Os estreantes Stephane Chapuisat e Rene Sutter pertencem ao Lausanne e Young Boys, respectivamente.

O antigo internacional alemão-federal Uli Stielike só iniciará o seu trabalho como seleccionador da Suíça em Julho próximo.

Os convocados da Suíça são os seguintes:

Guarda-redes: Martin Brunner, Stefan Lehman e Juerg Stiel.

Defesas: Alain Geiger, Marcel Koller, Stefan Marini, Patrice Motteiz, Peter Schepull e Martin Weber.

Médios: Thomas Bickel, Andy Halter, Heinze Hermann e Alain Sutter.

Avançados: Stephane Chapuisat, Beat Sutter, Rene Sutter, Kubilay Turkylmaz e Dario Zuffi.



Carlos Queirós dá as boas vindas à sua moçada

Juniores regressam ao trabalho

Com vista à sua participação no campeonato mundial, a realizar na Escócia entre 10 e 24 do corrente, os juniores Sub-16 regressaram ontem ao trabalho que durará até ao dia 8 (data da partida para Glasgow).

Carlos Queirós e Nelo Vingada escolheram os seguintes 17 «putos»:

Miranda e Rui Moço (Académica de Coimbra), Adalberto,

Miguel Simão e Paulo Costinha (Boavista), Abel, Capucho e Nelson (Estrela da Amadora), Francês, Gil, Paulo Renato e Rui Ferreira (Benfica), Eurico (Braga), Ganga (União de Coimbra), Geani e Paulo Sérgio (Guimarães).

Destes jogadores apenas 5 estiveram presentes na Dinamarca, foram eles Adalberto, Miguel Simão, Abel, Gil e Geani.

Grácio foi despedido

Segundo notícia o «Record» na sua edição de hoje, a direcção da Federação Portuguesa de Futebol resolveu despedir o seu antigo secretário-geral, César Grácio, alegando justa causa.

Recorde-se que o Conselho de Disciplina da FPF tinha decidido suspender César Grácio por um ano, mas na qualidade de dirigente que exercia por efeito das funções que desempenhava.

Naturalmente que o ex-secretário-geral do organismo federativo se prepara para recorrer de ambas as punições agora anunciadas e em Coimbra e Famalicão, pensa-se que das irregularidades cometidas por Grácio venha a resultar a sua promoção ao escalão maior do nosso futebol e então lá continuaremos com 20 clubes e a já tradicional bagunçada na grande comédia da bola. Aguarde-se.

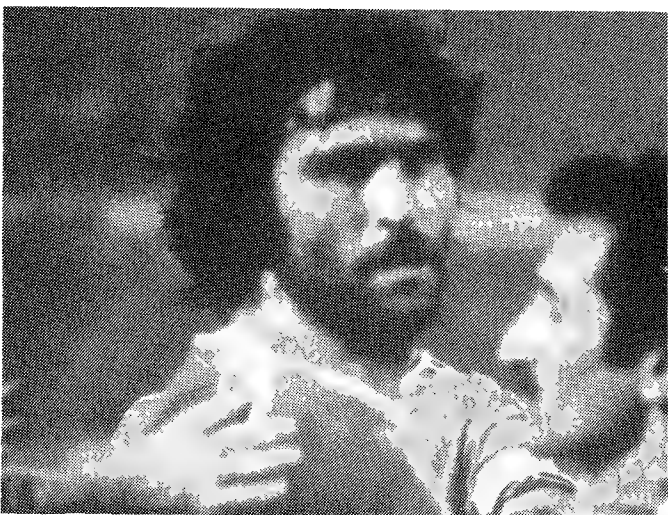
Vítor Baptista: 4 anos de cadeia

O antigo futebolista do Benfica, Vitória de Setúbal e Boavista, Vítor Baptista, foi condenado a quatro anos de prisão por dois furtos qualificados.

O ex-futebolista, que foi julgado quarta-feira, reagiu contra a sentença ontem proferida, tendo a juíza presidente, Isabel Tapadinhas, ameaçado fazê-lo sair da sala.

O acórdão condenou Vítor Baptista a um ano por um furto no interior de uma viatura e a 14 meses por outro furto idêntico, tendo-o absolvido da acusação de assalto a uma sapataria, acusação não provada.

Vítor Baptista, que se encontra a cumprir uma pena de dois anos de prisão, teve a aplicação do cúmulo jurídico pelo que, passado um ano poderá sair em liberdade condicional, se o director do estabelecimento prisional assim o entender.



Vítor Baptista

Para a juiz-presidente do tribunal colectivo, Isabel Tapadinhas, «o réu revela inclinação especial

para as infracções relativas a furtos e é pessoa influenciável». «Jogou em grandes clubes e na

selecção nacional, pelo que seria recomendável outro procedimento. O tribunal não foi duro para com ele» — acrescentou.

Em declarações à Agência Lusa, a advogada de Vítor Baptista e deputada do PCP, Odete Santos, disse que «a sentença foi benévola e se o Vítor cumprir mais um ano e se o Vítor sair em liberdade condicional e iniciar um processo de cura».

Odete Santos disse ainda «admitir a possibilidade de requerer um exame às suas faculdades mentais a fim de ele ser internado».

«Vítor Baptista não pode estar preso. Tem que ser internado» — defendeu Odete Santos.

Após a leitura do acórdão, o antigo futebolista recolheu ao carro celular para se dirigir à Colónia Penal de Sintra, onde é treinador da equipa de futebol daquela prisão.

«ANTÓNIO AUGUSTO DA CRUZ, LIMITADA»

SEDE — Lisboa, na Praça Dom João da Câmara, número quatro, segundo andar, direito, freguesia de Santa Justa.

CAPITAL — 400 000\$00.

Matriculada na Conservatória da Direcção Comercial de Lisboa sob o número 39 409, a fls 178 vº, do livro C-97.

DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, A CARGO DA NOTÁRIA LIC. LIDIA RODRIGUES MAIA DEVESE.

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 8 de Maio corrente, lavrada de folhas 39vº a 41vº do livro de notas para escrituras diversas número 552-A, deste Cartório, foi elevado o capital da sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe, de 60 000\$00, para 400 000\$00, sendo o aumento de 340 000\$00, realizado pela forma seguinte:

Quanto a 204 580\$00, por incorporação de Reservas de Reavaliação de Imobilizações; e

Quanto a 135 420\$00, por incorporação de Reservas Livres, ficando a quantia representativa do aumento de capital, distribuída pelos sócios, na exacta proporção das quotas que presentemente possuem.

Que em consequência do presente aumento de capital, foi dada nova redacção ao artigo terceiro do contrato de sociedade pela seguinte:

TERCEIRO

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado a dinheiro e nos diversos valores do activo da sociedade e corresponde à soma de duas quotas iguais, de DUZENTOS MIL ESCUDOS, cada, pertencendo uma a cada um dos sócios, Amadeu Tavares Correia e Manuel Brito Diniz. Está conforme.

Lisboa, Décimo Segundo Cartório Notarial, aos onze de Maio de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante

Maria do Carmo Ramalho Branco Dias dos Santos

Ciclismo: Giro de Itália

ACÁCIO VOLTOU A AGARRAR A «ROSA»

Acácio da Silva, com cinco segundos de bonificação numa meta volante, recuperou a camisola rosa do Giro e tem agora uma vantagem de quatro segundos sobre o holandês Erick Breukink.

Acácio foi 10.º na etapa, a 27 segundos do líder, o dinamarquês Bjarne Riis, que gastou 6.00.15 horas para percorrer os 221 quilómetros da tirada, entre Laquila e Gubbio, a uma média de 36,087 quilómetros/hora.

O italiano Silvano Contini, que deteve a camisola rosa durante cinco dias consecutivos, entre a 3.ª e a 8.ª etapas do Giro, continua no 3.º lugar da geral, a 16 segundos de Acácio da Silva.

Um grupo de seis ciclistas — Serguei Soukhorooutchikov, Brugnani, Gelfi, Elli, Tonetti e Pavlic — tentou uma fuga, pouco depois do quilómetro 105, e chegou a ter uma vantagem, de 1,40 minutos sobre o pelotão, que acabou por os apanhar a 10 quilómetros da meta.

A quatro quilómetros da meta, Riis, o seu compatriota, Rolf Sorensen, o soviético Dmitri Konychev e o italiano Enrico Galleschi aceleraram, acabando por cortar a meta com 10 segundos de vantagem sobre o suíço Werner Stutz e os italianos Gianni Bugno, Mauro Sanaromita e Giovanni Fidanza.

Sorensen, que cortou a meta em 2.º lugar, com o mesmo tempo do vencedor, sofreu uma penalização de 20 segundos e desceu para a 8.ª posição.

A organização do Giro penalizou Sorensen por ter comido uma sanduíche a 10 quilómetros da meta, violando as regras da prova. Hoje na 10.ª etapa, os ciclistas disputam um contra-relógio individual de 36,8 quilómetros, com partida de Pesaro.

Acácio da Silva afirmou estar muito satisfeito por ser o primeiro português a vestir a-

misola rosa e a fazê-lo duas vezes na mesma prova.

Sou um homem que gosta de medalhas e vitórias, mas esta camisola pertence também à minha equipa (Carrera), que controlou a etapa do princípio ao fim, realizando um trabalho sensacional, afirmou o ciclista, em entrevista à televisão italiana, no final da etapa.

Classificações

9.ª etapa: L'aquila-Gubbio (221 km) — 1.º Bjarne Riis (System U), 6.00,15; 2.º Dimitri Konychev (Alfa Lum), m.t.; 3.º Euri Galooni (Pepsi-Alba), m.t.; 4.º Werner Stutz Magniflox, 6.00,25; 5.º Salvatore Cavallare (Seur), m.t.; 6.º Gianni Bugne (Salotti Chateau D'ax), m.t.; 7.º Antonio Santarrita (Pepsi-Alba), m.t.; 8.º Relf Berenson (Coramiche Ariesten), 6.00,35; 9.º Giovanni Fidanza (Salotti Chateau D'ax), 6.00,42; 10.º Acácio Silva (Carrera), m.t.

Geral individual: 1.º ACÁCIO SILVA (Carrera), 44.19,28; 2.º Erick Broukink (Panasonic), 44.19,32; 3.º Silvano Contini (Malver Sidi), 44.19,44; 4.º Flavio Giupponi (Malver Sidi), 44.19,59; 5.º Laurent Fignon (System U), 44.20,04; 6.º Luis Herrera (Café de Colombia), 44.20,07; 7.º Stephen Roche (Fagor), 44.20,10; 8.º Urs Zimmermann (Carrera), m.t.

Geral-equipas: 1.º Fagor, 13.44,48; 2.º Alfa Lum, 13.44,52; 3.º Salotti Chateau D'ax, 13.45,39; 4.º Seur, 13.46,24; 5.º Café de Colombia, 13.46,30; 6.º Carrera, 13.46,49; 7.º Malver Sidi, 13.48,07; 8.º System U, 13.48,13; 9.º Caja Rural, 13.48,56; 10.º De 1 Tongo, 13.49,20.

Geral de pontos: 1.º ACÁCIO SILVA (Carrera), 94; 2.º Giovanni Fidanza (Salotti), 89; 3.º Rolf Sorensen (Ariesten), 87; 4.º Dimitri Konychev (Alfa Lum), 78.

Geral da Montanha: 1.º Tony Rominger (Malotti), 31; 2.º Luis Herrera (Café de Colombia), 20; 3.º Stefano Giuliani (Jolly Componibili), 15; 7.º ACÁCIO DA SILVA (Carrera), 10.

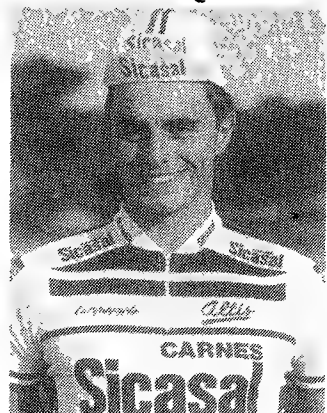
Paulo Pinto vence prólogo de «O Jogo»

Paulo Pinto, da Sicasal/Torreense, foi o primeiro dos 118 ciclistas que ontem se apresentaram no prólogo do III Grande Prémio «O Jogo» — a envergadura a camisola canarinho, ao vencer ao «sprint» a prova disputada na pista da Malveira.

Inscreveram-se no livro de ponto 118 atletas em representação de 17 equipas, registando-se, à última hora, a ausência das turmas de Travanca e do Fonseca. Das equipas presentes 12 são profissionais e as restantes seniores/especiais (amadores).

Vejamos as classificações antes da partida dada esta manhã

Quem é Paulo Pinto



Nome: Paulo de Oliveira

Idade: 21 anos (11 de Abril de 1967).

Naturalidade: Arcozelo.

Clubes anteriores: Gulpilhares (81 a 83 e 85 a 86), Alguerra — Camponauto (84) e Ajactio (87).

(11 horas) de Vila Franca do Rosário com destino a Mafra (155 quilómetros):

Classificações

Individual: 1.º Paulo Pinto (Sicasal/Torreense), 00.04.53; 2.º Joaquim Andrade (Sicasal/Torreense) m.t.; 3.º Fernando Fernandes (Sicasal/Torreense, m.t.; 4.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense), m.t. 5.º Joaquim Gomes (Sicasal/Torreense), m.t.; 6.º António Pinto (Sicasal/Torreense), m.t.; 7.º Manuel Neves (Sicasal/Torreense), m.t.; 8.º Fernando Carvalho (Louletano/Vale do Lobo, 00.04.54; 9.º Eduardo Correia (Louletano/Vale do Lobo), m.t.; 10.º José Xavier (Louletano/Vale do Lobo), m.t.

Por equipas: 1.º Sicasal-Torreense, 14.39; 2.º Louletano-Vale do Lobo, a 03; 3.º Boavista, a 27; 4.º Aqualine-Olhavense, a 33; 5.º Vigor-Lousa, a 39.

Éxitos mais recentes: 27.º na Volta-87 (1.º nos Pontos e 2.º nas Metas Volantes); 41.º, na Volta-88 (1.º nos Pontos); 4.º no Matosinhos — Régua-87; 24.º na Volta ao Alentejo-87; 24.º no Lisboa-Porto-87; 10.º no Lisboa-Porto-88; 18.º no Porto-Lisboa-88; 98.º na Volta à Espanha-88; 1.º nos Pontos nos GT «JN» e «O Jogo», além de vitórias em sete etapas em diversas provas.

Perfil: Sem dúvida que se trata do ciclista mais rápido do momento. Como «sprinter» nato, não surpreende que seja dono e senhor da camisola verde (pontos) em qualquer prova em que participe. A Montanha não é, por isso, o seu forte, mas a equipa conta com ele na qualidade de «papa-etapas». O que já não é pouco...



Acácio Silva: regresso ao pódio

Bombeiro de Leiria dá volta aos EUA

O bombeiro-ciclista de Leiria, Carlos Vieira, parte no próximo dia 1 de Junho para os Estados Unidos onde vai tentar bater o recorde da travessia deste país.

Carlos Vieira vai tentar inscrever pela segunda vez o seu nome no «Guinness Book», onde já detém o recorde de resistência a andar em bicicleta, com 191 horas.

Carlos Vieira, nos EUA, vai partir de Santa Mónica, estado da Califórnia, para tentar chegar a Nova Iorque em tempo inferior ao do actual recordista.

A travessia dos Estados Unidos em bicicleta foi feita em 1986, por um norte-americano que gastou nove dias e duas horas. Esta oportunidade de Carlos Vieira surgiu na sequência de um convite que lhe foi endereçado pelos «leões» de Nova Jér-sia, para estar presente nas comemorações do 10 de Junho, promovidas por esta colectividade, filial do Sporting Clube de Portugal.

Ténis: Roland Garros

Nuno Marques entra em cena

O tenista Nuno Marques entra hoje em cena no Torneio Roland Garros derrotando o espanhol Sérgio Bruguera e, para o seu treinador, Luís de Sousa, «o Nuno vai entrar em campo sem nada a perder, sabendo-se que, taticamente, tem de jogar ao ataque sobre a rede. Só que o seu adversário não perde pontos em faltas não provocadas. Trata-se de um jogador a quem é preciso ganhar sem contar com facilidade». Luís de Sousa encontra-se optimista: «O Nuno está motivado para fazer o melhor possível. Se jogar como deve fazê-lo só tem que desejar é que o Bruguera não seja, neste encontro, demasiado forte.»

Entretanto, João Cunha e Silva jogará com o argentino Edoardo Mass na variante de pares, não se conhecendo ainda quais os seus opositores.

Mecir fora de prova

A eliminação do checoslovaco Miloslav Mecir e a desistência

do sueco Kent Carlsson por lesão marcaram o início do quadro principal do «open» de França, em ténis, que decorre nos «courts» de Roland Garros, em Paris.

Mecir e Carlsson foram os únicos dois «cabeças-de-série» dos 15 que compõem o quadro a ficarem pelo caminho logo na primeira ronda, mas se Carlsson pode-se queixar de uma tendinite num dos joelhos, Mecir deve-se lamentar de si próprio por ter sido eliminado pelo francês Thierry Tulasne.

Mecir, cabeça-de-série número oito, perdeu inesperadamente com o francês em quatro «sets», com os parciais de 2-6, 6-4, 6-1 e 6-3.

Entre os favoritos, o sueco Mats Wilander, campeão da edição anterior, afastou o espanhol Tomas Carbonell com os parciais de 6-3, 6-3 e 6-3, enquanto o seu compatriota Stefan Edberg, cabeça-de-série número três, derrotou Marian Vajda por 6-2, 6-0, 1-6 e 6-3.

O norte-americano Jimmy

Connors, cabeça-de-série número nove, voltou a fazer brilhar os seus 36 anos de idade, ao derrotar o checoslovaco Martin Strelba por 6-2, 2-6, 6-4 e 6-3. «Continuo a caminhar. Ainda não se registaram muitas surpresas até ao momento», afirmou Connors.

Em singulares femininos, a grande surpresa foi a eliminação da alemã-federal Claudia Kohde-Kilsch pela francesa Karine Quentrec, que recebeu um «wild-card» da organização, com os parciais de 4-6, 6-2 e 8-6.

A alemã-federal Steffi Graf, cabeça-de-série número um, e a argentina Gabriela Sabatini, as principais favoritas para a final, não tiveram dificuldades em passar à segunda ronda, frente à norte-americana Camille Benjamine por 6-1 e 6-1 e à japonesa Akemi Nishiyama por 6-0 e 6-0, respectivamente.

Lendl não cede

O checoslovaco Ivan Lendl lidera o «ranking» mundial de ténis,

segundo a lista divulgada pela Associação Profissional da modalidade (ATP), em Pontevedra.

O alemão-federal Boris Becker ocupa a 2.ª posição, seguido dos suecos Stefan Edberg e Mats Wilander, estando o norte-americano Andre Agassi no 5.º lugar.

O austríaco Thomas Muster e o norte-americano John McEnroe figuram nos lugares imediatos.

A lista dos 15 primeiros do «ranking» é a seguinte: 1.º Ivan Lendl, Checoslováquia; 2.º Boris Becker, RFA; 3.º Stefan Edberg, Suécia; 4.º Mats Wilander, Suécia; 5.º Andre Agassi, EUA; 6.º Thomas Muster, Áustria; 7.º John McEnroe, EUA; 8.º Jakob Hlasek, Suíça; 9.º Tim Mayotte, EUA; 10.º Miloslav Mecir, Checoslováquia; 11.º Jimmy Connors, EUA; 12.º Kent Carlsson, Suécia; 13.º Alberto Mancini, Argentina; 14.º Emilio Sanchez, Espanha, e 15.º Brad Gilbert.



Nuno Marques: hoje é dia de estreia

Agravou-se a situação na Argentina

A tensão, que há dias domina a Argentina, agravou-se dramaticamente nas ultimas horas, depois da morte de quatro operários em Cordoba. As autoridades militares desta província ordenaram a partir de ontem à noite o recolher obrigatório em todo o território. Pela noite fora, os paraquedistas continuavam ainda o tiroteio contra os franco-atiradores que os alvejavam do alto dos edifícios em construção no centro da cidade. Outros manifestantes, atrás de barricadas de mais de três metros de altura, construídas com

paralelepípedos, trocos de árvores e postes telefónicos, disparavam por sua vez contra as forças de ordem.

A agitação voltou à Itália

A agitação e a contestação voltaram à Itália. Em Nápoles, os estudantes desfilaram pelas ruas da cidade protestando contra o atraso da reforma universitária, e em Trentola, importante centro agrícola, a 40 Km ao norte de Nápoles, um grupo de operários e as suas famílias levantaram barricadas à entrada da cidade e depois efectuaram um comício em frente da Câmara Municipal.

Pompidou favorito no escrutínio do próximo domingo

A campanha para a eleição presidencial francesa entra hoje no último dia com a mais recente sondagem à opinião pública revelando que o gaullista Georges Pompidou está a gozar de maior favoritismo que o seu principal rival, o centrista Alain Poher. O resultado da sondagem, publicado no "Figaro", indicava um aumento de um por cento no número de pessoas que tencionavam votar a favor de Pompidou no primeiro escrutínio, que se realiza no domingo. A vantagem do candidato gaullista é, assim, agora de 40 por cento.

EFEMÉRIDES

1904 As forças japonesas ocupam Dalmy (Darien), na Rússia.

1913 É assinado, em Londres, o Tratado de Paz entre a Turquia e os Estados balcânicos.

1919 A Grã-Bretanha concorda em transferir parte do sudoeste alemão na África para a Bélgica.

1925 Disparos efectuados pela polícia municipal de Xangai sobre estudantes chineses e outros incidentes ocorridos em Cantão provocam o boicote chinês às mercadorias britânicas.

1957 A Grã-Bretanha suaviza as restrições comerciais que impusera à China.

1959 O Iraque põe termo aos acordos militares assinados com os EUA.

1961 Rafael Trujillo, ditador da República Dominicana, é assassinado.

1968 O Presidente francês, Charles de Gaulle, rejeita as exigências da sua demissão, dissolve o Parlamento e convoca novas eleições gerais.

1971 A nave espacial norte-americana «Mariner 9» é lançada de Cabo Kennedy, no Estado da Flórida, em direção ao Planeta Marte.

1974 O Partido Comunista jugoslavo termina o seu décimo Congresso, nomeando Josep Broz Tito Presidente vitalício do País.

1981 O Presidente do Bangladesh, Ziaur Rahman, é assassinado a tiro, durante uma revolta efectuada por oficiais do exército na cidade portuária de Chittagong.

1982 A Espanha torna-se o décimo sexto membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO).

1983 Os sete principais países industrializados do Ocidente comprometem-se, em Williamsburg, a congregar esforços para reduzir a inflação, combater o desemprego e estabilizar as taxas de juro.

- Membros da Organização de Libertação da Palestina desmentem uma notícia da emissora «Voz do Líbano», segundo a qual Yasser Arafat teria sofrido uma tentativa de assassinio, durante a manhã, no Vale de Bekaa.

1985 As autoridades belgas revelam que ascende a 38 o número de mortos na sequência dos incidentes, na véspera à noite, no Estádio de Hysel, em Bruxelas, ocorridos entre ingleses e italianos uma hora antes da final da Taça Europeia entre o Liverpool e o Juventus.

1986 Os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO aceitam o desafio do líder soviético Gorbachev para dialogar sobre desarmamento na Europa.

1987 O general Dimitri Yazov, 63 anos, é nomeado ministro da Defesa da URSS, substituindo Sokolov, demitido na sequência do voo, de mais de 900 quilómetros, do jovem alemão federal Mathias Rust, até à Praça Vermelha, em Moscovo.

EM PORTUGAL

	Min.	T. 6h	Prec.	Às 18 h.
Bragança.....	11	12	0,0	M. nub.
V. Castelo.....	13	13	0,0	Nevoeiro
Vila Real.....	11	11	0,0	M. nub.
Porto.....	14	16	0,0	Neblina
Coimbra.....	15	15	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	16	16	0,0	Limpo
C. Branco.....	12	13	0,0	Neblina
Portalegre.....	12	13	0,0	Nevoeiro
Lisboa.....	14	15	0,0	Neblina
Évora.....	14	14	0,0	Neblina
B. ja.....	12	13	0,0	Nevoeiro
Faro.....	15	16	0,0	Neblina
Sagres.....	18	18	0,0	M. nub.
P. Delgada.....	15	15	0,0	M. nub.
Horta.....	15	15	0,0	M. nub.
Funchal.....	16	16	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 22, Porto 21. Faro 22, Ponta Delgada 20, Funchal 22.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

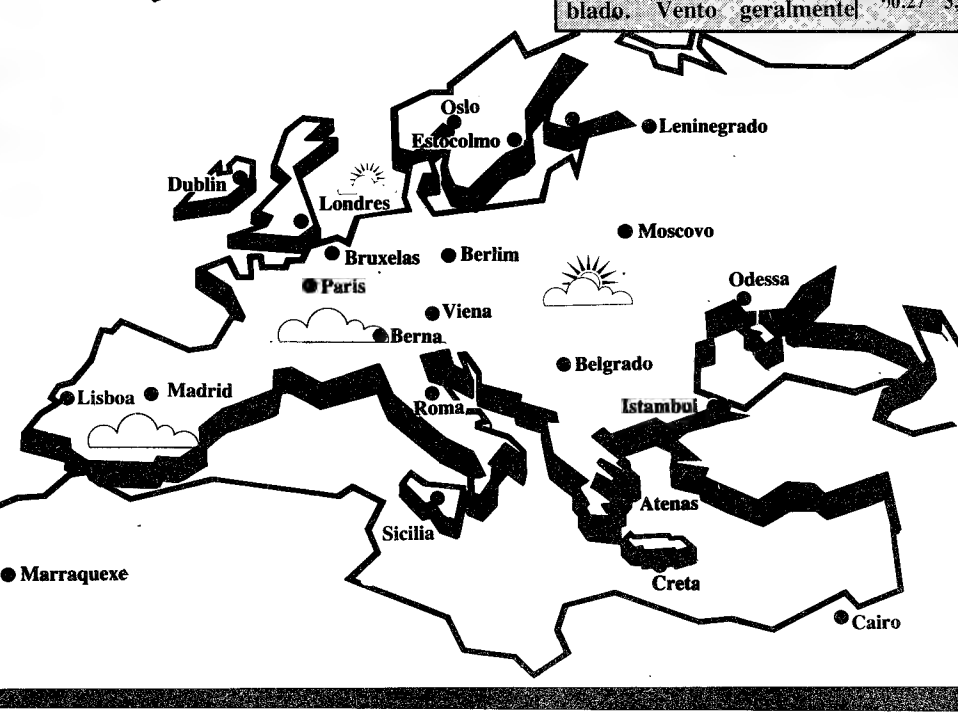
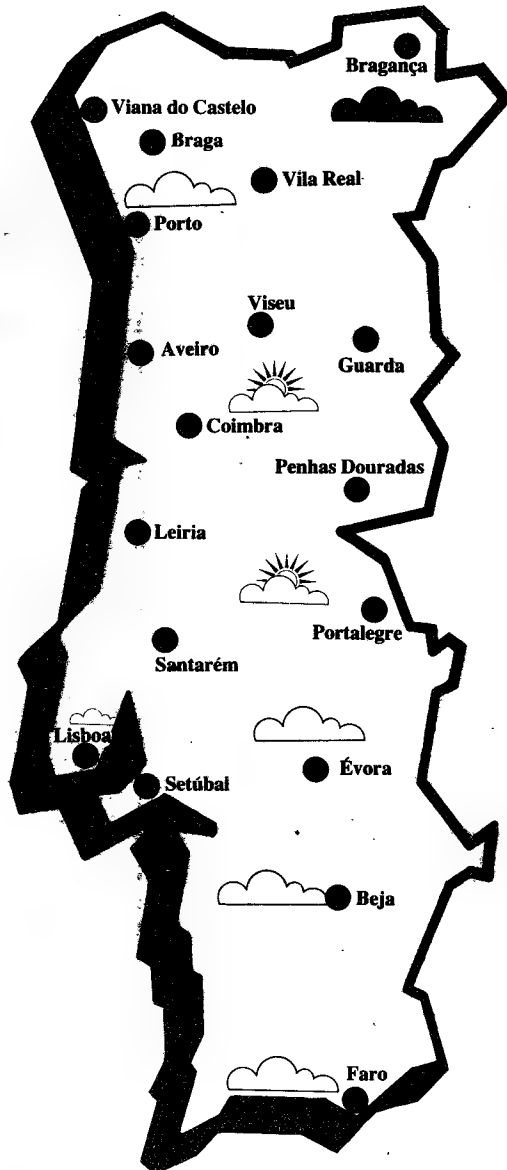
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	13	14	Neblina
Londres.....	10	11	P. nub.
Paris.....	13	15	P. nub.
Bruxelas.....	10	12	Limpo
Amsterdão.....	10	12	M. nub.
Genebra.....	11	13	Neblina
Roma.....	13	15	Neblina
Oslo.....	4	9	P. nub.
Copenhaga.....	9	11	M. nub.
Estocolmo.....	8	11	P. nub.
Berlim.....	12	13	Encoberto
Viena.....	12	15	Neblina
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	16	20	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas.....	18	27	Chuva
Joanesburgo.....	7	17	Nublado
Los Angeles.....	15	23	Nublado
Montreal.....	8	21	Nublado
Nova Deli.....	25	42	Limpo
Nova Iorque.....	11	23	Nublado
R. de Janeiro.....	16	23	Nublado
S. Francisco.....	10	18	Limpo
São Paulo.....	11	17	Nublado
Tóquio.....	15	24	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco do Quadrante Oeste. Aguaceiros e trovoadas, especialmente durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação Noroeste de um metro.

Regiões do Sul: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco do Quadrante Oeste. Aguaceiros e trovoadas durante a tarde especialmente no Alentejo. Neblinas ou nevoeiros durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de um metro na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

Açores

Em todos os grupos: Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Aguaceiros fracos. **Estado do Mar:** Mar de pequena vaga. Ondulação Nordeste de um metro.

Na Madeira

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente

fraco. Aguaceiros fracos nas costas voltadas a Norte. **Estado do Mar — Costa Norte:** Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação Noroeste de um metro. **Costa Sul:** Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro. **Funchal:** Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco do Quadrante Oeste. Aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas especialmente durante a tarde. Nevoeiros ou neblina matinal.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no Litoral Oeste. Pequena descida da temperatura. Neblina matinal.

MARÉS

Hoje	Preta-Mar	Baixa-Mar
10.59	3,4 m	04.25 1,3 m
23.20	3,6 m	16.52 1,5 m
Amanhã		
12.05	3,5 m	05.31 1,2 m
00.27	3,7 m	17.58 1,4 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

**Fernando
Lopes
entre
«Fados»
e «Corações
Periféricos»**

«PRECISAMOS DE UM SISTEMA NARRATIVO»

Rui Eduardo Pais

Lamenta ter-se tornado num cineasta «de domingo» mas, muito simplesmente, não encontra tempo para mais. É a cabeça do Departamento de Co-Produções Internacionais da RTP e o responsável por muita mudança de conceitos e práticas na 5 de Outubro. Mas Fernando Lopes não se ficou por aí: ele é a «alma» de um redobrar de esforços a favor da ficção cinematográfica portuguesa, e o homem que está por trás da série «Fados», a primeira parte já vista na televisão, a segunda agendada para Outubro. Afogueado, entre um almoço de trabalho e a partida para o Brasil, onde participa num encontro de televisões «faladas» em Português, fez para o «DL» o balanço da experiência e revelou que para o primeiro trimestre do ano que vem mete-se noutra: os «Corações Periféricos». Não está desiludido, como o leitor pode constatar pelas suas próprias palavras, apesar de tantas vezes serem críticas...

A sala onde nos encontramos é um pouco impessoal. Não há papéis desarrumados nem «dossiers» abertos, tudo parece estar nos seus lugares, não há ninguém e só do outro lado da parede funcionários da RTP se fazem ouvir, ora discutindo ao telefone verbas e burocracias, ora definindo questões entre si. Fernando Lopes ainda não chegou, está atrasado, mas vários cartazes denotam já a sua presença, um do filme «Bons Malandros», outro alusivo a um ciclo dedicado ao cinema americano dos anos 40: estou no escritório de um cinéfilo que trabalha na RTP a meio tempo, mas um meio tempo que lhe vai ocupando as horas todas do dia. Quando chega, Fernando Lopes desculpa-se e começa a falar sem cerimónias, tratando de imediato o repórter por tu. Cordial e objectivo e, para quem não o conhecia, inesperadamente franco.

«DL» - A primeira metade dos «Fados» está terminada, já vimos as versões de Cristina Hauser, Margarida Gil, Joaquim Leitão, Vítor Gonçalves e Faria de Almeida. Dá pa, o primeiro balanço, não?

Fernando Lopes - Sim, e repara que do lote dos cinco realizadores só um, o Faria de Almeida, é efectivamente da casa. A Margarida Gil tem uma dupla condição, trabalha aqui mas também faz filmes lá fora, enquanto os outros são completamente estranhos à RTP. A série até era para ser feita apenas com realizadores externos, mas razões administrativas da Televisão levaram à decisão de se filmarem ao todo seis «Fados»

da RTP. É claro que isso veio alterar a concepção inicial do projecto, cujo critério era reunir os realizadores que tivessem acabado as suas primeiras obras muito recentemente. A ideia foi do Carlos Seixas e o desejo dele, que eu partilhei, começou por ser um só: que os novos não parassem por aí, que pudessem continuar.

«DL» - Ficou então insatisfeito com os resultados?

F. L. - Sim e não. O tema «Fados» é aliciante mas percebe agora que pecou por ser demasiado genérico. A encomenda deveria ter sido mais concretizada, mais definida, e aconteceu o que aconteceu: só a Cristina Hauser respeitou as regras gerais, os outros saltaram para fora. Houve outros aspectos negativos: demos inteira liberdade à escolha dos produtores, de maneira que houve um grande desequilíbrio entre os filmes externos e os produzidos pela RTP: não consegui acompanhar os produtores de fora porque tive de tratar das outras coisas, e por sua vez a produção da casa caracterizou-se pela burocracia e pelo peso das regras internas. Perdeu-se a unidade, portanto.

Mas também houve benefícios: deu-se trabalho a técnicos de qualidade indelével, como o Daniel Del Negro, que foi o director de fotografia nos filmes do Joaquim Leitão e do Vítor Gonçalves. Para além disso creio que ficou definitivamente lançado o projecto de, com regularidade, se avançar na RTP com produções de ficção portuguesa.

«DL» - Quer dizer que já se prevê algo de semelhante aos «Fados»?

F. L. - Sim, uma série de quatro filmes denominada «Corações Periféricos» que passará na televisão no primeiro trimestre de 1990. À semelhança dos «Fados» a série vem na sequência de um acordo da RTP com a Secretaria de Estado da Cultura e nela já fazemos as correcções que a aprendizagem com os «Fados» nos permitiram. Por exemplo: o produtor será um único, o Joaquim Pinto. Os cineastas serão o Fernando Ávila, da casa, e Pedro Ruivo, Luís Alvarães e Manuel Mozes, que até agora tiveram uma actividade como assistentes de realiza-

ção. O cinema português não tem tratado os temas da juventude, questões que têm a ver com a droga, a violência, as novas relações sentimentais, os novos hábitos: é isso que vamos fazer, atentando noutros assuntos até agora «marginalizados», como as vivências nos dormitórios de Lisboa ou do Porto e nas pequenas cidades da província.

«DL» - Se bem entendido, são primeiras obras?

F. L. - Estas são, e teremos o cuidado de acompanhar um pouco melhor a promoção da série do que aconteceu com os «Fados».

«DL» - Voltemos então a

eles. O Fernando Lopes disse que só a Cristina Hauser correspondeu integralmente ao que era pretendido. O que falhou ou esteve bem em cada um dos filmes já vistos na televisão?

F. L. - O que verifiquei foi que a Cristina fez um enorme esforço de aproximação ao público e penso que conseguiu. O Leitão, pelo seu lado, foi de uma grande eficácia narrativa e é por isso mesmo que algumas televisões estrangeiras querem comprar o «Voltar». O Vítor Gonçalves, esse, foi de um rigor visual notável, mas deverá de futuro fazê-lo coincidir com algum rigor narrativo, que é onde ele falha. Torna-se evidente,

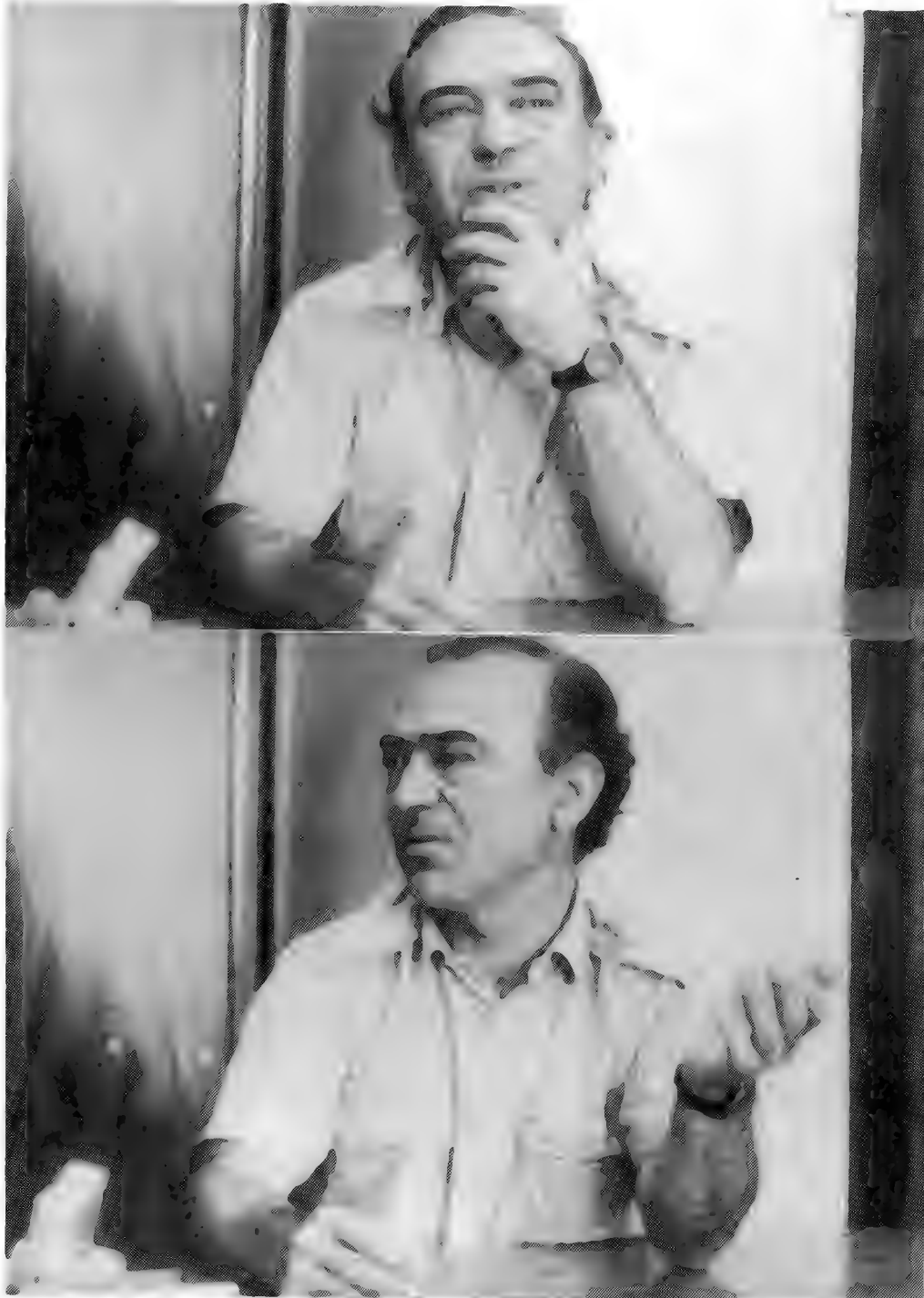
no entanto, que ele só o conseguirá pela insistência, depois de várias experiências, e a verdade é que por enquanto faltam as condições de trabalho que proporcionem tal aprendizagem. Aliás, se não me restam dúvidas de que a ideia original dos «Fados» ficou dissipada no meio disto tudo, a culpa não foi só dos realizadores, foi minha, foi da RTP, porque também não tivemos o cuidado de acompanhar a própria escrita dos argumentos. Demos excessiva liberdade aos realizadores e a isso se deve a permanente desigualdade entre cada episódio da série. Por exemplo, o Gonçalves teve imensa dificuldade em entrar no pequeno ecrã e isso ficou visível, apesar de o «Meia-Noite» até ser o filme mais elaborado e mais rico dos «Fados».

«DL» - Sim, pelo menos três dos cinco realizadores já mostrados não estavam habituados a filmar para televisão. Isso trouxe muitos problemas, então...

F. L. - Trouxe. Será que a duração de uma hora será a mais justa para uma ficção? Se o filme do Vítor Gonçalves tivesse mais 20 minutos ficaria mais bem resolvido do que ficou. A dado passo ele começou a apressar a narrativa, está lá, percebe-se imediatamente. Já o filme do Joaquim Leitão parece-me demasiado linear. Houve de facto algumas ambiguidades, não se tratava propriamente de telefilmes, não era uma série no sentido de que uma série implica um fio condutor, mas uma «coleção» temática.

«DL» - Você parece-me muito crítico em relação ao papel da RTP na feitura dos «Fados». Vejo bem?

F. L. - Acho correcto que se façam coisas da casa, desde que seja somente com profissionais da RTP. A mistura nos «Fados» não resultou, foi uma falsa competição entre os realizadores de televisão e os de fora. Os realizadores da RTP até podem ter saído prejudicados, nota. Seja como for, os «Fados» constituíram o primeiro laboratório de ficção da Radiotelevisão Portuguesa e isso parece-me importante. Não se chega a um sistema narrativo de um dia para o outro e as telenovelas portuguesas são uma prova disso, pois têm sido feitas a partir de um discurso narrativo altamen-



te codificado. É evidente que um filme como o «Voltar», do Joaquim Leitão, aparece no meio disto como algo de completamente diferente, o Leitão tem uma visão do cinema muito física, os actores são entendidos primeiro que tudo como corpos, a câmara reforça a fisicalidade da narrativa e houve até pessoas que disseram 'finalmente uma cena de pancadaria no cinema português'. Enfim, uma reacção destas até pode ser reducionista, de qualquer modo passou-se algo de novo. Sentimos o «feed-back» do público e não só; já há festivais de cinema interessados no Vítor Gonçalves e na Margarida Gil.

«DL» - Portanto, tiveram uma ideia dos índices de audiência?

F. L. - Sim, e foram muito bons: 60% da audiência viu o «Voltar», e cerca de 50% os outros quatro. Pelo que pudemos apurar aconteceu inclusive alguma perplexidade entre quem foi vendo os filmes. Houve quem achasse a série interessante e houve quem ficasse confuso e dissesse coisas do género 'lá estão os cineastas portugueses outra vez a falar consigo mesmos'.

Bom, o que deu para concluir até agora foi que a narrativa é, ou melhor dito, continua a ser, o grande problema do cinema português. Felizmente já estamos a fazer alguma coisa contra isso, estão a decorrer seminários aqui na RTP para formação de argumentistas, por exemplo. A escrita é vital, «stories come first». Mas bolas, a narrativa também é o principal problema de muita da literatura portuguesa. Simplesmente, não há tradição romanesca no nosso país; logo, não se pode exigir que esta gente resolva a questão de uma penada.

«DL» - As excepções confirmam a regra, a começar pelo Camilo. Mas esse «dilema» narrativo não terá mais a ver com o mau fazer televisão que temos neste país?

F. L. - Bem, é preciso que os autores compreendam para que mãe trabalham e tendo isso em conta achar um equilíbrio entre não deixar de ser criativo e não deixar de comunicar. Estamos a tentar mudar a corrente, impor personagens, actores e estilos narrativos. No plano técnico já não existem tantos problemas, vamos bem. Julgo mesmo que para a Hauser, o Leitão, o Gonçalves e a Margarida Gil a experiência teve consequências muito positivas. As salas de cinema tendem a dar aos filmes um estatuto de obra de arte que na televisão eles não têm, o que até foi ótimo para, obrigou estes realizadores a reverem o seu próprio estilo.

«DL» - Qual a razão de a segunda parte dos «Fados» só passar em Outubro?

F. L. - Como quatro dos

cinco filmes que faltam são produzidos pela RTP, foi preciso agendar assim: atrasaram-se, é uma máquina muito pesada, esta. Da casa teremos obras do Luís Filipe Costa, do Jaime Campos, do Alfredo Tropa e do Oliveira e Costa, este com uma formação exclusiva no vídeo, sem experiência cinematográfica. De fora vem o José Nascimento. Julgo fundamental esta relação do cinema com o vídeo, creio mesmo que no futuro não vai ser possível separar cinema e vídeo, mas até lá são muitos os problemas. Não se usa uma câmara de cinema da mesma maneira que no vídeo, há uma noção diferente na 'découpage' e na montagem, já para não falar na própria direcção de actores. É por isso que eu me pergunto até que ponto não estarei a destruir o Gonçalves e o Leitão com a mecânica narrativa televisiva. Disso não há dúvida: a televisão é uma 'máquina zero' em termos narrativos - estandardiza, e a estandardização pode matar a criatividade.

«DL» - Você está um tanto pessimista...

F. L. - Não, não. Se os realizadores dos «Fados» fizeram o seu melhor filme depois disto eu vou achar que é uma conquista do caracas. É evidente que não se pode fazer nada disto a que me proponho sem dinheiro, mas a Secretaria de Estado da Cultura está a dá-lo. Não é mau. Impor esta ideia na RTP também não foi fácil, porque passámos por cima de todas as regras de produção e funcionamento da casa, mas tenho conseguido e os «Corações Periféricos» já beneficiarão de outras condições muito melhores. Aliás, com o mercado único europeu seremos obrigados a uma produção própria e competitiva, sob o risco de sermos invadidos pelas produções televisivas dos outros países comunitários. Preparemo-nos então: é necessário criar entre nós o hábito de contar histórias e instalar preocupações culturais e estéticas. A RTP terá inevitavelmente de rever os seus critérios e ser menos utilitarista.

«DL» - Crê em consequência que o saldo da sua presença na Televisão é positivo?

F. L. - Sim, mas lixa-me a minha carreira de cineasta, só consigo funcionar nos domingos e feriados. Acho que ainda tenho muito a fazer no cinema, mas não disponho de tempo suficiente para isso. Gostava por exemplo de fazer um «Fado» ou um «Coração Periférico» mas não posso estar nos dois lados nem isso seria correcto, apesar de eu saber que a RTP e a Secretaria de Estado me apoiariam se o quisesse. Resta-me a ligação afectiva que mantenho com estes filmes. Alguém tinha de se ocupar com as facturas, os contratos, as verbas: e porque não eu?

MÚSICOS: CONTRA A TROPA PINTAR, PINTAR

Foto de Francisco Paraíso



Parte do mural pintado nas paredes do Instituto Superior Técnico pelo Movimento Plataforma para Quebrar o Silêncio sobre o Serviço Militar Obrigatório. Recorde-se que este Movimento nasceu da iniciativa de elementos de cerca de quarenta grupos de música moderna portuguesa e de músicos individuais, como o pianista Pedro Burmester, neste momento nos Estados Unidos da América disputando um prémio de interpretação. A par de concertos e edição de duas cassettes, com música dos grupos aderentes, o Movimento Plataforma dá largas à sua imaginação e criatividade com outro tipo de manifestações. Agora foi a vez deste mural

O Quarteto Borodine na Gulbenkian

CRÍTICA DE MÚSICA

Actuações inesquecíveis

Nuno Barreiros

Já nos têm visitado, e com certa frequência, Quartetos de cordas de grande categoria, sem exclusão de alguns que pertencem ao número dos agrupamentos top e mais exemplares que a prática novecentista da música de câmara fixou para a história.

O Quarteto Borodine, que agora esteve no Auditório Gulbenkian, é, sem dúvida, um dos mais portentosos dessa linhagem. Beleza de sonoridade, precisão rítmica, plasticidade dinâmica e de fraseado constituem predicados que se tornaram salientes na actuação deste conjunto verdadeiramente superlativo. Mas é de justiça sublinhar, com particular realce, um sentido agudíssimo da «densidade» sonora e da sua variabilidade, o que valorizou sobremaneira um jogo muito subtil de volumes e nuances tímbricas. Tudo, porém, articulando-se em concepções interpretativas coerentes, que até podem contrariar, num ou noutro aspecto, tradições ou padrões estilísticos consagrados.

Tantas vezes temos escutado, ao vivo ou em disco, interpretações admiráveis dessas obras-primas do repertório do género que são os Quartetos de Debussy e de Ravel! Pois ainda podemos encontrar, nesta ou naquela passagem, novas perspectivas ou soluções surpreendentes e sugestivas de andamento, de finura, de cambiantes... O «Andantino doucement expressif» de Debussy chegou até nós num tom ensimesmado e sonhador, talvez um tanto diferente de uma linha mais latina e francesa a que nos habituámos, mas não menos

impressivo. As claridades revelianas do trecho final «Vif et agité» adquiriram uma pujança esplendorosa de grande veemência.

No entanto, a versão porventura mais criativa e quase inovadora - pelo relevo e a elasticidade de contrastes de que se revestiu e em que a «coloração» surgiu encarada como factor essencial de estrutura - tivemos-na nas páginas já clássicas da música do século XX que são as Cinco Peças para quarteto op. 5 de Anton Webern.



Foi, por certo, uma das mais admiráveis e estimulantes execuções que a obra terá tido. Inesquecível!

O «Quarteto Borodine» conta uma longa existência como entidade perfeitamente individualizada, através de um historial prestigioso de milhares de concertos e cerca de três centenas de obras apresentadas abrangendo os mestres universais do género e uma enorme diversidade de autores e correntes, sem falta-rem, evidentemente, os compositores russos e soviéticos mais representativos.

Criado em 1946, tem, portanto, 43 anos de actividade, a bem dizer, ininterrupta. Dois dos seus fundadores - o violoncelista Valentim Berlinsky e o violonista Dimitri Shebalin - ainda hoje integram o agrupamento e

pudemos apreciá-los nesta visita lisboeta. Os outros dois - os violinistas Mikhail Kopelman e André Abramenkov - são também instrumentistas de excepcional gabarito, laureados em concursos internacionais. A coesão que estes quatro músicos mantêm entre si e o amadurecimento que as suas execuções/interpretações revelam são, de há muito, proverbiais. No seu extenso catálogo de gravações figuram diversas integrais, entre elas as dos Quartetos de Beethoven e de Chostakovitch.

Este compositor soviético é, juntamente com Bela Bartók, um dos expoentes do género, entre os mestres do século XX. Dos seus quinze Quartetos de cordas, o Quarteto Borodine fez ouvir os n.ºs 2 e 3, no segundo programa. Lírisimo, humor, expressão dramática ou ensimesmada, dinamismo contagiante ou explosões de um populismo mais ou menos folclorizante - tudo isso que percorre o mundo tão pessoal, e genial, de Chostakovitch - encontrou, com o Quarteto Borodine, uma tradução verdadeiramente paradigmática.

Claro que o estupendo agrupamento foi acolhido com entusiasmo pelo público que esteve no Auditório da Avenida de Berna. Mas a música de câmara está ainda longe de ter, entre os nossos musicófilos, o número de apreciadores que seria desejável. Esperemos que eles vão aumentando. De qualquer modo, os que não acorreram à sala da Gulbenkian é que ficaram a perder. E muito!

De 6 a 9 de Junho

ONZE ESCRITORES PORTUGUESES EM MADRID

Depois da França, a Espanha. É a literatura portuguesa e, um pouco como há meses aconteceu em Paris (e outras cidades francesas), vai acontecer em Madrid agora, já em Junho, do dia 6 ao dia 9. São as Jornadas de Literatura Portuguesa, é uma delegação de onze escritores lusos que a Madrid se desloca, é ainda um mini (muito mini) ciclo de filmes portugueses a ilustrar as relações entre as duas escritas: a cinematográfica e a literária.

A notícia, se não foi revelada ontem (já se sabia), foi pelo me-

nos ontem confirmada, num encontro ao fim da tarde, no Martinho da Arcada. Aí se disse que a ida a Madrid desta delegação cultural portuguesa se fica a dever a um convite do Centro das Letras Espanholas, de acordo com o previsto no programa de cooperação científica e cultural subscrito pelos dois países. Aí se disse também quais os escritores («de distintas gerações e tendências») que representam Portugal nestas jornadas e quais os filmes que ilustram a mostra.

Os escritores são os seguintes:

David Mourão-Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Eugénio de Andrade, Fernando Assis Pacheco, Francisco José Viegas, José Bento, José Cardoso Pires, José Saramago, Lídia Jorge, Luísa Costa Gomes e Manuel de Seabra.

Os filmes são seis: «Manhã Submersa», de Lauro António; «Conversa Acabada», de João Botelho; «Sem Sombra de Pecado» e «Balada da Praia dos Cães», ambos de Fonseca e Costa; e «Francisca» e «Os Cani-

bais», de Manoel de Oliveira.

Estas jornadas de literatura portuguesa são um pretexto para um encontro luso-espanhol de escritores e críticos literários. Daí que, se a representação portuguesa conta com onze presenças, a de Espanha conta com vinte, a saber: Blanca Andreu, Francisco Brines, J.M. Caballero Bonald, Ángel Crespo, Laura Freixas, Pere Hierro, Amália Inglés, Ángel Lertxundi, Basilio Losada, Júlio Llamazares, Marina Mayoral, César António Molina, António Muñoz Moli-

na, Eduardo Naval, Robert Saladrigas, Luís Sunén, Alex Susanna, Gonzalo Torrente Ballester e Eduardo Zúñiga.

Do programa constam um recital e três debates, respectivamente, sobre «A literatura portuguesa actual», «Literaturas ibéricas: presente e futuro» e «A literatura portuguesa em Espanha, tradução e edição», este último moderado por Eduardo Prado Coelho.

Esta iniciativa, que da parte portuguesa conta com o apoio

do IPL e do IPC, bem como, é óbvio, da SEC, insere-se num programa anual de intercâmbio cultural luso-espanhol. Do que já se fez já se sabe, do que há ainda a fazer, refira-se que em Julho e Agosto, em Madrid, haverá um encontro sobre cultura portuguesa com a participação, entre outros, de Mário Soares e Siza Vieira. Para o ano, em Abril, haverá na Fundação Juan March, uma exposição de Vieira da Silva, logo seguida de outra sobre as tendências da arquitectura portuguesa.

Intercidades



Faro
Lagos



Lisboa

ir e voltar no mesmo dia

Faro → Lisboa

07:25 → 11:50*

**14:02 → 18:30

20:00 → 00:00*

Lisboa → Faro

07:25 → 11:48*

14:10 → 18:31**

18:00 → 22:28*

*Tarifa bónus:

1.ª Classe 1.650\$00

2.ª Classe 1.000\$00

* Ligações directas de e para Lagos. Partida às 13:30;

** Chegada às 19:14.

Todos os comboios foram reequipados com uma nova decoração, de forma a proporcionar-lhe o máximo conforto, dispondo de serviço de bar e mini-bar.

Escolha o horário que mais lhe convém e reserve já o seu lugar a preços reduzidos.

O Serviço Intercidades deseja-lhe boa viagem.

Informe-se na sua Agência de Viagens ou nas principais estações da CP.

Em vigor a partir de 28 de Maio.



Caminhos de Ferro
Portugueses

SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LIC. OLÍVIA PINTO CAPELO RAMOS

CERTIFICADO para efeitos de publicação que, por escritura de 14 de Dezembro do corrente ano, lavrada de folhas 32 a folhas 35, do livro n.º 224-A, de «Escrituras Diversas», deste Cartório, os sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas «TINER — CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, LIMITADA», com sede na Calçada Conde de Tomar, lote dois, segundo andar, direito, em Cruz Quebrada, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras, sob o n.º 4882, do livro C-13, cujo capital social é de 1 000 000\$00, Manuel de Oliveira Varela e Orfina Marques Maria transferiram a sede social para a Praceta João de Deus, número dois, quarto andar direito em Carnaxide, concelho de Oeiras, e alteraram parcialmente o respectivo pacto social, substituindo os seus artigos primeiro, segundo, terceiro e quarto pela forma seguinte.

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a firma «TINER — CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, LIMITADA», passa a ter a sua sede na Praceta João de Deus, número dois, quarto andar direito, em Carnaxide, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Por simples deliberação da Assembleia Geral, a sociedade poderá deslocar a sua sede para qualquer localidade do país.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto da Sociedade consiste no exercício da indústria de construção e obras públicas, compra e venda de terrenos, habitações e imóveis.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social inteiramente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo constantes da escrita é de um milhão de escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma de noventa mil escudos do sócio Manuel de Oliveira Varela; e uma de cem mil escudos da sócia Orfina Marques Varela.

ARTIGO QUARTO

A gerência da sociedade dispensada de aprovação e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo do não sócio António Marques Varela, casado, natural da freguesia de Chouto, concelho de Chamusca, residente na Rua Frazão de Vasconcelos, número dezasseis em Almeirim, bastando a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — Fica expressamente proibido ao gerente obrigar a sociedade em fianças, subfianças, letras de favor, ou quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos a que se refere o artigo duzentos e cinquenta e dois do Código das Sociedades.

VAI CONFORME

Lisboa, Dezasseis de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante

Emília Rocha Martins

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA

DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação.

Execução Ordinária, n.º 5168, 2.ª Secção. Exequentes — Yugoport — Companhia Luso Yugoslava de Comércio, Lda., Executado — José Hermenegildo Sampaio Abrantes, residente em Rua C Lote 1-7.º A, Rebelva 2775 CARCAVELOS.

Lisboa, 6 de Abril de 1989

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«DL» 30/5/89 — 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio.

Execução de sentença n.º 624/C, 2.ª secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império, E.P. Executado — Agostinho Pinto, residente em Cabo Podão — Estreito da Câmara de Lobos — Câmara de Lobos — Funchal.

Lisboa, 9 de Maio, de 1989

O Juiz de Direito,
Alfredo Carlos
André dos Santos
Pel'O Escrivão de Direito,
Maria Filomena
Duarte da Costa Vicente

«DL» 30/5/89 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º Juízo Cível de Lisboa ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 5301-B, 3.ª secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império, E.P. Executado — Joaquim Milheiro Geraldes, residente na Quinta de S. João, lote 34, 3.º-A, Paivas — Amora — Seixal.

Lisboa, 22 de Maio de 1989.

O Juiz de Direito,
a) Joaquim Gameiro
O Escrivão de Direito,
a) Maria Clementina Costa

DL 30/5/89 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução que a Companhia de Seguros Império, E.P. move contra o executado JOÃO QUIRINO AVELINO BATISTA, residente em Ribafria — Comarca de Alenquer (Execução de Sentença n.º 8766-B da 3.ª Secção) correm editos de vinte dias, contados a partir da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 22 de Maio de 1989

O Juiz de Direito,
Dr. Eduardo Nunes
da Silva Batista
O Escrivão de Direito, Adjº
Adalberto Gonçalves
da Silva Monteiro

«DL» 30/5/89 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da

Execução ordinária n.º 10 116, 1.ª secção. Exequentes — Aníbal Moraes Gonçalves. Executado — Fernando João Mendes Belo, residente na Rua Gonçalves, 47, r/c, Lisboa.

Lisboa, 17 de Maio de 1989

O Juiz de Direito
a) Carlos Alberto Andrade
Bettencourt de Faria

Pel' O Escrivão de Direito
a) Gabriel de Andrade Amaro

«DL» 30/5/89 — 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução que COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO move contra MANUEL CARVALHO SILVA e MULHER CAROLINA ROSA ALMEIDA, residentes em Cachadinha, Esporões — Braga, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 23 de Maio de 1989

O Juiz de Direito,
José Eduardo Lopes
O Escrivão de Direito, Adjunto,
Vasco António do Rosário

«DL» 30/5/89 — 1.ª Pub

sempre
USE O CINTO



AMOS
& VIVOS

«AS CRIADAS»: A TENTACÃO MASCULINA

CRÍTICA
DE TEATRO

Carlos Porto

AS CRIADAS, de Jean Genet. Tradução: Luísa Neto Jorge. Encenação: Júlio Cardoso. Cenografia: Arlindo Rocha. Figurinos: Cristina Costa. Luzes: Edvaldo Rodrigues. Assistente de encenação: Glória Férias. Interpretação: Rui Oliveira, José Moreira e Alberto Quaresma. Seiva Trupe. Estreia: 26-04-1989 (13-05-1989).

A mais conhecida das peças de Genet, «As Criadas», tem já em Portugal, com outros textos do autor, mesmo os que não foram encenados, uma história que merece ser contada. Esqueçamos o que nessa história é a sua parte sombria (antes do 25 de Abril a sombra da censura fascista, depois do 25 de Abril a sombra do esquecimento ou desinteresse que explicam o facto de alguns textos se manterem inéditos), para lembrarmos o percurso da peça que justifica esta nota.

A revelação de «As Criadas» beneficiou de um período de tolerância, como eles diriam, pré-25 de Abril e transformou-se num acontecimento artístico de projecção europeia. Produzido pelo TEC o espectáculo foi dirigido por Vítor Garcia que era então um dos grandes criadores do teatro ocidental; contava, além disso, com a participação de três actrizes como Eunice Muñoz, Glorinha Quartim e Lurdes Norberto. Um trabalho genial («DL»/7-11-72, 12-11-72, 28-6-73, 22-4-86); só em 84 a peça de Genet voltou a Portugal num espectáculo francês apresentado pelo Grupo 33 da Unidade de Bordéus, incluído na IV SITU

(«DL»/19-5-84); em 1986, três actrizes que saíram da Escola Superior de Teatro e Cinema apresentam no Instituto Franco-Português a tradução de Luísa Neto Jorge («DL»/19-8-86); em 1987, os amadores do grupo CI-TEC, de Montemor-o-Velho, deixaram-se tentar pelo texto de Genet («DL»/7-9-87); finalmente, a Seiva Trupe, com um projecto que vinha de trás, estreou a encenação de Júlio Cardoso na interpretação de três actores. Simultaneamente, um grupo semi-profissional também do Porto, a Caixa de Pandora, preparou um espectáculo que na véspera da estreia não pôde apresentar por confusas razões de direitos autorais.

A ideia de fazer «As Criadas» em «travesti» ou, mais correctamente, com interpretação de actores e não de actrizes, não é uma ideia nova e é justificada pelo próprio Genet em texto citado por Júlio Cardoso e incluído no programa do espectáculo. Para não irmos mais longe, o espectáculo do Grupo 33, visto na SITU, era interpretado, e bem, por homens.

Não foi, pois, a originalidade que a Seiva Trupe procurou nesta tentativa de uma leitura outra do texto de Genet, nem tinha



que ser. Foi sobretudo, imagine, a tentação de procurar o outro lado do texto, que é o da sua ambiguidade radical. Porque a peça é também isso: um discurso sobre o ambíguo humano, sobre a ambiguidade da relação transexual que atravessa o ser humano.

Essa ou outra tentação, essa ou outra explicação (já foi avançada a de que a Seiva Trupe não dispõe de intérpretes femininos para a peça), o problema subsiste, não das motivações do espectáculo mas da sua justificação. Porque só interessa produzir um texto como este, seja ele interpretado por homens ou por

mulheres, se existirem condições que possibilitem a sua criação. Condições que manifestamente, de momento, o grupo não possui. Há no teatro mundial milhares de peças com poucas personagens que um grupo vítima da política economicista da SEC poderia escolher. No teatro português uma obra-prima como «Dor Suprema», de Marcelino Mesquita, com uma temática bem actual, continua desconhecida das plateias das últimas décadas. Por isso se levanta o problema da opção por um texto que não se compadece com debilidades como as que este espectáculo revela, agrava-das ainda por cima por erros de

ostentação cénica absolutamente desnecessários. Um palco nu com um colchão no chão teria resolvido muito melhor o problema cenográfico do que o cenário «kitsch» (ainda que propostado) que Arlindo Rocha propôs. Pelos vistos, não lhe foi explicado que o facto de o texto falar em flores não obriga a meter tantas flores artificiais no palco que ao fim de alguns dias têm um aspecto fanado e poeirento que joga com as superfícies espelhadas do «boudoir» da Senhora e com o dispositivo circular, como a cama, que até roda como na feira popular.

Se o dispositivo cénico é tão mau, mesmo que seja visto co-

mo caricatura do meio social da Senhora, a composição das personagens vai no mesmo sentido (é o caso da cadela de luxo que a Senhora traz pela trela).

Tudo isto não teria grande importância se a Seiva Trupe dispusesse de grandes actores capazes de transformar o espectáculo naquela cerimónia esplêndida que o texto permitia, seja ele visto pelo lado do barroco ou pelo lado do lírico despojado.

Não é o caso, embora a única surpresa do espectáculo surja por esse lado: a interpretação de dois jovens como intérpretes das criadas, mas muito especialmente de José Moreira, num trabalho que indica um progresso por parte deste actor formado no TEP. Rui Oliveira acompanha-o com uma muito menor capacidade de expressão. Quem travestiza a sua personagem é o intérprete da Senhora, Alberto Quaresma, um trabalho infeliz por parte de um actor que tem revelado capacidades aqui ausentes.

Talvez «As Criadas» seja um espectáculo de transição de um grupo que tem uma história no teatro português que não se pode apagar. A Seiva Trupe deve reflectir sobre o seu projecto teatral. Mas essa reflexão, como é óbvio, passa prioritariamente pela revisão do apoio da SEC ao grupo como, de resto, a todos os grupos portugueses.

Aliás, não sei o que a SEC espera para transformar a sua política em relação a esses grupos, actualmente vítimas de uma discriminação inadmissível.

Um outro Fialho

Carlos Porto

UM DEMÓNIO NA VITRINA, baseado em contos de Fialho de Almeida. Dramaturgia: Manuel João Gomes. Encenação: Silvina Pereira. Figurinos: Mariana Sá Nogueira. Música: Rui Luís Pereira/Alexandre Manaia. Interpretação: Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, Pedro de Freitas Branco e Silvina Pereira. Grupo Maizum. Estreia: 17-05-89 (20-05-89).

Há no teatro português grupos que trabalham em condições tão difíceis que não se sabe como conseguem aguentar-se. É o caso do Maizum agora com um novo espectáculo, como os anteriores, sem subsídio da SEC. Trata-se de um outro trabalho sobre textos de Fialho, depois de «Lisboa Monumental» que obteve um certo êxito e passou recentemente na televisão.

Enquanto «Lisboa Monumental» trouxe até nós um Fialho truculento, revisteiro, caricatura de uma sociedade que ele abominava, um Fialho cómico, o novo espectáculo, «Um De-

mónio na Vitrina», traz-nos aparentemente um Fialho que joga entre o melancólico e o irónico e de que o registo mais extenso, é o amor, o amor burguês do seu tempo que se representa através do adultério que era (é) uma outra espécie de teatro. O Fialho crítico da sociedade não deixa, entretanto, de surgir neste novo arranjo dramático de Manuel João Gomes cuja contribuição foi decisiva para o levantamento do mundo de Fialho. Este texto parece situar-se sob o signo da sereia, isto é, da tentação, tal como surge na primeira cena, espécie de prefácio ao es-

pectáculo. Seguem-se-lhe algumas histórias de complexidade variada, entre a fome alentejana («Idílio Triste») e as fábulas lisboetas («Dois Primos», entre outras).

O conto «Dois Primos», precisamente, traz a província para Lisboa, história de uma jovem de Leiria que quer ser actriz na capital e assim se perde, ou se encontra, na companhia de um primo, antigo namorado, que malandrecamente explora essa vontade de perdição da prima inocente e sabida que encontra numa revista francesa da época, «Le Théâtre», as imagens dos seus sonhos de vedeta falhada.

Outro conto, muito saboroso, tem por título «Os cabelos de Alzira», um monólogo em que Carvalho, funcionário das Finanças, explica como a mulher o levou ao desfale, depois de o levar a uma situação de coruptividade. Isto tudo, ainda por cima, à custa de uma esplêndida cabeleira que ele acaba por descobrir que era postiça, talvez a maior das suas desilusões.

É também à volta do adultério, com características justamente vingativas (o marido engana a mulher que por isso o engana) que se passa a «Desforra de Baccarat», entre condess e outros senhores, enquanto «A Ver-ruga» é uma história inesperada e delicadamente lésbica, o que basta para sublinhar as características de audácia que por vezes os textos de Fialho assumem.

Com «O Roberto» voltamos ao cenário «vaudevillesco» do adultério, de que o autor tinha, pelos vistos, um notável conhecimento literário (fruto da época).

Manuel João Gomes, deu a estes textos a fluência que o teatro exige e que a prosa de Fialho, aliás, facilita, pela sua vocação dialógica. Embora nem sempre o texto escape a um bocejo que as suas personagens e situações, em parte repetitivas, inevitavelmente explicam.

Ao bom trabalho do dramaturgista corresponde uma ence-

nação sóbria, que obedeceu a critérios de rigor, de comunicabilidade, de criação de linhas cruzadas que enriquecem teatralmente os textos. É também um bom trabalho de Silvina Pereira, numa vertente muito diferente do trabalho anterior.

É, porém, dos intérpretes que este espectáculo principalmente vive. Se há ainda em Pedro de Freitas Branco, reflexos da incipiência de quem está a começar, que aliás não prejudica o conjunto, Silvina Pereira, Isabel Fernandes e Filipe Petronilho compõem eficazmente as suas personagens e utilizam uma expressividade depurada, o que deve ser sublinhado. Aliás, Filipe Petronilho confirma-se cada vez mais como um actor apto para voos mais exigentes que só outras condições de trabalho poderão permitir. Também Isabel Fernandes possui um aparelho vocal e uma presença corporal cada vez mais apurados, também eles à espera de outras possibilidades criativas.



Bons figurinos de Mariana Sá Nogueira e um cenário de Frederica Nascimento Ferreira talvez demasiado cheio. Trabalho musical adequado de Rui Luís Pereira e Alexandre Manaia.

Hollywood em 1939: há meio século o ano de todas as estrelas

OS CARTAZES DA NOSSA MEMÓRIA

NA Europa começava a guerra. Nos Estados Unidos terminava a mais miserável das décadas; e em Hollywood a censura atacava em todas as frentes. Mas os mercados de sonhos não respiravam o mesmo ar do comum dos mortais. Quiseram

e puderam fazer de 1939 o ano mais esplendoroso da história do cinema. E o mundo nunca mais voltou a ver nada assim: o sorriso misterioso de Garbo, os sonhos de infância de Judy Garland, o lançamento da lenda do «cow-boy» solitário, Laurence Olivier no mais melodramático dos papéis, Bette Da-

vis versus Humphrey Bogart e James Stewart por Frank Capra. Tudo isto a par do filme que se transformou no próprio símbolo de Hollywood: «E Tudo o Vento Levou».

Cinquenta anos depois, 1939 é unanimemente aclamada como a melhor data do cinema americano. E basta

comparar a produção desse ano com a do ano passado. Ou os candidatos ao Oscar. Em 1939, eles foram: «Gone With the Wind» («E Tudo o Vento Levou») de Victor Fleming; «Dark Victory» («Vitória Negra») de Edmund Goulding; «Goodbye Mister Chips» («Adeus Mr. Chips») de Sam Wood; «Mr. Smith Goes to Washington» («Peço a Palavra») de Frank Capra; «Ninotchka» de Ernst Lubitsch; «Of Mice and Men» («As Mãos e a Morte») de Lewis Milestone; «Stagecoach» («Cavalgada Heróica») de John Ford e «Wuthering Heights» («O Monte dos Vendavais») de William Wyler.

Mas sobretudo 1939 foi o ano das «stars»: Bogart, Clark Gable, Bette Davis, Garbo, Vivien Leigh, Judy Garland, Laurence Olivier, James Stewart, John Wayne, Olivia de Havilland, Melvyn Douglas, etc., etc. Num ano que é toda uma filmografia, Hollywood derramou o pó



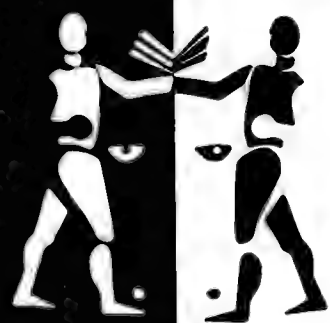
MTD



Teatro da Cornucópia

O PÚBLICO

de
Federico García Lorca



Tradução: José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra com a colaboração de Fernanda Abreu; Encenação: Luís Miguel Cintra; Cenário e figurinos: Cristina Reis, Música: Paulo Brandão; Assistência coreográfica: Paula Massano; Assistência vocal: Maria João Serrão; Montagem: Fernando Correia; Adereços: João Calvário, Guarda-roupa: Emília Lima; Interpretação: Adriano Luz, António Fonseca, Fernando Heitor, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Manuel Cintra, Pedro Pinto Nogueira, Rogério Vieira e Teresa Madruga.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, (à Rua da Escola Politécnica) - 1200 LISBOA
Telefs.: 66 15 15 / 66 92 05

de 3.ª a sábado, às 21.30 h. • domingo às 16 h.

Excepcionalmente hoje
não se realiza espectáculo



Encenação — José Carretas
Cenografia — João Brites
Música — Luís P. Faro
Interpretação — Cândido Ferreira

ÚNICOS ESPECTÁCULOS

1 - 2 - 3 às 21.30h
Quinta - sexta - sábado
Dia 4 — Domingo às 17 horas

Praça de Espanha. Marcações pelo telefone 7260817



renascença gráfica, s.a.

DIÁRIO
Hoje!

Diário de Lisboa

LABORAL

Semanário

motor

RUA LUZ SORIANO, 44 Telef. 3474870/8

END. TELEG. DIBOA-TELEX. 12363 1200 LISBOA - PORTUGAL



MANUEL MENGÓ: UM SUJEITO

Lourdes Faria

Fotos de Bruno Neves

A história de Manuel Mengó merece a pena ser contada, até porque constitui o exemplo de uma vida aventureira. Hoje, mora sozinho, no Porto, num andar incarácterístico de onde raramente sai. Uma doença qualquer na coluna vertebral, tolhe-lhe os movimentos, andando com muita dificuldade. O que não o impede de se dedicar a diversas actividades. Escreve, pinta, faz tapeçaria e roupa para os amigos, quando calha. A nível mental está óptimo, a paralisia é apenas de ordem motora.

Após ter medido os prós e os contra, decidiu concorrer a todos os prémios literários que se instituem nesta terra. Com êxito, pois já foi contemplado com dois: o «Revelação», da Associação Portuguesa de Escritores, e o de «ficção» Agustina Bessa-Luís. A um dos textos distinguidos, «O que restou da sereia» prefere classificá-lo de narrativa, para não utilizar a palavra romance que afirma detestar. Quanto ao outro «Fala da mulher adúltera» chama-lhe fragmentos. Pós-moderno? «Sou sempre moderno, ainda que não o queira» — diz, rindo. Mas a verdade é que acha humilhante entrar em concursos, fá-lo na mira de conseguir um editor. «Uma coisa é esperar o veredicto do público e outra é sujeitarmo-nos à apreciação dos nossos pares.»

Seguimos-lhe o percurso, remontando à década de quarenta. Ao tempo em que frequentava as tertúlias de

Lisboa e Porto. Em 1945, descobriu os surrealistas e o seu chefe de fila, o desconcertante Mário Cesariny. Durante os anos de 47 e 48 marcava o ponto, diariamente, no café Rialto, à mesa dos intelectuais do grupo Germinal, ao qual pertencia, entre outros, o poeta Egito Gonçalves. O pessoal que viria, entretanto, a fundar o Teatro Experimental do Porto. Manuel Mengó descreve a atmosfera dessa altura, pintando-a com as cores mais sombrias: «Sou de uma geração neurótica. Havia um tipo que raspava a cal da parede e depois comia-a, enquanto outro desatava aos gritos, no meio da rua. Era um clima de tensão, sentia-se o peso da ditadura e da própria cidade.»

Refere-se, ainda, ao ambiente fechado e preconceituoso em que os «diferentes», fora do padrão estabelecido, andavam nas bocas do mundo. Portanto, reinava um espírito de into-

lerância e de crítica. Manuel Mengó, todavia, não se coibia de proceder como muito bem entendia, apesar do escândalo que o seu comportamento poderia, eventualmente, provocar. «Sempre defendi o direito à liberdade, buscando acima de tudo, o prazer.» Com 14 anos, fedelho imberbe, meteu-se no comboio para Paris, onde residia uma tia que tinha um atelier de costura. Dois anos volvidos desempenhava o cargo de contramestre, tendo sob as suas ordens 36 costureiras. Em 1949, modelista da casa Jacques Fofh, ganha o prémio da Chambre Syndicale de Haute Couture. «Iniciei a carreira em França, porque ser-se costureiro aqui, era um escândalo. Agora tornou-se moda, farto-me de rir com os estilistas que há por aí.»

Modelista

Mas modelista... lida com os moldes? «Há o modelista que imprime formas, de acordo com os moldes, na mesa de corte, e o modelista criador, o que eu era, intitulado estilista, nos dias de hoje.»

No Paris do pós-guerra, Manuel Mengó conheceu na «Chez Fath», uma clientela internacional, nomes sonantes, tais como Rita Hayworth, a duquesa de Windsor, a begum, etc.

«Recordo-me de Margaret Rose nos comprar quatro casacos de 'vison' da célebre colecção Emba. Despachámo-los para Londres, só que o pai enviou tudo de volta. Foi quando surgiu o 'vison' safira e o «champagne», até aí existia somente o sauvage, de um tom castanho escuro, e uma variante de cor cinza-escuro. Cada casaco da nova gama de «vison» custava o preço de um apartamento. A fascinante Rita Hayworth comprou uma estola branca... Era alta, flexível, ruiva, mas sem ser 'eclatant', os seus cabelos tinham a cor do cobre envelhecido.»

Sobre esse «grand monde», Manuel Mengó relata algumas histórias, evitando, no entanto, as «um bocadinho escabrosas». Ia ao café de Flore: o café de Picasso, Sartre, Pauvert, Simone Beauvoir e Juliette Greco. «Moda? Não me parece que, no momento, tenha um papel mais preponderante. Em Portugal talvez, mas ainda vão beber ao estrangeiro. Necessitam de ganhar um estilo, com excepção de Ana Salazar julgo que os novos limitam-se a copiar. Mas o facto de se atreverem já é bastante positivo. Eu? Vestia-me, por vezes, dentro do clássico e, noutras ocasiões, punha camisas e casacos mais ousados.

No nosso país, os homens cingiam-se aos trajes escuros. Fiz uma viagem

de comboio, trinta e seis horas num vagão-cama, desde Veneza até ao Porto. Cheguei à estação de S. Bento estorradíssimo. Estávamos no Inverno e trazia uma sobretudo amarelo cor de gema de ovo. Tomei um táxi para casa e fui dormir. Cerca do meio a minha mãe acordou-me, para me chatear a cabeça por causa do sobretudo. Já sabia, uma amiga da Foz tinha-lhe telefonado a contar-lhe a novidade. Irritado, nessa mesma noite enfiei-me no comboio, com destino a Paris.»

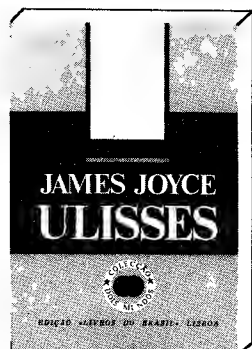
O panorama em Madrid também não era famoso. Manuel Mengó queixa-se do espanto com que os transeuntes o olhavam, na Rua dos Preciados, armazém para o qual preparou uma colecção. Isto nos anos cinquenta, sem falar da destróçada Espanha que atravessou logo a seguir ao fim da guerra civil. «Desolador! Eram freiras, padres, ruínas e guardas civis a controlarem os passageiros nos comboios.» Em 1955 vai para o Brasil, país que o reteve durante 16 anos. «Levava 2000 quilos de bagagem e odiei aquilo, embora o espírito brincalhão dos brasileiros me agradasse. Têm um humor incrível, o que é salutar. Contudo, o primitivismo do país, para mim, era intolerável.»

Desequilíbrio social

Com uma estrutura de esquerda, um

LIVROS DO BRASIL LANÇA A OBRA PRIMA DO SÉC. XX ULISSES

de James Joyce



«Nunca li nada que o supere e duvido que jamais se volte a escrever algo que o iguale.» Arnold Bennett

«Toda a obra de Joyce é um conjunto (...) e é essa viagem total, não qualquer momento dela, que lhe assegura um lugar único entre os maiores.» T. S. Eliot

João Palma-Ferreira trabalhou durante dois anos na tradução e notas da primeira versão para Portugal do maior clássico da literatura moderna.



LIVROS DO BRASIL, S.A.

R. dos Caetanos, 22 — 1200 Lisboa • R. de Ceuta, 80 — 4000 Porto

A opção pela qualidade!

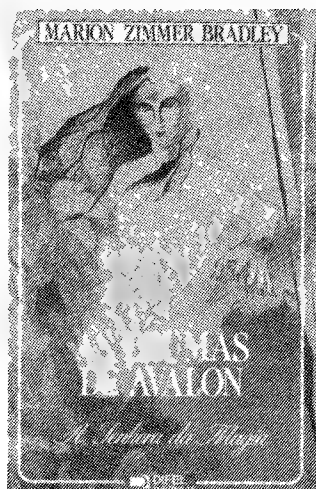
Hoje destacamos

Um argumento de Woody Allen

Escrevíamos há poucos dias nestas mesmas páginas que a publicação de argumentos cinematográficos, à imagem de toda a bibliografia sobre cinema disponível em Portugal, se mostra bastante lacunar. Embora sem obstar à insuficiência, a Bertrand lançou já há alguns meses o argumento de Annie Hall, aquele que terá sido porventura o maior sucesso da riquíssima carreira de Woody Allen. Para que hoje destaquemos este livro entre os muitos que estão à disposição das nossas bolsas no Parque Eduardo VII, convém referir as duas ou três razões de peso que presidiram à nossa escolha, de resto, tão arbitrária e discutível como qualquer que tenha em consideração as leituras pessoais de cada um de nós.

Convém antes de mais referir que Annie Hall é enquanto filme uma obra muito especial porque galar-dada com quatro óscares da Academia, entre os quais o título para o melhor argumento original. Mas não é tudo. Concluído e estreado em 77 ele marca o dealbar da conhecida fase introspectiva de Woody Allen, explorando um leque de personagens capazes de se relacionarem sem preconceitos de maior atra-

vés de uma ética igualitária entre ambos os sexos que se prolonga ao já legendário Manhattan ou ao mais recente A outra mulher. Enquanto livro, Annie Hall terá ao cinéfilo em particular a possibilidade de saber como se escreve o que depois se dirá diante das câmaras para o celulóide bem como um óbvio e justificável desejo de ver publicados os argumentos de outros filmes não menos significativos pa-



ra os fiéis do seu autor. Falamos de Comédia sexual numa noite de Verão, A Rosa Púrpura do Cairo e os Dias da Rádio. Quem sabe se para a próxima feira...?

M. J. M.

Livros do Dia

- Portugal Contemporâneo, 2 volumes, Guimarães Editores;
- Teoria Nova Antiguidade — Editorial Minerva;
- A Nobreza Medieval Portuguesa — José Mattoso, Editorial Estampa;
- Trilogia — A descoberta do amor, reconstruir o nosso mundo, os nossos alimentos — Edições Itau;
- Sermões do Padre António Vieira, Comunicação;

Sessões de autógrafos

Almeida Faria entre as 18 e as 21 horas no pavilhão da Editorial Caminho.

Actividades paralelas

Realiza-se pelas 21.30 um colóquio que tem como tema «O Livro Infantil», reunindo como intervenientes as escritoras Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, Maria Alberta Meneses e o ilustrador Henrique Cayatte.

BIZARRO

tanto anarquizante, **Manuel Mengo** não suportava o regime de Castelo Branco. A porcaria da ditadura militar, palavras suas, ainda o importunou. «Sim, a DOPS que era a sério, comparando com a nossa PIDE, engavetou-me e quem me tirou de lá foi a Letícia Lacerda (mulher do Carlos Lacerda), uma das minhas clientes mais fiéis. No Brasil, vivia desgostoso, sou europeu da ponta dos pés à raiz dos cabelos.

Melhor: sou português, identidade que descobri no Brasil. Depois, também não possuía estófo para ver as pessoas a morrer de fome, enquanto na mesma engrenagem deparamos com as fortunas mais absurdas. Há gente que tem dinheiro como se tem lixo... e os que não são uma coisa nem outra, mas com fama de ser ricos.»

Assim, em 1972, regressa definitivamente a Portugal, sem um tostão. Tão «liso» como partira. No Brasil subsistia da costura e das tapeçarias que colocava no mercado brasileiro e de Buenos Aires, ainda que num âmbito restrito. Na fase dos 16 aos 19 anos, entretinha-se a produzir tapeçarias, do tipo Gobelin, sobretudo assentos para cadeiras, a condizer com o mobiliário. Actividade que retomou, a conselho da mulher de um psiquiatra, numa fase difícil da vida, pois a tapeçaria é uma excelente tera-

pia ocupacional. Chegado ao Porto, arranhou um emprego na confecção. Estava numa fábrica que fechou, com a confusão provocada pelo 25 de Abril. «Claro que adorei a revolução: uma delícia, uma glória. Só lamento que não tenha acontecido mais cedo, mas o País é moroso.»

Solitário!

Está só. «Um homem nasce só e morre só», comenta Manuel Mengo que cortou com todos os elos familiares. «Ao contrário do que sucede com os amigos, a família não se escolhe. É o que nos calha na rifa. Longe de mim constituir família, tanto mais que sempre abominei as criancinhas e, em particular, os adultos que funcionam como se tivessem dez anos.» Filho único, a mãe divorciou-se antes dele nascer, reincidindo no casamento, três vezes. Mengo, do lado da mãe, senhora oriunda de uma burguesia alta, com raízes aristocráticas.

«Sou filho da mãe, o meu pai não me deu o nome... nada de complexo de Édipo, não pense. Em princípio sonhava em ser pianista, mas para quê? Para morrer de fome? Resolvi, então, empenhar-me no mundo da costura. Após a minha longa ausência, com a estada no Brasil, no retorno quase não reconhecia o meu País.

Os amigos de outrora tinham-se acomodado: pé s nas pantufas, a ler o jornal ou à frente da televisão. Viviam umas vidas miudinhas, sem graça, um choque de que me ressentia.»

No Porto, habita uma casa cheia de recordações, com destaque para os desenhos e pinturas que cobrem as paredes da sala. Há trabalhos de Mário Cesariny, de Mário Henrique Leiria, de Relógio, de Júlio, o irmão de José Pereira, e de Apolinário dos Reis Pereira. Uma vez por outra faz uns cozinhados e cuida, quando as dores não o incomodam, do jardim implantado no terraço. Um relógio estilo Império, genuíno, onde sobressaem dois nus femininos, bate as horas sonoramente e com precisão. «Veio aos tombos pela família abaixo...» — acrescenta. Apesar de sair cada vez menos, declara-se muito urbano. A trepidação da cidade inspira-o. Em regra, levanta-se às 10 horas da manhã, toma o café e prepara as suas refeições, almoço e jantar, por junto. «Não como, eu debico», sublinha. Realmente é um sujeito magríssimo, com cabelo comprido, apanhado num rabo-de-cavalo.

Figura bizarra, o perfil de Manuel Mengo (**Claude** — em Paris) resume-se no que um amigo escreveu: modas, tapeçarias, heróis gregos, trilogia da crueldade, sangue azul, bom gosto e um humor cáustico.



Destestei o Brasil...

O imaginário popular representado na Feira do Livro

REI, RAINHA, MACACA, POMBINHA

Os contos de fadas, príncipes encantados e outros entes do género nem sempre foram, como hoje, entretenimento de crianças em idade pré-escolar. Tempos houve, é certo que há muito perdidos na voragem dos séculos e na memória dos homens, em que histórias tidas por inocentes como «A Bela Adormecida do Bosque» e «O Capuchinho Vermelho» simbolizaram esforços éticos essenciais de que a luta entre o príncipe Filipe e o dragão que vigia o castelo enfeitado é um exemplo ilustrativo da importância que em presente recuados se atribuiu a que diziam ser o onnipotente combatido entre as gloriosas forças do bem e as satânicas hostes ao serviço do Príncipe das Trevas. Na actualidade e como demonstram edições bem recentes expostas na 59.ª Feira do Livro regressa-se um tanto a este universo de fábulas a pensar num público adulto mas ainda assim felizmente ávido de romanesco.

O caso mais flagrante e porventura o mais notável entre tais edições é o dos quatro volumes de *As Brumas de Avalon*, obra monumental de Marion Zimmer

Bradley editada pela Difel que de acordo com o que nos foi dito se está a vender consideravelmente. A história ou antes as várias histórias, os diversos desti-

nos que percorrem os quatro livros mergulham raízes nas lendas e narrativas do ciclo arturiano e da voluntariosa pesquisa do Santo Graal que, como é do domínio comum, nasceram das imaginações medievais para se prolongarem envoltas numa auréola de fascínio e sedução até que a humanidade se repense e redimensione, mais do que o tempo e o espaço, o próprio modo de os projectar.

Marion Zimmer Bradley transpõe, no entanto, esta milenar tradição de reduzir a história humana a uma dicotomia mais ou menos profunda entre esse bem, esse mal, concedendo a todas as suas personagens a capacidade crítica que prolonga e se angustia face ao prolongar da dúvida nascida do espanto ante o mundo e o relacionamento com os outros. As figuras femininas são neste âmbito particular deveras

representativas com assinalável destaque para Morgaine, escolhida ainda menina e moça para sacerdotisa da Deusa de Avalon, frágil no sentir de uma vocação exigente e de uma intensa paixão por Sir Lancelot cujas possibilidades de realização lhe são sistematicamente negadas. Se tão românticos episódios permitem que *As Brumas de Avalon* se aproximem de todo um conjunto de tradições que constituíam o rico espólio do imaginário popular, facilmente se explicaria o actual sucesso da obra sem as subtilidades do pensamento mais ou menos atraente que a autora concede às suas personagens.

Igualmente representados na Feira do Livro estão as diferentes manifestações do imaginário popular português não só através de monografias etnográficas como *O Povo Português de Te-*

ófilo Braga, oportunamente reeditado pelas Publicações D. Quixote, mas também pelo recurso a compilações de lengalengas e ladinhas, histórias que se contam ao acaso num serão do campo e bisbilhotices segredadas de mistura com dois dedos de fábula e imaginário. Entre tão extensa bibliografia publicada a tal propósito aproveitamos o ensejo para destacar uma bela obra de José Gabriel Pereira Bastos e ilustrada com extratextos de Fernanda Birrento intitulada *A Mulher, o Leite e a Cobra* onde se compilaram «testemunhos» de diferentes proveniências geográficas relativos às cobras que aproveitariam uma amamentação regular para se alimentarem, sempre à custa do bebé que definhava a olhos vistos sem que os pais compreendessem as causas. A par deste interessante estudo proliferam, no entanto, as colec-

ções que, geralmente, reúnem com pouco rigor episódios históricos que calaram fundo na memória da nação à mistura com casos de ocorrência duvidosa que procuram justificar de uma forma honrosa e prestigian-te as origens das localidades.

De salientar que também o pavilhão do Instituto Cultural de Macau não escapou ao sortilégio das lendas no imaginário colectivo ao editar uma pequena mas deslumbrante colecção de lendas de Macau escritas em português pela jornalista e escritora Alice Vieira que evidenciam o predomínio da cultura oriental sobre a influência portuguesa neste território, estando, por outro lado, devidamente acompanhadas por um tratamento gráfico a todos os títulos notável como, aliás, é frequente neste tipo de obras em que se apela ao sonho e à livre condição da fantasia.

Nem só de livros vive a Feira

Imagens que o tempo poupou

Ao longo de anos a Feira do Livro foi o local onde só se vendiam livros e tremoços. Se estes cresceram e se multiplicaram, o facto é que aqui e além começam a surgir outros pequenos objectos que, por enquanto, não retiram ao certame o seu grande objectivo de divulgar a maioria das edições publicadas em Portugal. Entre tais objectos contam-se os postais ilustrados, quase sempre objecto de colec-

ções maiores ou mais pequenas consoante o entusiasmo e as possibilidades económicas do proprietário, mas ainda hoje, apesar do progresso das tecnologias de ponta nas comunicações, muito apreciados enquanto testemunho de estima e amizade.

Na Feira do Livro os postais são vendidos em colecções temáticas ou isoladamente, conforme os «stands». No Pavilhão do Instituto Cultural de Macau

são vendidos grupos de postais subordinados a temáticas tão diversas como «Camões», «Macau antigo», «Artistas de Macau», «Património arquitectónico» ou a «Ilha japonesa de Tanegashima» ou da «Espingarda Portuguesa», grande parte deles muito ricos em colorido como, aliás, convém a propósito do Extremo Oriente. O pavilhão consagrado à defesa do ambiente também neste campo não deixa os seus

créditos por mãos alheias ao vender colecções de postais respeitantes a algumas espécies animais particularmente belas, nomeadamente aves e borboletas.

Os sempre apreciados postais com estrelas de cinema estão ao dispor do público no «stand» da Cinemateca, como não podia deixar de acontecer. Através de um preto e branco muito cinematográfico são-nos oferecidas imagens plenas de «glamour» de

vedetas inolvidáveis como Judy Garland, Ginger Rogers, Cary Grant e, obviamente, da deusa do amor na sétima arte que foi a mais célebre de todas as louras. Marilyn à parte, os postais mais curiosos de toda a feira são vendidos no alfarrabista Hipólito Martinho. Tratam-se de postais antigos, repletos de imagens curiosas das ruas que percorremos diariamente, das personagens sobre as quais lemos algures no

liceu, sobre individualidades que marcaram inequivocamente o nosso século. Foi neste «stand» que deparamos com vários postais ilustrados com o retrato de Jorge VI de Inglaterra e de Isabel II quando jovem princesa. Nas costas está o testemunho de uma época em que as listas telefónicas tinham meia dúzia de páginas, mensagens singelas sempre acompanhadas por muitos abraços e beijinhos.

M.J.M.

Alfas Triplex

- T. 806496

Alfa 1

ÁGUIA DE FERRO II
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

ELES VIVEM!
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

ERA BOM QUE ESTIVESSES AQUI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

ÁGUIA DE FERRO II
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

ELES VIVEM!
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

PONTO FINAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45, 24.00h

Amoreiras 5

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

ERA BOM QUE ESTIVESSES AQUI
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8

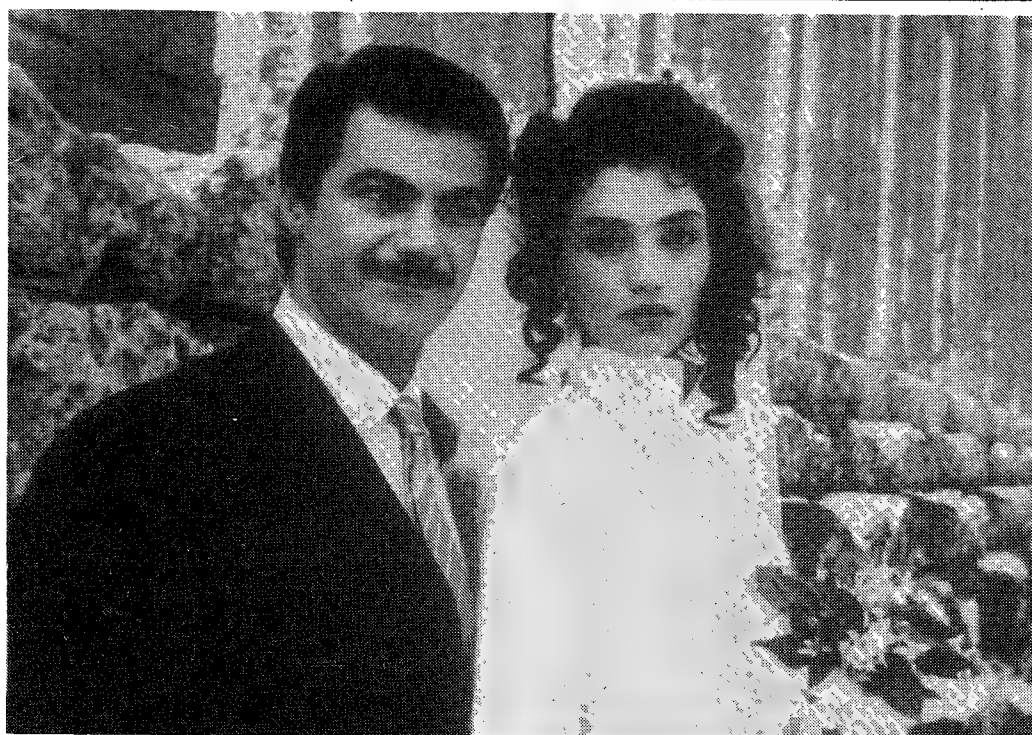
OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Amoreiras 10

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h



Em exibição no Quarteto, Sala 2 — Maiores 12 anos

A ESPOSA ERA BELÍSSIMA

Pub.

Apolo 70

PONTO FINAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Avila

- T. 539930

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Berna

- T. 776060

ELES VIVEM!...
(maiores 12 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

Capitolio

- T. 372358

ÊXTASE SEXUAL DO DIABO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

JAMES BOND CONTRA O.S. SEX 69
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.30h

Cine Camoos

- T. 324194

NOITE INFERNAL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Cine 222

- T. 533253

BARFLY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cine Portela

- T. 9434773

CHARLES CHAPLIN - FIRST NATIONAL
18.30h
DIA DE PAGAMENTO
21.30h

Estúdio Anusha

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30h

Estúdio Sheza

A DUPLA DE FOGO
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15h

City Cine

- T. 549999

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Condes

- T. 322523

A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30h

Eden

- T. 320768

O XERIFE QUEBRA OSSOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

- T. 555134

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Estúdio ACS

- T. 887255

Encerrado

Fonte Nova

- T. 7145109

Sala 1

O FUGITIVO DA SELVA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Sala 3

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Forum Picoas

- T. 541037

A ÚLTIMA INVESTIGAÇÃO
(maiores 13 anos)
19.00 e 22.00h

Gemini

- T. 734009

O XERIFE QUEBRA OSSOS
(maiores 6 anos)
15.00, 18.00 e 21.30h

Hollywood

- T. 802859

Sala 1

INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

Sala 2

A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Imperio

- T. 555134

ASSASSÍNIO PREMEDITADOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

Sala 1

UM GRITO DE CORAGEM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

GENTE ESTRANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

OS 3 FUGITIVOS
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45h

Las Vegas

- T. 631162

Sala 1

A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30h

Sala 2

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45h

Londes

- T. 801313

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

- T. 538743

Sala 1

ETERNAMENTE AMIGAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

- T. 574362

A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

- T. 326283

MISSÃO MANILA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia

- T. 325309

MENINAS DA NOITE
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Politeama

- T. 326305

ASSASSÍNIO PREMEDITADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Quarteto

- T. 771378

Sala 1

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

A ESPOSA ERA BELÍSSIMA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h

Sala 3

OS POSSESSOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 4

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

S. Jorge

- T. 579144

Sala 1

ÁGUIA DE FERRO II
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

ELES VIVEM!...
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.15h

7.ª Arte

- T. 730715

OS 3 FUGITIVOS
(maiores 12 anos)
Estreia
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45h

Star

- T. 804210

ETERNAMENTE AMIGAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

- T. 371573

DUPLA DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Tivoli

- T. 570595

OS 3 FUGITIVOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Turim

- T. 706666

MISSISSIPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon

- T. 368480

TESTEMUNHA A ABATER
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia - «Ligações Perigosas», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45h (maiores 12 anos)

Lido - «O Rapto de Patty Hearst», às 21.00h (maiores 16 anos)

ALGUEIRÃO - Cine-Teatro Chaby - Encerrado

CACÉM - Cinestúdio Flores - Encerrado para descanso do pessoal

MEM MARTINS - Estúdio Dois Eme - «Nas Linhas do Inimigo», às 21.30h

Linha de Cascais

ALGÊS - Cinema 2000 - «Aonde É Que Pára a Polícia», às 21.30h (maiores 12 anos)

OEIRAS - Alto da Barra - Sala 1 - «O Fugitivo da Selva», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «O Turista Acidental», às 15.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS - Cine Palmeiras - Sala 1 - «Fugitivo da Selva», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Encontro de Irmãos», às 15.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS - Atlântida Cine - «A Minha Madrastra é Uma Extraterrestre», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ESTORIL - Casino Estoril - Não há espectáculo

CASCAIS - Miramar - Sala 1 - «A Minha Madrastra é Uma Extraterrestre», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Os 3 Fugitivos», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Academia - «Encontro de Irmãos», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE - Clube Piedense - «O Mestre do Karate», às 21.30h (maiores 12 anos)

ALMADA - Incrível Almada - «A Floresta do Medo», às 15.30 e 21.00h (maiores 16 anos)

ARTBOLSA NO MERIDIEN-LISBOA

Promovida pela "Artbolsa", encontra-se patente até ao dia 13 de Junho, no Hotel Meridien-Lisboa, uma colectiva de Artes Plásticas. Diariamente (fins-de-semana incluídos) entre as 10 e as 23 horas.

A adesão de vários artistas (consagrados, conhecidos e novos) constitui uma prova irrefutável - segundo o director da Artbolsa, Carlos Homem

de Sá - de que a organização vem ganhando prestígio, confiança, estima e amizade, por parte dos nossos artistas plásticos.

No foyer do Hotel Meriden, podem ser apreciados trabalhos de Alfredo Luz, Álvaro, António Sem, Barros, Catarina Rocha, Domingos Oliveira, Eduarda Castelo, Eduardo Marques, Figueiredo Sobral, Gonçalves,

Gamboa, Homem de Sá, Helena San Payo, Joaquim Rodrigo, João Vieira, João Parinha, João Homem de Sá, Menez, Manuela Pinheiro, Maria José Camões, Nuno Siqueira, Nuno San Payo, Picasso, Pedro Luís Gomes, Querubim Lapa, Ribeiro Farinha e Vieira da Silva, e ainda de alguns pintores do século XIX.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até 30 de Junho, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: a exposição "Inigualáveis", Joias de Filomeno. Como "Joia do Mês", Coen Mulder e Nel Linssen (da Holanda). Patentes, ainda, neste Museu: "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", "Leques-Pintura de Manuel Baptista, "Aspectos do Traje Popular nos Arredores de Braga" e "Técnicas de Tecelagem e Estampagem Manual".

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente "Núcleos dos Séculos XVI e XVII; Cerâmica no AR. CO.

MUSEU DE ETNÓLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios-reflexões pós-modernistas".

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição "29 Obras de Arte da União de Bancos Portugueses"

PALÁCIO GALVEIAS(Campo Pequeno): a exposição "Crianças de todo o Mundo pintam Jerusalém"

GULBENKIAN (Exposições Temporárias): a exposição "50 Anos de Pintura Espanhola (1880-1930)".

GULBENKIAN (Galerias de Exposições Temporárias): a exposição de fotografia "Encontros com o Narciso", de Jorge Narciso. No Piso 0, pintura de Júlio Resende.

GULBENKIAN (Centro de

Arte Moderna): serigrafias de Patrick Caulfield e pintura de Bernardo Marques.

GALERIA DE ARTE DOS CIT (Forum Picoas): até 16 de Junho, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de António Sem/Gonçalves Filipe.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Praça do Príncipe Real, 32-r/c): até 30 de Junho, de segunda a sábado das 14 às 20, a exposição "Orgatus" - obras a pastel de Cristina Maldonado.

GALERIA QUADRUN (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): até 15 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 15 às 19, Pintura de Ivo intitulada "Resíduo Oculto".

GALERIA DE ARTE ARA (Centro Comercial Libersil, loja 48-Av. da Liberdade, 38): até 12 de Junho, Pintura de Laura Cesana e Escultura de Aida de Sousa Dias. Todos os dias das 10 às 22 horas.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO: até 6 de Junho, a exposição "Jorge Nesbitt - Sim/Não e Outros".

GALERIA D'ESAGUY (R. Garcia da Horta, 71-C - Forum Lapa): até 5 de Junho, uma exposição de aquarelas e tinta indelével do artista norte-americano H. Michael Wieben. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 6 de Junho, "L'imagination" - pinturas recentes de José Paulo Ferro.

AAPACO (R. Freitas Gazul, 24-D): até 24 de Junho, de terça a sexta das 18 às 21 e sábados das 15 às 19, a exposição de pintura "Lavrado Mar e Terra II" de Maria

Irene Ribeiro.

HOTEL MERIDIEN-LISBOA: até 13 de Junho, a exposição de artes plásticas "Artbolsa".

GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): até 1 de Junho, trabalhos recentes de Gilberto Zorios.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 7 de Junho, a exposição de Garizo do Carmo "Mulheres no Feminino".

BAR PERESTROIKA (C. Marquês de Abrantes): Pintura de Carla Mendes.

GALERIA DE S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até final de Junho, óleos recentes de Lima Carvalho.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 17 de Junho, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "A. Marat" de Rui Sanches.

GALERIA TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. da Academia das Ciências, 2-J): até 24 de Julho, esculturas de Sérgio Taborda. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): até 2 de Junho, de segunda a sábado das 14 às 13, pintura de Isabel Sabino.

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 10 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, óleos sobre tela de Tomás Santos Maia.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 13 de Junho, uma exposição com desenhos da autoria de treze ilustradores do semanário "O Independente". A exposição chama-se "Blind Date"

BAR-RESTAURANTE BOHEMIA (C. Marquês de Abrantes, 38-A): até 3 de

Junho, pintura de Heitor Pais.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. Cruz dos Poais, 111): Pintura recente de Jorge Martins.

SNBA: Pintura de Cremilda Salles Braz.

GALERIA ANTÓNIO CLARA (Av. da República, 38): até 5 de Junho, das 15 às 23 horas, Pintura de Manuela Pinheiro e Oskar Pinto Lobo.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE (R. Nova da Trindade, 20-C): até 4 de Junho, exposição de azulejos de Jorge Nascimento.

SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores de Lima, 8): até 17 de Junho, pintura de Anabela Faia.

GALERIA "DN" (R. António Maria Cardoso, 41): até ao fim do mês, desenho e pintura de Louro Artur.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14): até 17 de Junho, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Mourão.

IADE (Palácio Pombal, Rua do Alecrim, 70): "Ideias de Vidro" - a indústria e o mercado vivem de ideias.

GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9, às Janelas Verdes): até 1 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, a exposição de aquarelas "Elementos da Natureza" com trabalhos de Brigitte Papi, Claudine, Ghislaine Tournier e Louissette Legoux.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48 ao Bairro Alto): até 8 de Junho, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, pintura de Margarida Lagarto.

ESTÚDIO GUTA DE CARVALHO (Calçada da Ajuda, 48): até 9 de Junho, uma exposição fotográfica de

Guta de Carvalho subordinada ao tema "Navio Escola Sagres" sobre a qual foi editada uma colecção de 18 postais.

GALERIA MULTIFACE (C.C. Gemini loja 65-R. Sousa Lopes): Pintura de Felippa Lobato.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 21 de Junho, pintura de Jean Miotte.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 6 de Junho, uma exposição de António Carmo subordinada ao tema "Movimento e Fantasia", com quinze trabalhos a óleo.

GALERIA ETHER (R. Rodrigo da Fonseca, 25): até 1 de Junho, fotografias de Carlos Afonso Dias (1954-1969), de terça a sábado das 15 às 20.

GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 4 de Junho, uma exposição de Pintura com obras de A. Barros, Cargaleiro, Cesariny, Justino Alves, Rui Filipe, Raul Perez e Paulo Ossião.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 5 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 20, Pintura de Maria Bela Garnel.

GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 ao Quelhas): até 12 de Junho, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20, Pintura de José Escada.

GALERIA YGREGO (York-Espaço 8-Av. António Augusto de Aguiar, 13-C): uma exposição de Pintura de Eduardo Luís.

EMBAIXADA DO BRASIL (Est. das Laranjeiras, 144): até 7 de Junho, de segunda a sexta das 14,30 às 18, uma exposição de artistas plásticos de Brasília.

GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 6 de Junho, gravura de Carlos Calado.

PALÁCIO ANJOS (Algés): até 11 de Junho, na sala pequena, pinturas de Maria Teresa Cañizares e Ana Paula Pereira; na sala grande, 55 quadros de Martins Gomes (os retratos, os nus, as naturezas mortas, até aos cenários parisienses da "Belle Époque").

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): até 18 de Junho, a exposição "No calor da noite" - cerâmica islâmica de João Branco.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13- Vila Velha - Sintra): até 2 de Junho, uma colectiva de Pintura e Escultura com trabalhos de Carlos Alberto Santos, Edgardo Xavier, Fernando Silva Ferreira, Gregório Pereira, Hipólito Andrade, J. Nuncio, Maria Fernanda Amado, Mariza Engel, Paulo Ossião, Roberto Chichorro e Rui Albuquerque.

PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 10 de Junho, exposição de tapeçaria e desenho de Maria Franco e Teresa Fernandes.

GALERIA SANTIAGO (Centro Comercial M. Bica, loja 63-Almada): Pintura de Guilherme Parente.

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Parque do Estoril): até 12 de Junho, pintura de Mário Tropa.

CLUBE DO LAGO - MONTE ESTORIL: até 26 de Junho, Pintura de João Paulo.

ALBERGARIA LAITAU (Av. General Daniel de Sousa, 89-Setúbal): até 23 de Junho, das 17 às 22 horas, Pintura de Luís Aniceto.



Farmácias

MÉDICO

DE **URGÊNCIA**

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa -
ALCANTARA: Proibidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, R. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); AREIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); BAIRRO ALTO: Gonçalves, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); CAMPO DE OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); INTENDENTE: Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); LUMIAR: Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 683438); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazaré Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); RESTELO: Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741); SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gasão, 30-32 (T. 381279); COLINA DO SOL - BRANDO - AMADORA: Vidal Reis, Urbanização Alformososa, célula G, lote 35 (T. 996540); ODI-VELAS - QUINTA DO MENDES: Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, lote 110 (T. 982424); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 4799220).

REFORÇO - ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 521269); AREIRO - PRACA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); CASTELO: Silva, C. de Santo André, 16 (T. 962074); ENTRE SETE RIOS E A 2ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); ESTRELA: Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); OLIVAIS SUL: Higien, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); BURACA - AMADORA: Gaspar Pote, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305).

Outra Banda -
ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); Permanente; COVA DA PIEDADE: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); Permanente; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Nrais, 82 (T. 2954436); Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060); Até às 19 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572); Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126); Até às 19 horas; BARREIRO: Ferreira & Pilar, Av. da República, 1 (T. 2073023); Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Nunes, R. 1.ª de Maio, 106-A (T. 2043532); Até às 19 horas; CORROIOS: Lino, R. Alexandre Herculano, Vale de Milhã (T. 2530256); Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824); Permanente; ALDEIA DE PAIO PIRE: Central, E. Na-

cional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; MONTIJO: Giral-des, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); Até às 22 horas; MOITA: União Moltense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 2390025); Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020); Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gamelro, L. António dos Santos Jorge, 15-A (T. 2340100); Até às 19 horas; SETUBAL: Oliveira Rodrigues, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567); Permanente; Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491); Permanente; Bocageana, R. do Romeu (T. 23425); Até às 22 horas.

Linha de Cascais -
ALGES: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953); Permanente; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Roteiro de Quental, 9 (T. 4190610); Permanente; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616); Até às 22 horas; ALCABIDECE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039); Permanente; OELRAS: Sacoar, Permanente; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785); Permanente; SÃO JOÃO DO ESTORIL: Das Areias, Urbanização das Areias, Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amara Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); Até às 22 horas; BIRRE: Imanl, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326); Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313); Até às 22 horas; CASCAIS: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170); Permanente.

Linha de Sintra -
AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518); Permanente; Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072); Até às 22 horas; DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121); Até às 22 horas; QUELUZ: Zeller, R. da República, 83 (T. 4350045); Permanente; QUELUZ DE BAIXO: Albergaria, R. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 (T. 4356487); Até às 22 horas; CAMARATE: Fátima, Feijais, Até às 19 horas; CACEM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181); Permanente; ALGUEIRAO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038); Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); Até às 22 horas; RINCHOA: Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404); Até às 22 horas; SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832); Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias -
MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518); Permanente; SACAVERM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420); Permanente; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240); Permanente.

TEATROS

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matins às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

M. Estoril - T. M. Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo - Tel. 267 03 20
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00
«LISISTRATA», de Aristófanes. Tradução: Manuel João Gomes. Encenação: Carlos Avilez. Música original: Luís Pedro Fonseca. Apoio corporal: Jorge Stobbars. Cenários e figurinos: Ana Silva e Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio - Tel. 37 22 46
Sala Experimental
Todos os dias, às 21.45; sábados, às 16.00; domingos, às 16.30
«O BISPO NEGRO», de Alexandre Herculano. Encenação: António Guldino. Direcção plástica e bonecos: Carlos Varela. Música: Paulo Matias. Luz e som: Miguel Correia d'Almeida. Caracterização: Sérgio Alxerado.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 - Tel. 54 43 89
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00
«AS SEIS O MAIS TARDAR», de Marc Perrier. Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes: Mário Jacques e Vítor Norte.

Teatro da Cornucopia

R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Tel. 66 15 15
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00
«O PÚBLICO», de Federico Garcia Lorca. Encenação: Luís Miguel Cintra. Tradução: José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra, com a colaboração de Fernanda Abreu. Cenário e figurinos: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão. Guarda-roupa: Emília Lima.

Sociedade Recreativa

T. de Santo António, 14, Santos
De 2.ª a sábado, às 22.00
«A HIPÓTESE», de Robert Pinget. Por Diogo Dória, nas Escadinhas da Escola Superior de Belas-Artes, ao Chiado.

Teatro Maizum

Casa dos Tabuenses - R. Poiais de São Bento, 75 - Tel. 60 18 66
De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«UM DEMÓNIO NA VITRINE», de Fialho de Almeida. Dramaturgia: Manuel João Gomes. Encenação: Silvina Pereira. Cenários: Frederico N. Ferreira. Figurinos: Marina Sá Nogueira. Música: Rua Luís Pereira. Apoio coreográfico: Margarida de Abreu. Desenho de luzes: Paulo Graça. Guarda-roupa: Isabel Magro.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras - Tel. 89 70 17
«QUEM TRAMOU O COMENDADOR?», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Delina Cruz, Graça Brás, Virgílio Castelo, Luísa Barbosa e Carlos Gonçalves.

Loures - Cine-Teatro de Loures

Dias 23, 24, 26, 30 e 31 de Maio, às 11.00 e 15.00
«AS PALAVRAS NÃO TÊM ESCAMAS», de Françoise Pilet. Tradução e adaptação: José Fanha. Cenografia e figurinos: Vasco Fernando e Virgínia Fróis. Música e encenação: Gil Salgueiro Nave. Intérpretes: Gil Filipe, Rui Peixoto, Teresa Nunes e Vera Azevedo.

Os Papa-Leguas

R. Prof. Santos Lucas, lote 1658, Benfca - Tel. 714 85 23
5.ª e 6.ª, às 18.30. Até dia 19 de Maio.

«BOLA DE SABÃO», de Maria João Trindade, Guida Rainha e Mário Jorge. Encenação: Mário Jorge. Figurinos: Fátima Franco. Música: José Calhau.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A - Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.
«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 - Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo e feriados, às 17.00
500\$00
«A CASTRO», de António Ferreira. Encenação e cenários: Branco Xil. Intérpretes: Francisco Soro-menho, Alina Vaz, Teresa Corte-Real, Alvaro Faria, Ana Enes, Ana Saragoça e Francisco Brás (Estreado dia 20 de Abril de 1989).

Casa da Comedia

R. de São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes - Tel. 60 72 99
De 5.ª a domingo, às 21.00; sábado e domingo, às 17.00
«O IRMÃO», de David Mourão Ferreira. Encenação: João d'Ávila. Cenários: Carlos Amado. Figurinos: Manuela Gonçalves. Intérpretes: Isabel Ruth, Maria João Luís, Luís de Castro e João d'Ávila.

Teatro Aberto

P. de Espanha - Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00
«A MARMITA DE PAPIN», de Clara Pinto Correia. Encenação: Fernando Gomes.

I.º Acto Clube de Teatro

R. Eduardo Pedrosa, 16-A, Algés - Tel. 211 50 33
Sexta e sábado, às 21.30
«A AMOSTRA DE COMÉDIA FRANCESA», de Labiche Feydeau. Encenação: Armando Caldas.

Comuna

P. de Espanha - Tel. 726 08 18
5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 17.00
Sala 2
6.ªs-feiras, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

«ESTILHAÇOS», sobre o texto de Mário de Carvalho «O Sentido da Epopeia». Pelo Bando. Versão, encenação e cenários: João Brites. Música: António Sousa Dias. Intérpretes: Márcia Breia, Maria Emília Correia e Pompeu José.

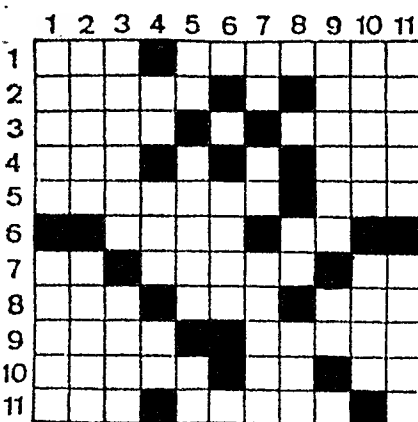
Café-Teatro
De 3.ª a 6.ª, às 22.00
MAIS TARDE... HAVERÁ SEXO. Concepção/Direcção: Durval Lucena. Int.: Lucinda Loureiro, Teresa Roby, Ângela Pinto, Marinel Matos, João Senna, Miguel Abreu e Álvaro Correia. Produção: Metrópolis.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 468

HORIZONTAIS:

- 1 Fedor. Moviam os remos.
- 2 Freguesia do concelho de Belmonte. Naquela lugar.
- 3 Descerra. Artigo definido. Nascente de água.
- 4 Fava de um centímetro de diâmetro, usada como condimento. Nome de astro.
- 5 Perversão que consiste em tirar prazer do sofrimento alheio. Guarneço de asas.
- 6 Enjejo. Bromo (s.q.).
- 7 Anjmo. Irmão de Moisés. Era Cristã.
- 8 Pronome relativo. Espaço de trinta dias. Fileira.
- 9 Brame. Matizar.
- 10 Dera aviso de alguma coisa em voz alta. Vê. Serviço nacional.
- 11 Pedras de moinho. Estimara.



VERTICAIS:

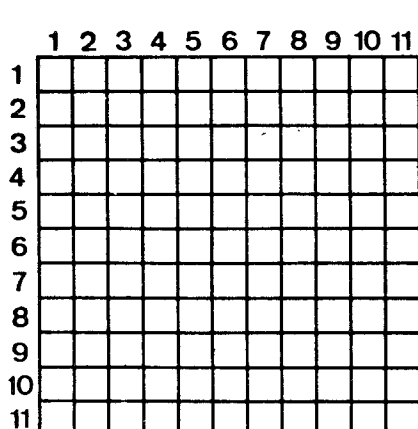
- 1 Palmeira também chamada jucara (pl.). Da parte de cá.
- 2 Guindaste grande. Da Turquia.
- 3 O mesmo que ruda. Estavas.
- 4 Isto é. Ilha do Estado da Baía. Brisa.
- 5 Rádio (s.q.). Tostam. Autores.
- 6 Enjejo.
- 7 Milímetro. Cobalto (s.q.). Albergar por esmola.
- 8 Boro (s.q.). Raer.
- 9 Dançar a valsa. Nesse lugar.
- 10 Pessoas pouco espertas (fig.). Pronome pessoal (pl.).
- 11 Juízo (fig.). Natureza animal.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 655

HORIZONTAIS:

- 1 Bobo, homem sem carácter.
- 2 Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os japoneses. Autores. Lavrar.
- 3 Enfiaruscara.
- 4 Calote (inv.). Amamentar.
- 5 Despada. Levanto.
- 6 Besunta. Rio de Itália.
- 7 Transpira. Despada. Cobalto (s.q.).
- 8 Colina na Suécia. Existe. Bário (s.q.).
- 9 Grandes relevos graníticos de 300 metros de altura, na serra da Estrela.
- 10 Centiare. Sarado.
- 11 Dai arrotos. Catedrais.



VERTICAIS:

- 1 Dança e música nacionais da Polónia. Bário (s.q.).
- 2 Rio da Rússia. Ouro (s.q.). Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ahi! oh!
- 3 Racharas. Crómio (s.q.).
- 4 Segundo filho de Noé e pai de Canaã.
- 5 Antigo reino da península Ibérica.
- 6 Cidade da Arábia Saudita. Cambiante.
- 7 Partido (pop.). Cidade de Espanha.
- 8 Galinha de raça pequena (Bras.). Cidade da Ucrânia.
- 9 Musa que presidia à poesia lírica, e especialmente à poesia erótica. Rostos.
- 10 Estado da Venezuela. Rio de Itália. Composição poética.
- 11 Lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Costumes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 467

HORIZONTAIS:

- 1 Acama. Laças.
- 2 Toca. A. Sari.
- 3 Aramã. MORTE.
- 4 Tal.
- 5 Fará. Sala.
- 6 Cor. Mac. Ari.
- 7 Ri. Porás. Ag.
- 8 A. Vãs. Ras.
- 9 Sair. Boca.
- 10 TODOS. Renal.
- 11 Osa. Amorosa.

VERTICAIS:

- 1 Atar. Crasto.
- 2 Cor. Foi. Aos.
- 3 Acatar. Vida.
- 4 Mamar. Paro.
- 5 Álamos. Sá.
- 6 Ar.
- 7 Mascar. Ro.
- 8 Aso. Saber.
- 9 Carola. Sono.
- 10 Art. Ara. Cãs.
- 11 Sies. IGUALA.

PROVERBIO: A morte a todos iguala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 654

HORIZONTAIS:

- 1 Looping. MCC.
- 2 Ota. Noras.
- 3 Raivosos. SM.
- 4 Iró. SS. Af.
- 5 Si. Passeios.
- 6 Amainem. Só.
- 7 Ar.
- 8 Rimarem.
- 9 Notários. Cs.
- 10 Fui. Tio.
- 11 Relataram.

VERTICAIS:

- 1 Lóris. Linfa.
- 2 Otária. Ou.
- 3 Oaio. Mártir.
- 4 Pária.
- 5 Inovai. Mr.
- 6 Nós. SN. Aira.
- 7 Grosseiro.
- 8 Assem. Esta.
- 9 Ms. Um. Ir.
- 10 Sãos. Coa.
- 11 Camisolas.

Rádio

Antena Um
Desdobramento em Onda Média-Emissoras do Litoral Continental e 99,4 em FM-Zona de Lisboa

14.00: O linho e a seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1, regiões; 17.15: Porto de abrigo. Noticiários de hora a hora.

Onda Média-FM Estéreo

14.00: Gerações por minuto; 17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Musical; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Música de câmara; 18.00: Música concertante, de Mozart; 18.40: Variações, de Tippett; 19.00: Integrais; 19.30: Suites; 20.40: Reportório de flauta transversal, de Vivaldi e Loillet; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.30: Música coral, de Filipe Magalhães; 22.00: Música antiga, de Haydn, Bach e Carl Philip Emanuel Bach; 23.00: Euro rádio; 00.50: Concerto da noite; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

17.00: Contacto; 19.00: Peça que a gente passa; 21.00: Pela estrada fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Fantástico; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Topo de gama; 22.00: Pessoal e transmissível; 00.00: Morrison Hotel; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

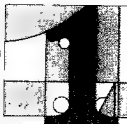
RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Hora da música; 16.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

RTP



17.25 - Brinca Brincando

«Le Piaf», «As Viagens de Gulliver», «As Aventuras de Punqui» e «As Aventuras do Pequeno Cogumelo».

18.25 - P'ra Variar

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricando
21.05 - Jogo Duplo

3º Episódio: A morte de duas mulheres, a quem o assassino trocou as cabeças, surge aos olhos de Janek, detective nova-iorquino respeitado nos meios policiais, como um enigma de difícil resolução. Munido das poucas pistas que possui, Janek prossegue a investigação, tendo como único apoio Caroline, a única pessoa em quem confia inteiramente.

22.00 - Primeira Página

00.05 - Remate



No 1º canal às 21.05,
o 3º episódio da série «Jogo Duplo»

ANTENAS PARABÓLICAS

sinal

Tel. 892945-884650



«Sinhá Moça», no 2º canal às 16.55

RTP2

16.55 - Sinhá Moça

17.30 - Trinta Minutos Com...

Manuela Bacelar
18.00 - Music Box
«Via Rápida»

19.00 - Music Box

«Off The Wall»

20.00 - Os Intocáveis

55º Episódio: Eliot Ness sabe que houve a entrega de um carregamento de dois milhões de dólares em droga. Porém a operação foi tão bem montada que os Intocáveis têm dificuldade em arranjar provas.

20.45 - Cem Grandes Quadros

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Cinemazine

«Cinemazine» apresenta, uma vez mais, imagens da rodagem do filme de Artur Semedo. Ainda um destaque sobre o filme «O Meu Amigo Ivan Lapshine» que será exibido hoje em Cinemadois. A terminar, uma reportagem sobre o «Braga Feste», festival de cinema de Braga, uma conversa com Paulo Branco sobre os seus projectos, e ainda algumas novidades do novo filme de Manoel Oliveira.

22.00 - Cinemadois

«O Meu Amigo Ivan Lapshine»: União Soviética, anos 30. Ivan Lapshine conduz um inquérito sobre as actividades criminosas de Soloviev, um perigoso bandido. Na casa onde Ivan está hospedado vivem também Natasha Adashova, uma exuberante actriz, por quem ele se apaixona.

Um filme de Alexei Guerman, com Andrei Boltnev, Nina Rouslnova, Andrei Mironov e Alexei Jarkov.

Duração: 92 minutos

AMANHÃ

RTP-1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia-a-Dia (Porto)
13.30 - Fama
14.15 - Os Campbells
14.45 - O Homem e a Cidade
15.05 - Lou Reed
16.05 - América Selvagem
16.30 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia-a-Dia (Lisboa)
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricando
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.30 - Lotação Esgotada
«Borsalino»
00.05 - 24 Horas
00.35 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - Rio Amarelo
19.00 - Music Box
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Grande Sertão Veredas
22.05 - Som da Surpresa

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido

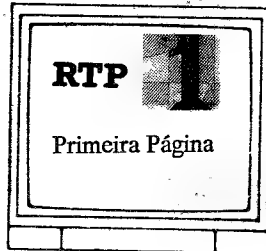
AOS PAIS
"Ensine o seu filho a parar sempre na beira do passeio antes de atravessar a rua"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



LOEWE.

seleccionou para si...



Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003

SGO

LISBOA
Telef. 777824

O «ayatola» Khomeini está em vias de «ressuscitar», segundo informações divulgadas pelos seus médicos. O dirigente espiritual iraniano estará, pois, a recuperar bem de uma operação ao estômago, realizada há uma semana, com o objectivo de estancar uma hemorragia. «O estado geral e o progresso da recuperação são totalmente satisfatórios e, graças a Deus, não houve complicações preocupantes», afirma-se no boletim médico.



Um dos diplomas do «pacote laboral» Novo «lay-off» já em vigor

O decreto-lei nº 64-B/89, que altera as regras processuais do regime da suspensão e redução de prestação de trabalho, «lay-off», entrou ontem em vigor, segundo apurou a agência Lusa junto do gabinete do ministro do Emprego.

Aquele decreto-lei traz a novidade da redução das hipóteses de intervenção dos sindicatos e a suspensão da arbitragem do Ministério do Emprego.

Segundo o novo texto legal, a intervenção dos sindicatos numa empresa que accione o «lay-off» não será permitida sempre que nela exista Comissão de Trabalhadores ou quando a entidade patronal desconheça a sua existência.

A mesma fonte do gabinete ministerial referiu que o decreto-lei nº 64-A/89, que regula a cessação do contrato individual de trabalho e a celebração do contrato a termo, e o decreto-lei nº 64-C/89, que regula a atribuição de incentivos à criação de emprego para os desempregados de longa duração, entrarão em vigor no dia 28 do próximo mês.

Praias de Sines querem ter a bandeira azul

Quatro praias alentejanas, do concelho de Sines vão candidatar-se este ano à bandeira azul da CEE, anunciou a Câmara local.

Vasco da Gama, São Torpes, Grande e Ilha, as duas últimas localizadas na freguesia de Porto Covo, são as praias candidatas àquela distinção comunitária.

A Câmara Municipal de Sines decidiu apresentar a candidatura porque considera que as praias situadas no concelho «reunem todas as condições para obter a referida bandeira».

Phinleas Newborn: o pianista morreu

O pianista de jazz Phinleas Newborn morreu em Memphis (Tennessee, EUA) com 57 anos, vítima de um tumor pulmonar. Considerado pela crítica especializada de Nova Iorque um dos pianistas mais brilhantes e eloquentes, a morte ocorreu na sua residência, na passada sexta-feira.

Na década de 50, Newborn começou a destacar-se pelo seu trabalho com Lionel Hampton, tendo mais tarde formado duo com Charles Mingus, com quem fez várias digressões pela Europa.

LOTARIA POPULAR

1º - 417156	1 500 000\$00
2º - 322043	500 000\$00
3º - 496416	250 000\$00
4º - 142610	150 000\$00
Terminações em 156	60 000\$00
Terminações em 043	10 000\$00
Terminações em 416	2 500\$00
Terminações em 610	1 000\$00
Terminações em 22, 61, 73 e 85	500\$00

/D/E/C/A/R/A/S/



MARGARET PAPANDREU aceita, finalmente o divórcio com ANDREAS, Primeiro-Ministro da Grécia. A notícia é hoje veiculada por «Le Monde» que aponta os bastidores da cimeira da NATO, em Bruxelas, como o local escolhido pelo (ex-)casal para dirimir os seus problemas conjugais e chegar a um acordo quanto à separação legal. Margaret, que se encontra na capital belga para participar numa Conferência do Movimento Internacional para a Paz, afirmou que aceita finalmente o divórcio, ainda antes de 18 de Junho, com o objectivo de - compreensiva finalmente - permitir a Andreas voltar a casar-se sem prejuízo da sua imagem pública nas eleições legislativas que se aproximam, na Grécia. De resto, a futura nova esposa do «Primeiro» grego, a ex-hospedeira do ar da Olympic Airways, Dimitra Liani, de 34 anos - contra os 70 de Andreas -, também está em Bruxelas e «muito oficialmente», segundo o jornal parisiense, para acompanhar o «noivo». Os jornalistas aproveitaram, claro, para perguntar a Margaret qual a sua sensação por se encontrar na mesma cidade com o «ex-esposo» e a «namorada». Ao que ela respondeu com um simples «estou-me nas tintas».

Jorge Ferraz não foi acusado do falhanço do comício do PSD — disse Pinto Leite

«O vice-presidente da Distrital de Lisboa do PSD, Jorge Ferraz, teve um trabalho inexecutável na mobilização de militantes para o comício do Campo Pequeno, e é falso que tenham surgido quaisquer acusações contra ele», declarou ao «DL» António Pinto Leite, presidente daquele órgão dos social-democratas, comentando notícias veiculadas nesse sentido.

De acordo com o mesmo responsável, o comício do passado dia 20 foi organizado pelas estruturas nacionais do partido, tendo-se as distritais - de Lisboa e de vários outros pontos do país - limitado a proceder ao trabalho de mobilização.

«Apesar da fraca afluência, não houve recriminações entre as diferentes estruturas partidárias», afirmou Pinto Leite, citando a título de exemplo que «a reunião realizada no dia seguinte ao comício entre Dias Loureiro e a Distrital durou apenas dez minutos». Para ele, a não comparência dos militantes é um assunto a discutir em foro político e não administrativo.

Referindo-se à reunião de ontem da Assembleia Distrital, o responsável pela área da capital afirmou que a questão do comício não foi abordada.

A estratégia a utilizar para a eleição do presidente da Câmara de Lisboa foi o outro tema em debate. «A Assembleia Distrital mostrou-se favorável à decisão já tomada pela Comissão Política Distrital no sentido de avançar com as negociações com o CDS depois do escrutínio para o Parlamento Europeu», disse António Pinto Leite, acrescentando que não foram ainda referidos nomes de eventuais candidatos.

A.M.A.

Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

ATARI

AUTO EDIÇÃO

COMPOSIÇÃO

GRÁFICA

ABC — INFORMÁTICA

Rua dos Sapateiros, 160-2.º

Telef. 32 50 70 1100 LISBOA

OS PÉRIPILOS INTERIORES



Pedro Alvim

«**U**lisses» (história épica de um vulgaríssimo dia irlandês, 16 de Junho de 1904). Autor: James Joyce. Sessenta e sete anos depois de ter sido editado pela primeira vez em Paris (1922), acaba por ser traduzido e editado (Livros do Brasil) em Portugal. No ano corrente. Quem o tradutor...? João Palma-Ferreira, cujos atributos de intelectual dispensam quaisquer comentários. Quando muito, digamos que, à semelhança da substância de Spinoza, esses atributos se reflectem uns nos outros adequadamente. Tradução devagarosa, morosa e amorosa: de 6 de Agosto de 1987 a 7 de Março de 1989. «Ulisses», pois, em português! Um ponto de exclamação justificadíssimo. Até porque João Palma-Ferreira enriquece a tradução com um prefácio de quem sabe e com pertinentes rodapés sublinhando o carácter dos 18 capítulos de «Ulisses», os quais demonstram um amplo conhecimento da «Odisseia» de Homero, obra sobre a qual Joyce desenvolve o seu divino delírio verbal. Bem - com o livro nas mãos, e lido o livro, atrevemo-nos à concepção de quatro escritos, aqui presentes preto no branco: "Os périplos interiores"; "Freud: viagem de Joyce através do papel"; "Einstein: concepção cilíndrica do Universo"; e "Trindade de mulheres". Discutíveis estes textos...? Certamente que sim. Mas «Ulisses» é também uma obra discutível, isto é, dará sempre aso a uma discussão elevada a uma potência "n". Uma palavra final: João Palma-Ferreira tornou mais culta a cultura portuguesa - e daí a atenção discutível que humildemente lhe prestamos neste ano de graça de (por extenso) mil novecentos e oitenta e nove.

Trindade de mulheres

Solange P. C. G. (*) olhou para o relógio e viu que eram quatro horas e um quarto. «Um quarto...» - sorriu. Cerrou os olhos, sumiram-se-lhe os quinze minutos de tempo, e surgiu-lhe (que arrepio pelo corpo!) um quarto por mobilar. Só paredes, tecto e soalho. Lentamente, deitada ali na areia, ao sol, o mar num marulho leve, começou a colocar móveis no quarto. Primeiro...

«Mas que coisa!» - zangou-se, sangue pelo rosto, o coração sufocado.

Primeiro, colocou no quarto, no sentido das tábuas, uma cama. Depois, enfiado, arrumou um guarda-fato, com um grande espelho na porta do meio. Em seguida, pôs um maple em diagonal com o guarda-fato. Não satisfeita, viu-se a transportar um colchão para a cama, e também largos travesseiros, e ainda lençóis mais alvos do que a espuma do mar...

Abriu os olhos, sentou-se na areia, olhou em redor.

«Ainda bem que não está ninguém» - disse de si para si, muito corada, "falamento de soo cô soo", as mãos nos joelhos. E logo rompeu num riso ondulado, os cabelos caídos para as coxas, os seios divididos por um raio de sol. «Mesmo se houvesse por aqui alguém (e encolheu os ombros) quem daria pelos meus arrumos...?»

Olhou o relógio: quatro e meia. Abriu os braços, respirou fundo, deu-se novamente à areia. Por momentos, adormeceu - e sonhou com um cavalo, enorme e esbelto, azul e preto, aproximando-se dela a galope. Acordou, pôs-se de pé, sentou-se:

«Que susto!»

Olhou o relógio e viu que eram cinco horas menos um quarto. «Menos um quarto...?» Começou, então, a esvaziar o quarto imaginado: a cama, o guarda-fato, o maple... Ficou-se só com os lençóis brancos, envoltos pelo corpo, em pregas abertas, em pregas fechadas, umas e outras descaídas pela areia. Assim se passou, de olhos cerrados, a boca entreaberta, ao longo da orla humedecida.

«Que horas serão...?» - perguntou-se às tantas. Olhou o relógio e viu que eram cinco e um quarto. «Um quarto!» - quase gritou. E de novo o mobilou com a fulgurância de uma chama: guarda-fato, maple e cama.

(*) P. C. G.: iniciais de Penélope, Calipso e Gea (Terra). Em «Ulisses», de James Joyce, a mulher de Leopold Bloom é, por assim dizer, uma trindade de mulheres. Assim: não Penélope, trai o marido com um galã de bairro; como Calipso, retém o marido, tal como sucedera ao herói da «Odisséia»; e como Gea mais não é do que a Terra numa constante promessa. Que se atente: o monólogo interior de Molly, esposa de Bloom, que encerra o «Ulisses», é de uma beleza que exige o aturado desvelamento, fracção a fracção, por parte do leitor do leitor. Não chega uma só leitura - e sim uma atenção continuamente desdobrada, quer no tempo, quer no espaço. Tal leitura pode ser considerada, em certa medida, um verdadeiro acto de purificação (catarsis).

SARTRE

Pedro Alvim

Se eu passar os olhos pela minha sala de trabalho, verificarei com facilidade que nessa sala se encontram muitos objectos: a mesa, a máquina de escrever, livros, cadernos de apontamentos, cinzeiros, cigarros, uma jarra com flores, o «Ulisses» de James Joyce, etc. São coisas, enfim, que existem no Universo. Mas uma coisa há que sobressai de todos esses objectos, de todas essas coisas: o meu pensamento. Face ao meu pensamento, como é que essas coi-

sas existem...? Vejamos: a minha sala de trabalho e estudo existe de facto. (Prova da sua existência: houvesse um tremor de terra violento e ela deixaria de existir tal como é, embora outras coisas passassem a existir...). Consideremos, no entanto, a sala tal como agora ela se encontra: intacta, segura, com todos os objectos nos seus lugares. Posso, portanto, dizer: a sala está aqui. Se me fechar em mim mesmo, se me encerrar nesta sala de estudo e trabalho (tal James Joyce algures), não terei qualquer problema com aquele aqui que localiza a sala num determinado ponto do Universo. Mas eis que o meu pensamento se sobressalta de repente: o que significa, na verdade, aqui? É então que me caio em mim, perco a segurança da cadeira apoiada no soalho - e me encontro, surpreso, no mundo. Por assim dizer, amplio-me - e verifico que aquele aqui assenta na vila de Sintra onde residio, que Sintra se encontra no distrito de Lisboa, que Lisboa se encontra na Terra em rotação... Passo a passo, estou no sistema astronómico que me é dado conhecer.

O pensamento, a partir daquele simples aqui, engravida - e eis que concebe a noção de que tudo se apoia em tudo, de que as coisas, em resumo, são umas nas outras. Uma coisa está aqui, outras ali, outras mais além - e dou-me conta de que todas procuram uma segurança mútua, um longo elo de sucessivos apoios, um (passe a expressão) encostar-se solidariamente. Nesta ordem

INTROIBO AD ALTARE DEI

de ideias, apercebo-me de que o mundo é uma gigantesca estátua jacente - e essa situação fixa das coisas exteriores a mim leva-me a procurar uma contrapartida no movimento do meu pensamento (monólogo interior, no singular ou no plural, tal como Joyce o utiliza em «Ulisses»).

Explicitando: se admito e sinto a existência do meu pensamento, essa existência do meu pensamento não se configura às coisas que estão aqui, ali e além. A existência do meu pensamento reveste-se de outras características: não tem pura e simplesmente a forma das coisas e a sua maneira de equilíbrio de estar no Universo. Basta fechar os olhos - e logo vejo a mobilidade da sua existência: o périplo exterior do Ulisses homérico e o périplo interior dos nomes (ou heterónimos?) de Joyce. Ora como...? O meu pensamento existe quando penso o pensamento - eis, em humilde expressão, toda a riqueza do meu existir.

Surgem-nos aqui, se ousarmos um paralelismo entre a existência do pensamento e a existência de Deus (e «Ulisses», logo nas primeiras linhas, entonamos o *Introibo ad altare Dei*), as seguintes palavras de Santo Agostinho, insertas no «Livro de Soliloquio», que se passam a transcrever, respeitando o português arcaico do exemplar que me foi possível encontrar na Biblioteca Central da Faculdade de Letras de Lisboa (quando então buscava linhas para clara definição de "monólogo interior"): «Meu Senhor Deus, que es lume perduravil, rogote que resplandeças sobre a minha alma em tal guisa que ella te entenda e te conheça e te ame!» («Livro de Soliloquio de Santo Agostinho», Capítulo Primeyro, pág. 6, linhas 25-30, caracteres em tipo redondo, excepção feita aos que vão de te a ame, impressos em itálico).

Depois desta ousadia, que de maneira nenhuma considero um "tour de force" (até porque Joyce desceu, na escrita, a minudências milimétricas), ponho-me a seguinte questão: porque comparei eu a existência do pensamento com a existência de Deus...? E respondo-me (tendo em mente a multiplicidade dos deuses olímpicos): porque assim como, entre muitas ficções, buscamos Deus em e para nós, assim também em nós o pensamento se busca. Clarificando a última parte da proposição atrás escrita: o meu pensamento só aufere de existência quando me dou conta dele (monólogo interior). Só quando penso é que o meu pensamento existe. É. E ei-lo então que se divorcia das coisas (tal Joyce sempre se afastando da exaltação nacionalista irlandesa) que, amparando-se umas nas outras, constituem o que designei por gigantesca estátua do Universo.

Se o meu pensamento existe, se o meu pensamento é, tenho então de concluir que a sua existência é o meu modo de ser. Ou por outras palavras: a existência do meu pensamento é o ser do meu pensamento (no caso de «Ulisses», o ser quase absoluto de James Joyce). Atravamos-nos a uma imagem: o vazio de uma taça é o vazio dessa mesma taça para si mesma. Pois bem: a existência

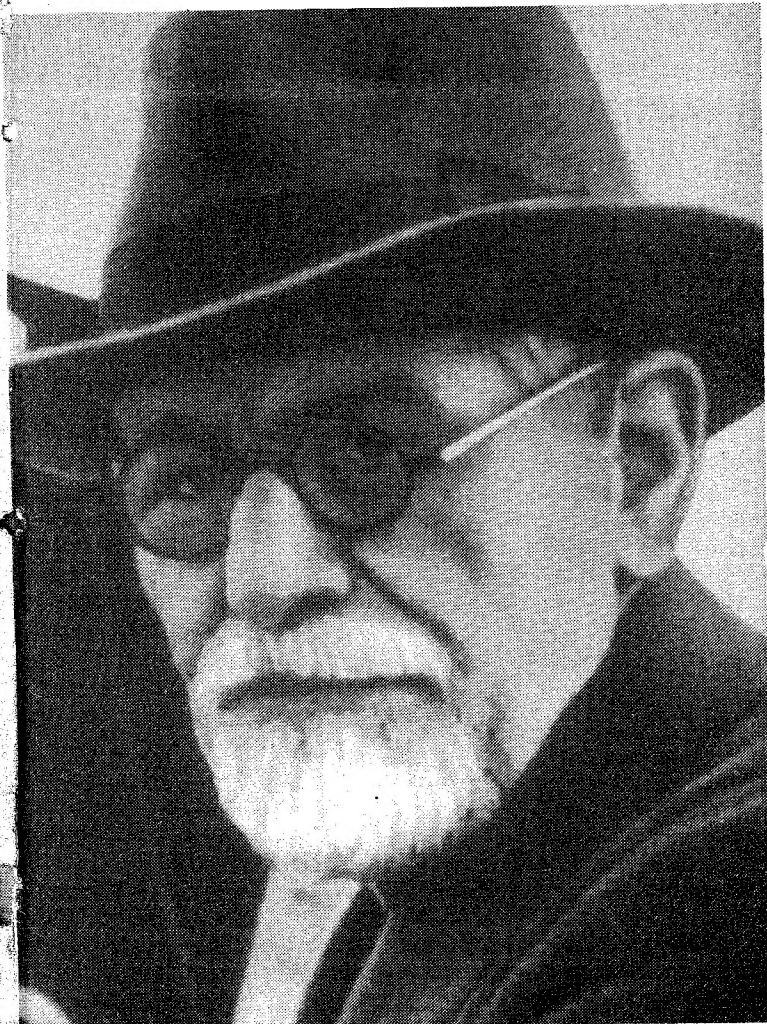
do meu pensamento é ser para si mesmo. Talvez possamos acentuar este juízo com uma simples frase constante da breve introdução do tradutor do latim para português arcaico do já citado «Livro de Soliloquio de Santo Agostinho», frase que, salvo outra opinião, sintetiza de maneira perfeita o conteúdo da obra. Eis a frase, a páginas três (sem numeração), entre as linhas 5 e 10: «Este livro é chamado de soliloquio, que quer dizer falamento de soo cô soo (sublinhado nosso).

Quero com isto dizer (repetindo, aliás, um primeiro esboço de afirmação) que o meu pensamento se pensa, e também que pensa pensando-se, e que sendo a minha íntima fala (falamento) consigo mesmo fala. O meu pensamento está diante de si próprio - e que, sendo um, com muitos interlocutores se confronta (como, por exemplo, no «Ulisses»), interlocutores esses que são afinal ele próprio (o pensamento, por exemplo, de James Joyce).

Ora bem: o meu pensamento é interlocutor do meu pensamento? Nesse caso, perguntando-se mutuamente, o meu pensamento executa tarefas racionais. Ou melhor: especula. Ou ainda melhor: o meu pensamento, de instante para instante, de conclusão em conclusão (provisórias ou não provisórias), é um auto-fazer-se constante (tenha-se em atenção os numerosos géneros literários ou a desmultiplicação de toda a retórica em «Ulisses»). Aqui a diferença fundamental entre as coisas e o pensamento, pois enquanto as primeiras estão fixas no quotidiano e em equilíbrio no Universo (a máquina de escrever sobre a secretária, por exemplo, no primeiro caso; e, no segundo, o sistema solar), o pensamento move-se entre si, interroga-se e hesita... Contemplemos o céu estrelado, uma paisagem, a solidão do mar e perguntemos o que é que se move tendo como fundo mar, paisagem e céu. Há só uma resposta: o nosso pensamento. Que o mesmo é dizer: o monólogo interior que nos habita, esse ruído feito de silêncio, esse silêncio que grita pelo silêncio dos outros... Subjectividade, intersubjectividade - eis o diálogo mais profundo que se pode estabelecer entre os seres humanos. Experimentá-lo à quem se der à leitura de «Ulisses»: a subjectividade de Joyce vem ao encontro da nossa subjectividade, estabelecendo-se a duo aquela corrente de consciência que, segundo os entendidos (Sartre, por exemplo, em «O que é a literatura?»), nos deu da realidade um outro aspecto, uma vez que o mero dado natural foi substituído pelos dados poético e simbólico, mais ricos e multifacetados. Uma linguagem, em suma, elevada à potência "n" - e que (em nossa opinião) nos perturba e esclarece simultaneamente. E tal porque nos proporciona uma intemporalidade em que nos podemos jogar em completa imponderabilidade, indo-nos aos mais altos abismos através do «falamento de soo cô soo»... O local da queda será sempre a atenção de quem em nós repare - e nos leia e escute mercê do encontro de uma subjectividade com outra subjectividade: eu, tu, nós.



Jean-Paul Sartre: «O monólogo interior de Joyce pode ser adjectivado de metafísico. Trata-se, em suma, de levar até ao fim a hipótese de uma subjectividade primeira e de passar para o realismo através de um idealismo absoluto» («O que é a literatura?», Idées, Gallimard, 1953)



Sigmund Freud: «Só nos provoca inquietação não o que é estranho, e sim o que nos era familiar e se torna estranho»

FREUD

«**P**or isso, também para nós, o principal e primário e, por assim dizer, o único [é estar] cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é.» (Aristóteles, «Metafísica», Livro Z, I, 1028b, 5). Quanto a nós, estas poucas palavras do Filósofo grego, proporcionam a busca desesperada de James Joyce de valores do passado que, em certa medida e no seio das classes que se apelidavam de cultas, haviam caído no esquecimento. Ou melhor: Joyce (interpretação nossa) não acatava os valores da sua época, pois os não considerava altos, belos e dignos. O escritor buscava uma entidade perdida, um ente-sendo que (passe o termo atrevido) o engravidasse de regozijo e o levasse a soltar uma exclamação de absoluta alegria. A viagem que então empreende, ao longo de milhares de páginas (do rascunho ao texto definitivo), bem pode ser simbolizada por uma única folha de papel, ao longo da qual, letra após letra, ele vai perseguindo o ente-sendo desejado. Poderíamos adiantar que, tendo perdido algo de familiar muito querido, Joyce depara-se com um estado de angústia suprema. Um juízo de Freud veste-o à perfeição da cabeça aos pés, juízo esse que assim se expressa: «Só nos provoca inquietação não o que é estranho, e sim o que nos era familiar e se torna estranho...» A viagem a que Joyce se dá, tendo por "roteiro" a «Odisseia» de Homero (embora parodie aquela obra clássica com o objectivo de castigar os seus contemporâneos), possui "estações" de suma importância: o indivíduo, a sociedade, a ciência. A existência instável de Joyce (ver mais adiante) não o impediu de seguir uma alta carreira literária, ou melhor, de transformar em escrita a riqueza e os tormentos da vida de uma alma que, em monólogos inte-

riores, se aprofunda até aos máximos limites. Uma busca que só poderá ser adjectivada de busca. Exacto: uma busca-busca. Daí, pois, em nossa opinião, a oportunidade das palavras aristotélicas atrás já mencionadas: «Por isso, também para nós, o principal e primário e, por assim dizer, o único, é estar cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é.» Mas não será que, pelo seu exagero íntimo, Joyce não rompe com a harmonia cósmica...?

Atentemos nas palavras finais do discurso acima transcrito: «Por isso, também para nós, o principal e primário e, por assim dizer, o único, é estar cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é.»

Questão primeira: será possível estar-se sempre «cerca do ente-sendo que é assim inspecionando o que é?»

Questão segunda: não será que muitas vezes (ou algumas) se está envolto no (ou por o) ente-sendo, o que impossibilita a posição de se estar cerca de...?

Questão terceira: não será que o ente-sendo se afasta, por vezes, irremediavelmente de nós? Explicitemos as três questões.

A primeira questão é suscitada pelo juízo segundo o qual («...») o principal e primário e, por assim dizer, o único, é estar cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é.» Pois bem: é possível estar-se sempre «cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é», desde que exista certa distância física entre o corpo que observa (sujeito) e o corpo que é observado (objecto). Por exemplo (e com toda a simplicidade do saber/fazer quotidiano): a distância que vai dos meus olhos à folha de papel em que escrevo. Sem dúvida que o ente-sendo que é a folha de papel em que escrevo me exige estar cerca dela, inspecionando-a em todos os sentidos. Só então posso dizer o que é que está sob os meus olhos: «É uma folha de papel A4!» Atenção, porém: esta exclamação só poderá ser adjectivada de victoriosa, de facto experienciado, caso a minha mão não ocupe a folha no acto de escrever.

Quando a minha mão ocupa a folha no acto de escrever, o que os meus olhos vêem não é uma folha de papel: é pura e simplesmente uma sua fracção. Através dessa fracção é que poderei chegar à amplitude total do ente-sendo que é a folha de papel A4, ao mesmo tempo que, a partir da fracção até ao total, me darei conta de uma série de entes-sendo que, afinal, constituem precisamente a folha de papel: as sucessivas partes que fazem o todo que ela é. A partir desse momento, sim, poderei servir-me de um ponto de exclamação: «Eis uma folha de papel A4!» Abordemos agora um novo aspecto desta pequena (e grande) aventura da visão. Qual...? Referimos

atrás a necessidade de certa distância física entre o corpo que observa (sujeito) e o corpo que é observado (objecto). Se eu me encontrar na minha sala de trabalho e a folha de papel estiver depositada no meu quarto, é mais do que evidente que o ente-sendo que é a folha de papel não existe face aos meus olhos; se estou sentado à minha secretária e a folha de papel se encontra na estante fronteira, de mim afastada uns sete metros, não consigo inspecionar com rigor o que a folha de papel é; e se, finalmente, com a folha diante de mim para o acto de escrever, eu dela me acercar tanto que os olhos pouse na sua superfície, acontece que a folha se desvanece, se desfaz praticamente toda no campo da minha visão. Que resta da folha...? Um mero vestígio que me faz intuir a existência de algo de mais completo: a de uma simples folha de papel que, advinda desta ou daquela árvore, é também um vestígio de Deus... Em resumo: o sujeito (Joyce), quando perante o objecto (o seu monólogo interior), tem de respeitar uma certa distância física. Caso contrário, quebra a harmonia cósmica - e o objecto, o ente-sendo, escapa-se-lhe. Recua muito para além das possibilidades físicas do homem.

Relativamente à segunda questão [não será que muitas vezes (ou algumas) se está envolto no (ou por o) ente-sendo, o que impossibilita a posição de se estar cerca de...?] ocorrem-me as seguintes situações:

A) É óbvio que ora nos encontramos na luz, ora nos encontramos na ausência da luz. Com toda a simplicidade: ou estamos envolvidos pelo dia ou estamos envolvidos pela noite. Quando tal sucede, quer-me parecer que a posição de estar cerca de... perde toda a consistência. E isso porque quando um homem se encontra envolto pelo ente-sendo que é a luz ou envolto pelo ente-sendo que é a escuridão - torna-se impossível admitir a noção de cercacidade. Fixemo-nos, para melhor compreensão, na luz. Ora bem: um homem envolto na luz (i. e., no dia) não pode aproximar-se um milímetro que seja do dia ou da luz. Está no ente-sendo da luz - e mais nada. Cerca de... - é que nunca estará. O que ele pode apreender, sem nunca estar cerca de..., será a evolução da luz (do dia) em todos os seus tons: aurora, manhã, meio dia, tarde, etc., até à ausência (noite) dessa mesma luz. Apreende sem estar cerca de...; apreende pelo simples facto de estar em. Um ente-sendo (a luz) que se propaga a 300 000 quilómetros por segundo não permite ao ente-sendo observador (o homem) que efectue qualquer movimento de acercar-se de... Esse movimento só poderia concretizar-se se o homem usufruísse de uma velocidade superior à da luz. Como semelhante fenómeno se

não verifica, só podemos concluir que o ente-sendo homem (Joyce) e os entes-sendo "n" (vivos, plantas, corpos físicos) estão em o ente-sendo que designamos por luz - e nunca (repetimos) «cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é.»

B) O ente-sendo que é o homem também se encontra envolto pelo ente-sendo que é o ar. No entanto, porque menos rarefeito, porque mais rarefeito, certamente que o ar se não apresenta com as mesmas características da luz, permitindo aquele menos e aquele mais um aproximar-se do homem, um estar cerca de..., uma busca adequada, enfim, do oxigénio exigido pela harmonia cósmica dos seus pulmões. Mas na vida quotidiana, na vida das grandes massas, o homem não está cerca do ar: está dentro do ar, está dentro, em suma, da sua atmosfera. Respira sem qualquer ideia de cercacidade. É natural, instintivo - e não especula. Vive.

C) Um outro ente-sendo susceptível de envolver o ente-sendo que o homem é, furtando-lhe qualquer tentativa de especulação, é a música. Um perito poderá notar uma dissonância entre uma nota e outra nota - mas o homem comum (e o mundo é constituído, na sua maior parte, por homens comuns) não se dá conta dessa dissonância. Não se acerca do ente-sendo que é a música, «inspecionando o que é». Limita-se a uma série de sensações (alegres, melancólicas, eufóricas, etc.) - e eis que pode chorar, e eis que pode dançar... Penso que isto é que é ser humano, fraco, sensível: um constante estar «cerca do ente-sendo que é assim, inspecionando o que é», transformaria o homem num insípido, cruel e exacto computador. O ente-sendo que o homem é necessita de uma certa dose de ignorância, até porque as suas estruturas não suportam demasiada realidade. Há que haver lapsos, hiatos, para serem preenchidos pelo ente-sendo de uma qualquer felicidade. Qualquer, isto é, individual.

Finalmente, a terceira questão: não será que o ente-sendo se afasta, por vezes, irremediavelmente de nós...? De certo que sim - e tal coisa suscita em nós (Heidegger, «Sein und Zeit», §40) uma «inquietação estranha». Inquietação, por consequência. Citando, de cor, um juízo de Freud: «Só nos provoca inquietação não o que é estranho, e sim o que nos era familiar e se torna estranho...» Logo: há uma fuga de ente-sendo que nos deixam em pleno deserto - e, quando assim, é-nos totalmente impossível «estar cerca de...» e muito menos «inspecionando o que é» (o que era, pois que se foi em fuga). E só nos resta, sob os olhos, o ente-sendo que uma folha A4 é, multiplicada pelas quase mil folhas do «Ulisses» de James Joyce.

Pedro Alvim

EINSTEIN

CONCEPÇÃO CILÍNDRICA
DO UNIVERSO

Pedro Alvim

- **S**uponhamos que eu fazia uma viagem de ida e volta ao longo do Universo... Pois bem: se o espaço é realmente curvo, isso significará que é possível, em princípio, viajar à volta do do Universo e voltar ao ponto de partida. É como se alguém deixasse o número da sua porta, o nome da sua rua, e fizesse uma viagem em torno da Terra. Acabaria por chegar à sua rua, à sua porta, ao número da sua casa... E, assim, estaria no meio da multidão dos rostos seus amigos.

- A realidade é outra.

- A realidade é outra...?

- Na tua ideia, empreendes uma viagem a três dimensões. Mas há uma quarta dimensão, que é a do tempo, e

essa quarta dimensão afasta-te para sempre do ponto de partida...

- Explica-te melhor.

- Tão simples! O espaço é curvo, mas o tempo não é...

- Gostaria de apreender esse teu raciocínio...

- Visualiza de olhos fechados.

- Não consigo...

- Tenta!

- Não me tortures - e explica-me a quarta dimensão!

- Descontra-te...

- Ah, sim! Um pouco de ar puro... Olha, uma formiga aqui na minha mesa! Pronto! Sinto-me descontraído...

- Estás...?

- Estou!

- Vê lá! Olha que a especulação cósmica leva à tontura...

- Já a tenho sentido...

- Controla-te! Venceremos a tontura indo de raciocínio em raciocínio. Vá-leu...?

- Estou calmo e seguro. Peço que comeces e não receies por mim... Anda, peço-te!

- Não sejas impaciente!

- Não é impaciência! É, sim, a mais pura, e funda, das curiosidades.

- Concebe, então, uma superfície a duas dimensões, curva e finita numa direcção, mas recta e infinita numa outra direcção: a superfície lateral de um cilindro. Estás a vê-la...?

- Perfeitamente.

- Se traçares uma linha curva que torneie o cilindro, voltarás ao ponto de partida. Certo...?

- Sim. Ponto a ponto, viajo ao longo de uma linha curva...

- É isso... Se traçares, agora, uma linha na superfície, paralelamente ao eixo do cilindro, esta linha será recta e potencialmente infinita.

- Sim, recta e infinita...

- Ora bem... A primeira linha, a linha curva e fechada, é a trajectória no espaço. A segunda linha, a linha recta e infinita, é a trajectória no tempo. Quando concebemos uma viagem ao longo do Universo, temos de conciliar estas duas linhas em movimento...

- Como...?

- É fácil. Imagina...

- O quê...?

- Imagina novamente o cilindro.

- Ei-lo.

- Parte de um ponto no sentido da linha curva...

- Estou a partir...

- Vai desenhando a linha curva (espaço) deslocando-te ao longo da linha recta (tempo). Ora o que sucede...?

- Sucedem... Hesito, não sei como expressar-me.

- Sabes. Mas eu digo-te. Sucedem que, quando completares a linha curva em torno da superfície lateral do cilindro, o

ponto de chegada não coincidirá com o ponto de partida. É como se fizesse rolar um anel ao longo do teu dedo... Assim, pois, quem empreendesse uma viagem em torno do Universo, partindo da porta da sua casa, nunca chegaria a essa porta completada que fosse a viagem. Em termos de tempo, de quarta dimensão, em vez dos rostos da partida, estariam os rostos da chegada...

- Pessoas, em termos de espaço, substituídas por outras pessoas...

- Isso!

- Maravilhoso! Maravilhoso e angustiante!

- Tu o dizes! Quem faz uma viagem, uma revolução em torno do mundo (ou simplesmente à roda de um dia), tem de ser paciente e sábio no tempo da chegada. E haverá sempre quem o receba... Quem...? Isso agora... Repara nesta formiga que busca, no cilindro, o calor do meu dedo! Se o meu dedo se tivesse limitado a uma linha curva e fechada na extremidade inicial do cilindro, não o percorrendo em círculos sucessivos ao longo do seu eixo, nunca este encontro da formiga e do dedo teria ocorrido na outra extremidade... Quem oferece um grão de açúcar a esta formiga que tão quente recebe o meu dedo na superfície fria do cilindro...?



Ilacção - Que o leitor atente na questão profunda que este diálogo nos propõe: nos tempos que foram de Homero («Odisseia»), Ulisses, forçado a ausentar-se de Ítaca, a Ítaca podia regressar e de novo receber o amor não conspirado de Penélope (segundo a lenda, lei aqui, pois crónicas há de mal-dizer que em dúvida põem a castidade de quem dez anos esperou pelo esposo...); nos tempos que são de James Joyce («Ulisses»), e devido, entre outras causas, à aceitação pela comunidade científica da Teoria da Relatividade, de Einstein, espaço e tempo são uma unidade física, pelo que o encontro de Leopold Bloom (Ulisses) com a mulher Molly (Penélope) se não reveste da mesma pureza. Ela fora seduzida por um galã de bairro e cometera adultério. Que atitude, ambígua embora, a de James Joyce...? Parece-nos que a seguinte: a burguesia contemporânea, a da Irlanda do seu tempo e não só, não se mostrava digna dos valores de outrora, ou por outras palavras, não sabia prezar toda uma cultura clássica de que procedia a civilização ocidental. Ou desejaria Joyce que se buscassem novos valores...? O leitor que decida, procurando, ao longo da obra em questão, novas e sempre novas interpretações.

Um perfil

Escritor irlandês de língua inglesa, James Joyce nasceu em Rathgar, Dublin, em 1882, e morreu em Zurique em 1941.

Descendente de uma velha família católica, James Joyce fez os seus primeiros estudos num Colégio de Jesuítas (1893-1898). Daí o seu empenhamento em Aristóteles, situando-o no âmbito da religião cristã. Mais tarde, inscrever-se-ia no College University.

Contrariando os seus condiscípulos, e outros amigos (tal vem registado no "Larousse", embora com certo exagero), recusou-se sempre a participar na agitação nacionalista. Refira-se, no entanto, que escreveu alguns artigos em prol da causa, criticando a posição política britânica.

Esse isolamento levou-o à aquisição de uma sólida cultura, aprendendo diversas línguas. Em 1902, Paris. Um ano depois, novamente na Irlanda, onde dá aulas, por alguns meses, num colégio de Dublin. Casa-se, volta ao Continente, fixa-se em Trieste (1906). Aí vive, com a família, dando lições de inglês.

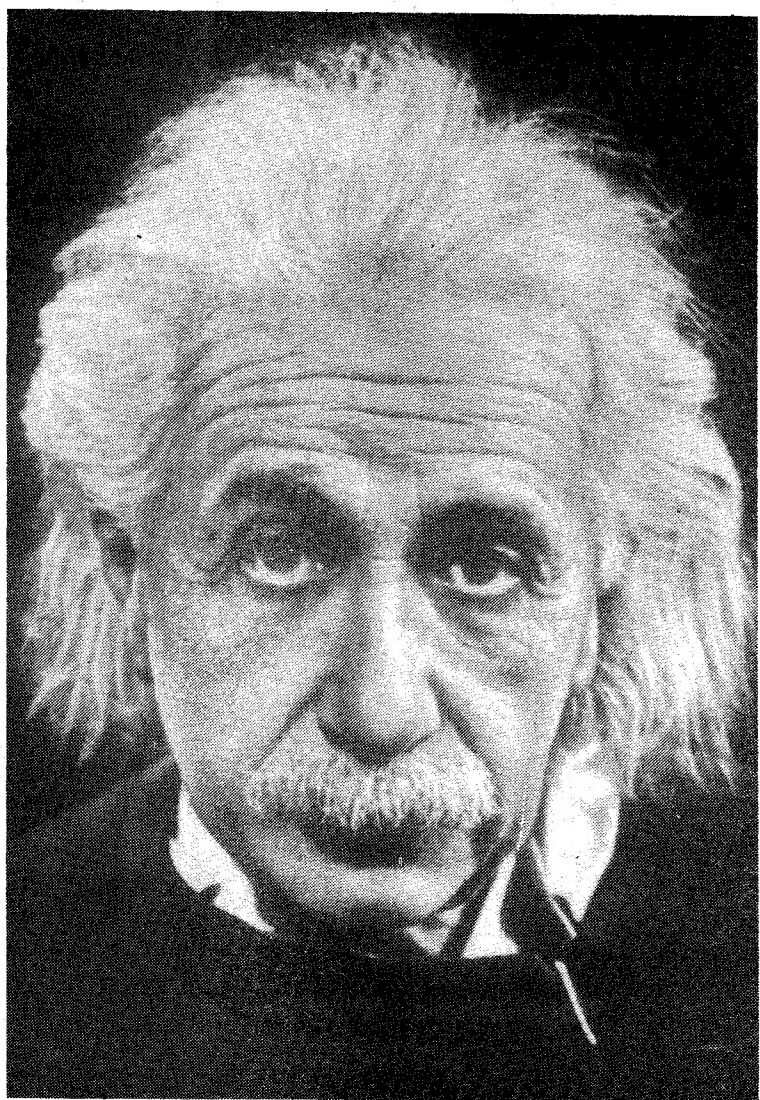
Esta existência instável não o impede de seguir a carreira literária, ou melhor, de transformar em escrita a riqueza e os tormentos da vida de uma alma que, em monólogos interiores, se aprofundará até aos extremos.

Socorreu-se, primeiro, da poesia («Chamber Music»). Mas Joyce não era um poeta - e sim um extraordinário ficcionista. Em 1914, publica a colectânea de novelas «Dubliners» («Gente de Dublin»). Mas o seu génio verbal explode em «Retrato do Artista quando Jovem». Este título, em certa medida, é uma introdução à obra que o tornou famoso no campo da literatura: «Ulisses». Escrito em condições difíceis (a Guerra obriga-o a procurar socorro na Suíça), o romance é considerado pornográfico e proibido nos EUA e na Inglaterra. Mas a obra, editada por um grupo de amigos, triunfa em Paris...

Quase cego, escreve ainda o também célebre romance «Finnegans Wake», constando da sua bibliografia ainda outros títulos.

O esteta
depois

O tempo comporta cinco formas estéticas: a arquitectura, a escultura, a pintura, a música e o perfume. Nós somos essas cinco formas - e somo-lo da seguinte feição: se unicamente corpo, somos arquitectura; escultura, se meditamos; pintura, se à solidão nos encostamos; se alguém encantamos (ou alguém nos encanta), música; e perfume, se habitamos outrem (ou outrem nos habita), como mera recordação.



A Teoria da Relatividade, elaborada por Einstein, influenciou também a escrita de *Ulisses*